

-Novela de Érico Cramer -

15º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao findar o décimo quarto capítulo da novela "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" deixamos Fernando e Beto conversando sobre a ~~sua~~ volta de NADINHO Para sua casa no dia seguinte, quando Beto iria à residência do rapaz para trazer uma outra roupa que ele deveria usar. E a conversa entre os dois foi interrompida mais ou menos neste ponto:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA E BAIXA até SUMIR.

FERNANDO - Escuta, Beto, você não podia passá essa incumbência pra mim?

BETO - Que incumbência?

FERNANDO - De ir na casa do Saguí buscar a outra roupa?

BETO - Pra que? Por que você qué i lá?

FERNANDO - Você já se esqueceu do que eu lhe contei a respeito da irmã dele? Era uma oportunidade de eu voltar a falar com ela, velho.

BETO - Era, não é? Mas o caso é que eu também tô muito interessado em conhecê essa garota, viu?

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.

BETO Não vou perdê a oportunidade também. Ou você acha que vou?

FERNANDO - Por que você está interessado em conhecê-la? Que é que você prete~~nde~~nda dela, Beto?

BETO - Sabe aquele vocabulário de perguntas cretinas, bicho? Esta sua podia sê incluída no meio delas, porque é cretina às pampas. Pelo amor de Deus, Wando; o que -é que um rapáiz jovem pode preten~~de~~de de uma moça jóvem?! Amor, não é rapáiz?

FERNANDO - E você sabe se ela estaria disposta a lhe dar êsse amor que você deseja?

BETO - Isso é que a gente vai vê; não é? Não custa tentá. Se colá, colou se não colá apareço outra. Mulhé não falta. Tem aí dando sopa às pampa.

FERNANDO - Pois se tem tantas, como você diz, deixa essa quieta que não lhe fez nada. Por que você ha de se invocar logo com ela?

BETO - Fica quieto, bicho que eu tenho os meus motivo e os meus plano.

07.11.
11.00
2011

FERNANDO - Ela não tem nenhuma culpa do que a irmã possa lhe ter feito.

BETO - Que é isso, bicho? Você agora virou a defensor das garota, é? Ou vai me dizê que qué defendê a cara porque tá gostando dela?

FERNANDO - Adeantava alguma coisa eu dizer pra você que estava gostando? Você é o cara mais inflexível que eu já conheci, Beto. Quando você se larga numa determinada direção, não tem quem faça você se desviar. E tem mais: você não olha os meios pra atingir os fins.

BETO - Bolasi! Este é o lema de todos nós. E se você pensa diferente você tá mal situado aqui no grupo.

FERNANDO - Você sabe, perfeitamente, porque já me viu discutir muitas vezes com o chefe, que há muitas coisas do nosso regulamento que eu digordo. ~~Eu~~ Eu tenho convicções comunistas, mas em bases cristãs. Chantage, saque, crime, tudo isso eu discordo. Você, não. Você não só concorda como ainda exagera.

BETO - E você, em resumo, acende uma vela a Deus e outra ao diabo. Si eu fôsse o chefe já tinha riscado você do mapa ha muito tempo.

FERNANDO - E êle não risca por que? Porque sabe que eu sou útil na doutrinação dentro dos meios universitários. Aqui ninguem tolera ninguem por camaradagem, ou coisa semelhante. Enquanto a pessoa serve, muito bem; deixou de servir riscam do mapa.

BETO - E não tá certo? Vai deixá aí pra acabá entregando todo o mundo? É muito certo aquele ditado: quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre. Portanto, o verdadeiro é não poupar pra não corrê o risco.

FERNANDO - Isso é o inimigo, mas uma pessoa pode abandonar os companheiros de crechça, ou de ideal, sem se tornar inimigo deles.

BETO - Á... você já té querendo se bandeá que eu tô sentindo.

FERNANDO - Nada disso. Eu sempre fui como sou. Sempre pensei da maneira que penso agora e nunca escondi a minha maneira de ser. Você não me conhece muito porque, pra falar a verdade, nós nunca tivemos maior aproximação. Basta dizer que uma conversa como esta de hoje nós nunca tivemos. Você parece que nunca foi muito com a minha cara, eu sentia isto, então pra que aproximar? O melhor mesmo é nós vivermos como viviamos antes.

~~Wagner~~ - ~~Wagner~~

~~Wagner~~ - ~~Wagner~~

- BETO - Então você que é no meu lugar busca a roupa do Saguí?
- FERNANDO - Não quero mais.
- BETO - Eu deixo você é, mas com uma condição.
- FERNANDO - Qual é a condição?
- BETO - Você arrumá com a garota uma entrevista pra mim.
- FERNANDO - Não, Beto, vá você mesmo buscar a roupa; eu não vou.
- BETO - Não que arrumá a entrevista? Por que? Tem ciúme de mim?
- FERNANDO - Não é questão de ciúme, é que você está querendo me obrigar a fazer um papel miserável com a garota e eu não me presto a isto. Vá você, arrume você mesmo a entrevista, eu fico de fora e não tenho nada que ver com isto.
- BETO - (VEIHACO, QUERENDO DESVIAR) Quer dizer que se recusa a me dá uma mãozinha no trabalho?
- FERNANDO - Pense bem que não é no trabalho. Estou até me propondo a fazer o trabalho por você. O que eu me recuso é de lhe ajudar a usar este trabalho em favor dos seus apetites pessoais. Há muita diferença entre uma coisa e outra, parece.
- BETO - Tá bom, bicho, deixa pra lá a tua ajuda que eu me arranjo sósinho.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL
- HELOISA - A senhora hoje está abatida outra vez, mãe, mas justamente agora não há mais razão para isto. O Nadinho amanhã já deve estar de volta à casa.
- EUGÊNIA - Eu sei e não é por isto que estou pensativa.
- HELOISA - Que há mais então? Diga. A gente desabafando sempre melhora.
- EUGÊNIA - É uma bobagem. Não vale a pena.
- HELOISA - Pode ser uma bobagem, mas tanto está lhe aborrecendo que a senhora não está a mesma de sempre. Desabafa que é o melhor de tudo.
- EUGÊNIA - Você leu, na crônica social, a relação das pessoas elegantes que estavam no teatro ontem?
- HELOISA - Eu?! Eu ler a crônicas social?! Mas Deus me livre! Nem que eu não tivesse mais nada pra ler. Tem gente que diz que aquilo distraí. A mim irrita profundamente. Eu passo por alto. Não olho nem as fotografias, quando tem. Mas porque você perguntou se eu li? Ele fala alguma coisa da senhora?

EUGÊNIA - Não. Exatamente êle não fala em mim. Cita uma porção de pessoas e não diz uma palavra sôbre mim. Isso que eu botei aquele meu vestido preto com etiqueta de Chanel. Podre de chique. Pois nem assim êle disse uma palavra. Eu não posso atinar porque, não posso. Fala na Zizú, na Helga, na Carla - que diga-se de passagem nunca anda lá muito que se diga - na Sandra, na Elisabeth Bosco - que eu nem sei quem é - na Dionéia, na Carmen Sílvia e uma quantidade de outras pessoas e silêncio absoluto sôbre o meu nome. Eu estou até desconfiada que o cronista tenha vindo a saber das coisas que você diz a respeito das crônicas dele e, por vingança, tenha boicotado o meu nome.

HELOISA - Mãe, as coisas que eu digo da crônica social digo aqui em casa, para a senhora e papai. Nunca abri minha boca fora daqui. Por que motivo o cronista havia de adivinhar o que eu penso e boicotar a senhora? Tire isso da cabeça que é uma rematada tolice.

EUGÊNIA - Mas então não sei que outro motivo êle possa ter. Eu nunca deixei de ser citada, nunca. É a primeira vez que isto acontece.

HELOISA - Ele ~~deve~~ ter esquecido. Também não acredito que êle possa guardar na cabeça nome de todo o mundo que estava lá. Devia ter muita gente, não tinha?

EUGÊNIA - Cheíssimo.

HELOISA - Pois então? E he de ter esquecido muitas outras como tu, com certeza.

EUGÊNIA - Pois é, mas a mim êle não podia esquecer. Não podia. Está sempre me pedindo favores e eu estou sempre prestando... Por que êle pensa que eu presto os favores? Pela bonita cara dela? Pois sim.

HELOISA - Mãe, já que isto é tão importante pra senhora, sabe o que a senhora faz, agora? Quando êle vier lhe pedir algum outro favor, ~~xxxxx~~ diz francamente a êle que não pode porque êle se esqueceu do seu nome na noite que a senhora foi ao teatro, pronto.

EUGÊNIA - Ah, mas aí êle briga comigo e nunca mais bota o meu nome. Fica muito pior pra mim.

HELOISA - ^(proporcionando) Pois então compre um bonito presente pra êle, escreva um cartão ofegecendo e dizendo que lamenta que êle tenha esquecido o seu nome

na crônica do teatro. Que a senhora também estava lá.

EUGÊNIA - Isso mesmo. Muito boa ideia. É isto que eu vou fazer.

HELOISA - Fazer, nada. Vai fazer coisa nenhuma. Era só o que faltava. Então não vê que eu disse pra fazer troça? Não tem nada que se dar por achada. Se chegar a falar com ele nem toque no assunto. O melhor com essa gente é não dar confiança. Max justamente porque todo o mundo dá é que eles são tão cheios. Poucha-se no seu lugar, mãe, por amor de Deus! Não se esqueça que a senhora é esposa de um diretor de banco.

EUGÊNIA - Ah isso eu não esqueço nunca, minha filha, nunca!

HELOISA - Não parece. Agora, só por causa de uma sugestão que eu dei por fazer, já a senhora ia se esquecendo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

C/REGRA - TELEFONE CHAMANDO TRES OU QUATRO VEZES. RUIDO DE LEVANTAR FONE

REGINALDO - Pronto, quem fala?

FERNANDO - (FILTRO) É da casa do Doutor Hermes?

REGINALDO - É, sim senhor. Quem fala aí?

FERNANDO (FILTRO) - Eu queria falar com a Márcia; ela está?

REGINALDO - Um momento. (PROJETANDO) Márcia! Márcia! Telefone para você.

C/REGRA - PASSOS DE MOÇA COM SALTO ALTO SE APROXIMANDO CORRENDO

MÁRCIA - Quem é?

REGINALDO - ~~NXAM~~ Não sei. Não disse. Deve ser o rapaz aquele.

MÁRCIA - (AO TELEFONE) Alô! Quem fala?

FERNANDO (FILTRO) - É Fernando, Márcia. Você está bem?

MÁRCIA - Muito bem, obrigada. Você como vai?

FERNANDO (FILTRO) - Sempre muito atrapalhado. Me preparando pras provas que estão chegando. Eu... eu queria dizer a você que está confirmada a saída do seu irmão amanhã e que hoje à noite deve ir alguém buscar uma roupa pra ele.

MÁRCIA - Já telefonaram pedindo essa roupa.

FERNANDO (FILTRO) - Falaram com você?

MÁRCIA - Não. Falaram com Reginaldo.

FERNANDO - (FILTRO) Quem vai buscar é aquele rapaz de quem nós estivemos falando. Aquela do retrato.

MÁRCIA - Eu sei.

FERNANDO ^(FILTRO) - Eu queria pedir um grande favor a você. Será que posso?

MÁRCIA - Claro, Fernando. Pode pedir.

FERNANDO ^(FILTRO) - Eu queria pedir que você evitasse de falar com ele. Pode ser?

MÁRCIA - Pode, é lógico. Eu não tenho nenhum interesse em falar com ele, principalmente depois das coisas todas que você me disse.

FERNANDO ^(FILTRO) - BRINCANDO) Eu pensei que era principalmente depois de me haver conhecido.

MÁRCIA - Isso também.

FERNANDO ^(FILTRO) - E mesmo?

MÁRCIA - Claro. Si eu estou dizendo é porque é.

FERNANDO ^(FILTRO) - Você nem sabe como eu fico feliz. Mas Márcia, o negócio é o seguinte: ele vai ~~me~~ levar a roupa e vai procurar falar com você.

MÁRCIA - Eu mandarei dizer a ele que não desejo falar com ele.

FERNANDO ^(FILTRO) - Não, não faça isto. Não convem. É melhor que quem o estender diga a ele que você não está em casa. Por favor não abra luta contra ele. Você é frágil demais para enfrentá-lo e eu não poderei fazer grande coisa em seu favor sem que seu irmão corra perigo. Por isto, o melhor a fazer é usar de astúcia e despistá-lo sempre.

MÁRCIA - Está bem. Eu farei tal como você está dizendo.

FERNANDO - (FILTRO) Sabe que eu estou com saudades de vê-la?

MÁRCIA - Está com saudades porque quer. Se você tivesse vindo aqui teria me visto.

FERNANDO - ~~sim~~ (FILTRO) Quando é que eu posso ir?

MÁRCIA - Hoje, amanhã, quando você quiser. Eu estou sempre em casa, principalmente à noite.

FERNANDO - (FILTRO) Você quer que eu vá hoje?

MÁRCIA - Bem... você que sabe...

FERNANDO ♦ (FILTRO, INSISTE) Pergunto se você quer.

MÁRCIA - (UM POUCO ACANHADA) Quero.

FERNANDO ^(FILTRO) - Está bem, então eu irei. Só que não poderá ser muito cedo porque teremos que esperar que o outro vá buscar a roupa primeiro e eu não acredito que ele vá antes das nove.

MÁRCIA - Não tem importância. Nós jantamos muito tarde, de maneiras que nove e meia será uma hora muito boa para mim.

FERNANDO - (FILTRO) Pois então está combinado. As nove e meia, si o outro já tiver ido, eu estarei aí para matar a saudade que sinto de você, Márcia. Até logo, então.

MÁRCIA - Até logo

C/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE. PAUSA LONGA

REGINALDO - A conversa foi muito boa. A gente vê pela sua expressão.

MÁRCIA - Foi boa, sim, Reginaldo. E você sabe que eu estou muito feliz pelas coisas que ele me disse?

REGINALDO - Cuidado, Márcia, cuidado! Olhe que você está brincando com fogo. Não se esqueça disto.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Oh, minha filha, eu estava precisamente pensando em você ~~agora~~ e você entrou.

HELOISA - Pensando em mim por que?

HERMES - Porque estava pensando em Nadinho, nos aborrecimentos todos que me tem dado, nos gastos excessivos que sempre fez, na forma arrogante com que se porta diante de mim quando pretendo alertá-lo para as coisas da vida e então comecei a estabelecer uma comparação com você, muito mais equilibrada, muito mais moderada, muito mais consciente das coisas certas e erradas, bem mais dócil e cordata e estava justamente neste ponto quando você entrou.

HELOISA - Nadinho é homem, papai e os homens, depois de uma certa idade, sentem-se diminuídos quando recebem conselhos. Aceitar um conselho, para os homens, é como aceitar a superioridade da pessoa que os dá e eles não gostam de ser inferiores a ninguém.

HERMES - É, pode ser que seja isto.

HELOISA - Pode ser, não. Tenha a certeza que é. (TOM) O senhor não vai sair hoje?

HERMES - Não sei. Sua mãe havia falado aí num cinema, mas no jantar não voltou a falar, eu penso que desistiu.

HELOISA - Mas o senhor deve ir, papai. É bom para os dois. Vão se distrair. Se ficam em casa, envolvem-se, mesmo que não queiram, com os problemas domésticos. Estando lá estão, pelo menos algum tempo, livre dessas preocupações. Quem trabalha todo o dia, como o senhor, precisa ter distrações e não problemas diferentes.

HERMES - É, você está certa. Eu vou falar com sua mãe, agora e convidá-la, mas antes gostaria de saber de você se não há notícias de seu irmão.

HELOISA - Há, sim. Casualmente falei hoje com um rapaz que é irmão do outro que deu carona pra ele e parece que vão chegar amanhã.

HERMES - É uma boa notícia que você me dá. Não gosto desse menino longe da gente. Tenho medo que, a qualquer momento, possa fazer uma tolice.

HELOISA - Como assim papai? Que tolice?

HERMES - Bem, você sabe... Nadinho está acostumado a gastar muito dinheiro. Está longe, não tem a quem recorrer... você sabe como é.

HELOISA - Não, papai, não acredito que Nadinho pudesse chegar a fazer uma coisa desta ordem. Bem, de qualquer maneira amanhã ele já deverá estar de volta e as suas preocupações estarão diminuídas. E agora vá falar com mãe e vão os dois para o cinema. Ela hoje está meio enjoada, vai ser bom pra ela também.

OPERADOR : CORTINA MUSICAL

EUGENIA - Você é muito franca, Lindaure, por isso eu quis pedir a sua opinião. O que é que você acha?

LINDAURA ^(FILTRO) - Queridinha, você quer mesmo saber o que é que eu acho? Acho uma besteira ser tamanho você se aborrecer por causa de uma coisa dessas. Uma bobagem. Uma bobagem.

EUGENIA - Mas por que você acha que ele não botou o teu nome? Diga.

LINDAURA ^(FILTRO) - Eu sei lá por que? Pode muito bem ter esquecido, óra esse.

EUGENIA - Foi o que a Heloisa disse.

LINDAURA - ^(FILTRO) De propósito eu não acredito que ele fizesse. Seu marido é diretor de um banco e ninguém está livre de precisar dele, portanto...

EUGENIA - Eu estive conversando com a Orleta e ela me disse que poderia ter sido uma omissão do linotipista.

LINDAURA ^(FILTRO) - Outra ideia viável. Também podia. Mas responde uma coisa que eu vou lhe perguntar: o fato de você não ter sido citada na crônica do teatro, prejudicou você em alguma coisa?

EUGENIA - Mas claro que sim, Lindaure. Prejudicou o meu prestígio social; então você não percebe?

LINDAURA - (FILTRO) Óra tire o cavalo da chuva, Eugênia. Prejudicou coisa nenhuma. Você não é mais nem menos do que é, por não ter sido citada uma vez na crônica social. É que você se preocupa demais com essas coisa, é isto. Deixa isso pra lá e vai pensar mais nas coisas sérias da vida. Olha, queridinha, tomara que as suas preocupações sejam sempre somente estas.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

LINDAURA - (FILTRO) Olha, queres um conselho? Convida o teu marido e vai a um cinema ver um filme alegre. Quando voltares nem vais mais te lembrar disso.

EUGÊNIA - Casualmente êle está chegando aqui no quarto e está me fazendo sinais que eu não estou entendendo. Vou desligar para atendê-lo. Adeus, Lindaaura, acho que vou aceitar o seu conselho. Boa noite.

C/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE

HERMES - Eu estava querendo dizer a você que estamos quasi na hora da segunda sessão, se você sempre quer ir ao cinema.

EUGÊNIA - Quero, sim. Eu tinha desistido mas agora resolvi ir outra vez.

HERMES - Então vamos logo para não chegarmos atrasados.

OPERADOR : CORTINA MUSICAL.

BETO - Boa noite, chefe.

REGINALDO - Boa noite. Aqui está o pacote com a roupa do Nadinho.

BETO - Como?! Mas eu ainda nem disse ao que vin e você já tá querendo me despachá?

REGINALDO - Mas se já tínhamos falado ao telefone, eu já estava sabendo a razão da sua vinda.

BETO - Acontece que, além da roupa, eu tinha uma outra coisa a fazer aqui. Trago um recado pra uma moço chamada Márcia.

REGINALDO - Pode dar o recado que eu transmito.

BETO - Não posso. O recado tem que ser dado pessoalmente.

REGINALDO - Então não vai poder dar porque ela não está em casa. Saiu com o Pai e a Madrasta na questão de dez minutos. Foram ao cinema.

BETO - Mas eu vi o Pai e a Madrasta saírem e ela não ia junto.

OPERADOR : ACORDE DE SUSTO VIOLENTO.

REGINALDO - Bem, realmente ela não estava junto, mas se você acompanhou o

o carro por uma quadra, deve ter visto que ele parou lá adiante na casa de uma amiga da família, onde ela e a moça da casa embarcaram para ir também ao cinema.

BETO - É, barbicha, eu acho que vou te dá o diploma de escritor, sabe? Tu compõe aí as tuas estória bem direitinho. E ligeiro.

REGINALDO - Você está querendo dizer que é mentôra minha?

BETO - Querendo dizê, não. Eu disse. É mentira tua. É mentira tua por que o carro não parou coisa nenhuma.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE SUSTO.

REGINALDO - Bem, eu não posso convencer você de uma coisa que você não quer acreditar. Faça então o seguinte: deixe o recado para amanhã. Combine uma hora com ela no telefone e venha. De outra maneira não vai dar.

BETO - Tá bem. Si eu não falo com ela hoje, falo amanhã quando o Beto vié, porque ele tando aqui, ninguém vai pretendê impedi a minha entrada dentro desta casa. Ninguém. Eu quero vê quem é que vai tê êsse topete.

REGINALDO - Se você está se dirigindo a mim, perde o seu tempo porque eu sou um simples empregado dentro desta casa e não faço outra coisa sinão obedecer às ordens dos meus patrões. A eles cabe permitir ou impedir que alguém entre nesta casa, a mim não.

BETO - Tá bem, velho. Amanhã a gente se entende. E agora olha bem para a minha cara e escuta bem o que eu vou te dizê: eu sou duro com quem pretende se atravessá no meu caminho, tá?

REGINALDO - E eu vou lhe responder que quando se trata do cumprimento do meu dever, não há espadas nem lanças que me afastem do meu caminho, rapaz. Boa noite. Com licença, eu vou fechar a porta.

C/REGRA - RUIDO DE FECHAR PORTA GRANDE E PESADA.

BETO - Insolente. Ele começa co muita besteira eu aniquilo êle com duas penadas. Te mete do pato e ganço que tu vai vê.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Ele não acreditou; não foi?

REGINALDO - Não. Ele viu seu pai e sua madrasta saírem. O mal foi eu ter dito que você havia ido com eles. Quando êle me disse isto eu dei concertai.

MÁRCIA - Mas você logo remendou porque eu ouvi quando ele disse que você compunha estórias ligeiro.

REGINALDO- Foi. Mas não foi tão bem que chegasse a convencê-lo. Ele percebeu que eu estava mentindo. E percebeu só por uma pequena indecisão inicial.

MÁRCIA - Essa gente é danada. Parece que tem um radar ligado ao pensamento das pessoas a quem interrogam.

C/REGRA - CAMPAINHA DA PORTA DE RUJA.

MÁRCIA - Olhe. Agora deve ser o Fernando.

REGINALDO- Espere. É melhor que eu vá atender. Vamos que ele tenha resolvido voltar para tirar uma prova?

MÁRCIA - É. Você tem razão. Eu fico atrás da porta escutando. Se for ele outra vez eu fico quieta.

C/REGRA - ALGUNS PASSOS DE HOMEM E MULHER, JUNTOS, RUÍDO DE CHAVE E DE ABRIR PORTA.

FERNANDO - Boa noite. A senhorita Márcia?

REGINALDO- Boa noite. Ela está aqui.

MÁRCIA - Boa noite, Fernando; como está?

REGINALDO - Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SOMEM LOGO

FERNANDO - Muito saudosos, Márcia. Desesperado que chegasse este momento.

MÁRCIA - Seu companheiro Beta saiu daqui não faz muito.

FERNANDO - Eu vi. Estava só esperando que ele se afastasse para chegar.

MÁRCIA - Eu acharia melhor que você entrasse para conversarmos na sala.

BETO * (2º PLANO) Boa noite.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO ENORME.

BETO - Eu tinha certeza que ia conseguir falar-lhe ainda ^{esta noite} ~~noite~~

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO. SOBE E CAI PARA BG.

LOCUTOR - Este foi o décimo quinto capítulo da novela de Érico Cramer, "Meu Pai, qual o caminho certo" escrita especialmente para a Rádio Gaúcha. Tomaram parte nos capítulo de hoje os seguintes intérpretes.....(CITAR OS NOMES) Ouçam amanhã, neste mesmo horário mais um capítulo desta empolgante novela. Boa noite.

OPERADOR : CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

OPERADOR : CARACTERÍSTICA DE ABERTURA FORTE E CAL PARA BG.

LOCUTOR - Ao findar o decimo quinto capítulo desta novela deixamos Fernando completamente encantado da vida, conversando com MÂRCIA na porta da casa desta, momentos depois do Pai e da madrasta da moça terem saído para o cinema. A interrupção do capítulo se deu, mais ou menos neste ponto:

07.11.
2011

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA EM FUNDO, BAIXA E SOME.

MÂRCIA - Boa noite, Fernando, como está?

REGINALDO - Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SOMEM LOGO.

FERNANDO - Muito saudoso, Márcia. Desesperado que chegasse este momento.

MÂRCIA - Seu companheiro Beto saiu daqui não faz muito.

FERNANDO - Eu vi. Estava só esperando que ele se afastasse para chegar.

MÂRCIA - Eu acharia melhor que você entrasse, para conversarmos na sala.

BETO - (UM 2º PLANO) Boa noite.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO BRUTAL.

BETO - Eu tinha certeza que ia conseguir falar-lhe ainda esta noite.

FERNANDO - Falar a quem? A mim ou à Márcia?

BETO - Falar com a moça, é claro. O que é que eu vou querê com você?

FERNANDO - Mas acontece que ela está falando comigo e não vai deixar de dar-me atenção para atender a quem quer que seja.

BETO - Bem, isso não é você que vai resolvê. É assunto meu e dela.

MÂRCIA - Desculpe, mas eu não tenho nenhum assunto a tratar com o senhor.

FERNANDO - Ouviu o que ela disse? Vai continuar insistindo?

BETO - Vou, porque se ela não tem assunto a tratá comigo eu tenho a tratá com ela.

MÂRCIA - E não pode ser noutra hora? Tem que ser precisamente agora que nós estamos conversando?

BETO - O assunto é urgente, moça.

MÂRCIA - Está bem. Você vai me dar licença um momento, Fernando, que eu vou conceder dois minutos a este senhor para que ele me diga o que tem a dizer.

FERNANDO - Não, Márcia, eu não vou lhe dar licença. Si ele tiver que lhe dizer alguma coisa vai dizer na minha presença.

MÁRCIA - (SÚPLICE) ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Fernando, por favor... eu lhe prometo que serão apenas dois minutos.

FERNANDO - (DEPOIS DE PAUSA) Está bem. Eu vou até à esquina apanhar cigarros e volto.

C/REGRA - PASSOS SE AFASTANDO NA CALCADA.

BETO - Sujeito rançoso! Age como se você fosse propriedade dele.

MÁRCIA - O que é que o senhor tem a me dizer?

BETO - Não é nada, não. Qué dizê... é a respeito do seu irmão, o Nadinho, mas em dois minutos não dá pra gente falá; Qué se encontrá comigo, amanhã? Ai a gente fala legal. Marca o lugar e a hora.

MÁRCIA - Venha aqui na porta. Fora daqui não lhe concedo entrevista.

BETO - E a hora?

MÁRCIA - A hora que entender. Eu estou sempre em casa.

BETO - Na hora que o Nadinho chegá, então, a gente se fala, tá?

MÁRCIA - Está bem, mas é melhor que saiba, desde já, que não tenho a menor disposição para palestras longas com o senhor.

BETO - Por que esse senhor... senhor... não acha isso tão formal? Afinal nós somos dois jovens e a juventude não se trata assim. Senhor não comunica e o negócio hoje, minha filha, é comunicação. É você, é tu, meu chapa e outrosbicho.

MÁRCIA - Mas eu não sou da juventude moderna. Sou jovem, em verdade, mas educada à maneira antiga e não costumo tratar com intimidade as pessoas que não conheço.

BETO - Eu sou amigo do seu irmão. Frequento a sua casa, pomba! Não chega isto ou precisa mais?

MÁRCIA - Faz pouco tempo que moro aqui com meu pai e não conheço os amigos de meu irmão. Não os conhecendo eles são, para mim, pessoas de cerimônia. Vou continuar a tratá-lo de senhor.

BETO - É pena. Você é uma garota tão bacana e dessa maneira dá impressão de corôa. É corôa quadrada o que ainda é pior porque tem muita corôa pra frente, bacana a bessa.

F/REGRA - PASSOS NA CALCADA SE APROXIMAM.

FERNANDO - Como é? Já passaram mais de dois minutos.

~~XXXXXXXXXX~~

O nosso papel ficava em silêncio. Não se esqueça, hein? Tomou!

C/BECCA - PASSOS DE HOUS NO SE APERTO

BETO - (2º PLANO, PROJETA) A porta do fisco lá no esquina.

FERNANDO - Que é que é de queria?

MÁRCIA - Sei lá. Disse que falar sobre o meu irmão, mas desconfio muito que ele, em verdade, não tem nada para me dizer.

FERNANDO - Cuidado com o ele. Não aceite nem um convite para sair, e também recuse qualquer pastilha ou drop que ela lhe ofereça. Não esqueça.

MÁRCIA - Pode ficar inteiramente descansado. Eu sou um tanto antiga, mas não sou bobá. Sei me defender. A experiência das minhas colegas me ensinou. Aprendi com a desgraça de muitas delas. (TOM) Mas vamos entrar. É melhor conversarmos lá dentro.

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL. FUNDE COM MÚSICA SUAVE E MELÓDICA, PODE SER CANTADA, MAS DE FORMA A NÃO ATRAPALHAR O DIÁLOGO ENTRE OS DOIS.

FERNANDO - Eu fiz questão de voltar a conversar com você, Márcia, para explicar-lhe os motivos que me trouxeram para o grupo e até que ponto eu concordo ou discordo da orientação deles.

MÁRCIA - Ah, então foi só por isso? Que pena! Eu pensei que tivesse sido também um pouquinho por minha causa.

FERNANDO - Um pouquinho, não. Foi muito também por sua causa.

MÁRCIA - Mas você não disse.

FERNANDO - Estou dizendo agora.

MÁRCIA - Porque eu provoquei. É

FERNANDO - Mas eu iria lhe dizer mais adiante.

MÁRCIA - Será?

FERNANDO - Mas então você acha que se eu não me tivesse interessado por você lá de dar ao trabalho de vir aqui procurá-la para dizer-lhe que comecei a pensar assim por isto ou por aquilo? Eu nem ia me importar com o que você pudesse pensar de mim. É ou não é verdade?

MÁRCIA - É... em verdade parece que é...

FERNANDO - Eu não quero que você, no fundo, fique a me fazer censuras, entende? Fique a dizer com você mesma: "que pena! um rapaz tão simpático e com umas ideias tão salussas." (TOM) Eu sei que é assim que a maioria nos classifica.

MÁRCIA - Ainda não me detive a pensar nas suas ideias e menos ainda em classificá-las, Fernando. Simplesmente simpatizei com você porque senti em você uma grande bondade de alma. Isso, para mim, é o mais importante de tudo.

FERNANDO- Bem, mas... eu gostaria de lhe dar uma explicação. Gostaria de lhe relatar os fatos que me fizeram enveredar por essa estrada. Você se interessaria em ouvi-los?

MÁRCIA - Claro. Basta que esses fatos se relacionem com você.

FERNANDO- Bem... eu era gurisóte, ainda, quando certa noite escutei uma conversa entre meu pai e minha mãe. Meu pai chorava e dizia à minha mãe que fizera a melhor prova no concurso para promoção, dentro da repartição em que trabalhava, mas que fôra preterido por todos aqueles que tinham conseguido "pistolão" das figuras importantes da política da época. Resultados continuara marcando passo, enquanto rapazes novos, soltoiros, e menos competentes, eram promovidos, pagavam e ganhar mais e, o que era pior, passavam a comandá-lo. Aquela injustiça feita ao meu pai me calou tão fundo que eu passei a ter uma raiva enorme dos "pistolões", ou seja das pessoas que se prestavam a padrinhos de incompetentes em detrimento dos mais capazes. Mais tarde, no colégio, pude constatar que também as professoras se deixavam influenciar pelo filhos dos grande figurões da cidade e davam-lhe, invariavelmente, os primeiros lugares quando eles, por direito, deveriam pertencer a mim, menino modesto, ao filho de um sapateiro pobretão e ainda ao filho de um quitandeiro que, desencantado, deixou os estudos e se fez carroceiro.

MÁRCIA - Sua revolta, nesta altura, já tinha dois pontos de apoio.

FERNANDO- Exato. E o terceiro apareceu quando eu me vi funcionário de uma grande firma comercial e logo depois aconteceu lá dentro um grande desfalque. Desvio de mercadorias do depósito que eram vendidas, clandestinamente, por preços mais baixos e o dinheiro desviado e dividido entre o filho de um dos sócios da casa e o guarda do depósito, um pobre pretinho humilde, pai de três crianças. Pois bem, ficou constatado que o cabeça de tudo tinha sido o rapaz que, inclusive, coagira o pretinho a associar-se a ele. Entregue o caso à polícia o pai - sócio da casa - prontificou-se a restituir a im

portância desviada, o rapaz afastou-se da firma mas continuou em plena liberdade, enquanto o coitado do pretinho foi prêso e gramou vários anos na prisão. Foi a gota d'agua. A partir desse dia resolvi lutar contra os fortes, em favor dos oprimidos.

MÁRCIA - E é exatamente isso que faz êsse grupo ao qual você pretence?

FERNANDO - Deveria ser, mas infelizmente não /é.

MÁRCIA - Nesse caso por que você não se desliga?

FERNANDO - Primeiro porque não é fácil; corre-se até perigo de vida e segundo porque eu tenho esperança de vir a me tornar líder, no grupo, e então levá-lo para o caminho certo da luta pela liberdade.

MÁRCIA - Eu não entendo muito de política e se fôsse homem jamais me dedicaria a ela, mas eu leio, observo, analiso, comparo e a impressão que tenho ~~maiz~~ dos homens ^{hoje} que regem os destinos da nossa terra é a melhor possível. Eles estão trabalhando com afincio e sinceridade e tornando o Brasil cada dia maior. É claro que muita coisa está ainda por fazer, mas não se pode fazer tudo a um tempo só. Você poderá negar o esforço gigantesco dessa turma para concertar á o tremendo legado de desacerto, de desonestidade, de incapacidade e de desconfiança que áles receberam do passado? O Paiz estava à beira da ruina, completamente desacreditado no estrangeiro. Era necessário um crédito de confiança que lhes foi negado porque ninguem mais acreditava em ninguem. E êsses homens stoicos e abnegados foram conquistando êsse crédito, dia e dia, com o seu trabalho honesto e incansável. Você acha que é lícito sabotar essa gente? Destruir o que essa gente ~~xxx~~ já fez e continua fazendo? Persistir numa campanha de descrédito, fazendo publicar lá fora as maiores calúnias a respeito dessa gente? (PIUSA E TOM) Você vai me perdoar, Fernando. Eu talvez não devesse lhe falar assim logo ao primeiro contato, mas eu olho para você, jovem, belo, inteligente e sadio e não posso me convencer que você, sinceramente, continue a lutar sem motivo, ou melhor: por um motivo que já existiu, mas que hoje não existe mais.

FERNANDO - Eu já disse a você, Márcia que depois que se entra não é fácil sair. Se tentamos a empreitada, ou nos matam os companheiros ou

nos mata a polícia, sob a alegação de que resistimos à prisão. Então a nossa luta, no fim, acaba sendo pela nossa própria sobrevivência.

MÁRCIA - Essa acusação que você acaba de fazer à polícia eu tenho a impressão de que é também uma acusação injusta, Fernando. A gente vê todos os dias nos jornais, na televisão, entrevistas com jovens que se arrependeram, ou reconheceram o seu engano e desistiram da prática do terrorismo, sem que tenham sido massacrados nem mortos pela polícia. Por que então essa desigualdade de tratamento com uns e com outros? Porque com certeza os que morreram reagiram ~~na verdade~~ na verdade. Não, Fernando, eu acho que você ainda não saiu desse caminho porque ainda não se decepcionou completamente, mas tenho muita esperança de que isto venha a acontecer um dia e Deus permita que esse dia não esteja muito longe. E quando isto chegar a acontecer você pode estar certo de que eu estarei muito e muito contente.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - (TENTANDO ACORDAR) Seu Nadinho... seu Nadinho... oh, desgraçado acordá. Bamo, seu Nadinho tá na hora. Mandaro que eu viesse aqui em ribs acordá o sinhê que num dimora vão levá o sinhô pra casa. Seu Nadinho... ôô seu Nadinho... vê se me ouve, desgraçado...
(TOM) Esse é duro de acordá, memo. Pera aí que eu já sei o que é que eu vô fazê. Arrápingo um mucado dagua na cara dele ele acorda logo.

C/REGRA - RUÍDO DE BOTAR AGUA DA JARRA NO COPO.

DOQUINHA - Primeiro eu vô só arrespingá, mas se êle cuntuá a oiá pra dentro sem dá bola pra quem tá aqui do lado de fora, eu embarco todo este copo na fuça dele.

NADINHO - (COMO QUE SENTINDO OS RESPINGOS DAGUA) Ahn... ahn... que é isso?!

DOQUINHA - Num é nada não, é agua. Doutro jeito o sinhô num acordava memo... Disse que é pro sinhô se aliventá logo e se visti que num dimora êles vem buscá o sinhô pra levá pra casa.

NADINHO - (DESPERTO, RÁPIDO) Vão me levar? agora? Ous! Alcança aquela roya pa dali Doquinha. Fuxa vida que eu nunca desejei tanto uma coisa! Chegava a sonhá que tava indo embora pra casa.

DOQUINHA - Por isso que o sinhô tava tão duro de acordá. Num largava a mox fêia.

NADINHO - (RINDO) Que Morféia é essa, Doquinha; onde é que tu foi buscá isso?

DOQUINHA - Ué, voçeis memo num diz, quando eu tô drumindo, que eu tava nos braço do morfeu? Voçeis num vão querê tá nos braço dele, ~~num vão~~ Hão de perfiri os braço da morféia, num é? Pelo meno eu penso, ~~num vão~~ agora... se é deferente... isso é lá com voçeis. Pra mim voçeis pode ficá nos braço dela ou nos braço dele que tanto faiz.

NADINHO - É, tu tem razão, Doquinha. Nem vale a pena eu te explicá o que é morfeu porque tu nem vai intendê.

DOQUINHA - Por que que eu num vô intendê? Por que? O sinhô tá pensando que eu sô alguma inguinoranta? Eu instudei no culêjo de marfabeti-zação de adúrteros intê a segunda cartía, fica o sinhô sabendo, tá? Intê a segunda cartía, num foi a premera, não. (TOM) Quando eu ta va na terceira fôia da segunda cartía eu tive que saí porque o meu nêgo cumeçô a ficá com ciume do professô, só porque êle disse que eu era uma nêga munto intiligente. Daí o nêgo cumeçô a impombá, a impombá, cumeçô a fazê murisqueta pro professô, eu achei mió di-sisti, sinão o nêgo fazia uma bobage e ia sê munto mais pió.

NADINHO - (GOZANDO) Qué dizê que o teu nêgro tem ciume de ti?

DOQUINHA - Nossa! Um ciume que é um disagerp. Chegê a i me ispiá nos lugé adonde eu vô. O sinhô pensa que êle gosta que eu trabaie aqui no meio de tanto home? Ele num gosta. Mas é o causo que aqui eu ganho mais do que lavando roupe eu me empregando de doméstica e então êle deixa que aí êle não precisa trabaia.

NADINHO - Sujeito folgado!

DOQUINHA - Mas êle fica cuidando o barraco, qué dizê que alguma coisa êle faiz.

VOZ - (AFASTADA) (ÁSPERA) Doquinha! Desco!

DOQUINHA - Ih o seu ~~Está~~ Basílio tá chamando. Tá bôo moço, intê qualquer ôtra virada que dê por aí o que a gente se encontre.

NADINHO - Não, não... é melhor não navê virada nenhuma. Obrigado por tudo, Doquinha. S boz sorte pra tí, hein?

DOQUINHA - Brigadinho. Boa sorte pro sinhô tambem.

BETO - (DE LONGE) Sagui, tá pronto?

NADINHO - (PROJETANDO) Xê Tô. É pra descê?

DOQUINHA - É pra descê, sim. Eu me isquici de dizê pro sinhô que quando têsse pronto era pra se mandá. Tchau.

C/REGRA - PASSOS DE DOQUINHA SE ATASTANDO, NA ESCADA.

NADINHO - (PROJETANDO) Já vou descê, Beto. Vou só juntá os meus disco e num momento já tô aí em baixo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Oh, Beto que bom que você voltou! Esta casa estava tão chata sem você. Eu não tinha com quem brigar.

BETO - Bom dia.

HELOISA - (SECA) Bom dia. (TOM) Mas fale, Beto, diga alguma coisa. Eu ainda nem ouvi a sua voz.

NADINHO - Que é que você qué que eu diga?

HELOISA - Sei lá, diga alguma coisa. Minta, pelo menos, que tá contente em voltar pra casa.

NADINHO - Eu tô contente, sim. Já tava sentindo falta. E a mãe?

HELOISA - Deve tá dormindo, ainda. Você sabe que a mãe é difícil levantar antes do meio dia.

NADINHO - Mas eu vou lá acordá ela.

C/REGRA - PASSOS DE NADINHO QUE SE AFSTAM. SOMEM.

BETO - Não me convida pra sentá?

HELOISA - Se quiser sentar pode sentar, mas se vai esperar pelo meu convite vai ficar de pé a vida toda. (TOM) O que é que está me olhando com essa cara ameaçadora? Pensa que vai me assustar? No princípio eu me assustava, agora não.

BETO - Ah é? Pois acho que agora é que você d'via tê mais medo do que no princípio, porque no princípio eu ainda ia com a sua cara, mas agora eu tenho nojo dela.

HELOISA - Ótimo! Assim estamos pagos na mesma moeda.

BETO - A questão é que você não sabe até que ponto eu sou capaz de chegá, quando tenho nojo de uma cara.

HELOISA - Continuamos em igualdade de condições. Eu tambem sou capaz de chegar ao extremo.

BETO - Está querendo me intimidar, é?

HELOISA - Não. Estou querendo apenas prevenir você. Você sabe, melhor do que ninguém, que eu não sou mais uma menina ingênua. Sou, por força dos canaihas com quem tenho convivido até hoje, uma mulher amarga. Uma mulher sem medo. Uma mulher capaz de retribuir um golpe baixo com outro ainda mais baixo. Portanto... cuide-se comigo, Beto.

BETO - Se é uma mulher sem medo, por que foi me esperar à porta do Banco, quando eu ia falar com o seu pai?

HELOISA - Porque meu pai não estava bem de saúde e eu desejei poupá-lo. Ele ia ter um desgosto muito grande e foi isto que eu quis impedir. Agora, ele já está mais ou menos preparado para a realidade. Eu própria tive o cuidado de alertá-lo neste sentido. Se ele chegar a ter qualquer denúncia a meu respeito, ele não passará de uma confirmação às suas próprias dúvidas.

BETO - Então é por isso que você me trata com tanta arrogância? Mas eu sei inventar estórias e envolver pessoas inocentes em tramas diabólicas; não se esqueça disto.

HELOISA - Eu também aprendi a fazer isto. Não esqueça ^{você} que durante dois anos eu lidei diariamente com canaihas da pior espécie como são os amigos de meu irmão. Eles me ensinaram, a cada dia, novos métodos de torpezas e de infâmias. Eles liquidaram, em dois anos, não apenas com a minha inocência, mas com todas as reservas de tolerância e de bondade que existiam no meu coração. Eu já disse e repito para você. A vida me transformou de menina ingênua em mulher amarga. E amarga ao ponto de ferir, com o seu amargor, a qualquer pessoa que possa pretender atingi-la. E agora, se quer me fazer um grande favor, vá embora. Você não tem nada pra fazer aqui.

BETO - Ah é que você se engana, porque eu tenho uma coisa muito importante pra fazer: tenho que falar com sua irmã Márcia.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE GUSTO.

BETO - Quer me fazer o favor de ir chamá-la?

HELOISA - (PAUSA) Não. Não vou ir chamá-la e você não vai falar com ela.

BETO - Vou sim. Já falei ontem.

OPERADOR - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

- BETO - Já falei ontem e combinamos que hoje voltaríamos a falar na hora em que eu viesse trazer o Nadinho.
- HELOISA - Márcia não tem nada para conversar com você, Beto. Deixe a menina em paz. O que é que você quer com ela?
- BETO - Isso não interessa a você. É um assunto entre nós os dois.
- HELOISA - Beto, vá embora. Você não vai falar com Márcia porque eu não vou deixar.
- BETO - Heloisa, Heloisa, não se meta nos meus assuntos. Você vai se sair mal. Eu tô lhe avisando, hein?
- HELOISA - Eu não estou me metendo nos seus assuntos. Estou me metendo nos assuntos de minha irmã. Quero defendê-la e hei de defendê-la a qualquer custo.
- BETO - Pois bem, se você não vai chamá eu vou entrá pela casa toda até descobri onde ela está.
- HELOISA - (LEVANTANDO A VOZ) Beto, você está louco. Você não tem esse direito.
- BETO - Sai da minha frente, Heloisa. (PAUSA) (FORTE, QUASI GRITANDO) Sai da minha frente, já disse.
- C/REORA - TRAMBOLHÃO. CAI UMA CADEIRA E QUEBRA QUALQUER COISA DE LOUCA OU DE VIDRO.
- MÁRCIA - (2º PLANO) Que está havendo aqui?
- OPERADOR + ACORDE DE SURPREZA.
- HELOISA - Nada, Márcia. Eu que tropecei e caí sobre a coluna.
- BETO - É... ela tropeçou e quebrou o vaso. Um vaso tão bonito... Foi uma pena. Mas nós nem nos cumprimentamos. Bom dia, como vai?
- MÁRCIA - (SECA) Bem, obrigada.
- BETO - Eu estava, casualmente, falando em você. Tave dizendo pra Helô que tinha combinado com você, ontem, de ~~xxxx~~ bate um papo, hoje.
- MÁRCIA - Bem, não foi bem assim. Nós não combinamos de bater um papo. ~~xxxx~~ O senhor dizendo assim, a Heloisa pode pensar. O senhor é que me disse que precisava conversar comigo. Como ontem eu não podia atep dê-lo, o senhor então disse que ficaria para hoje, na hora em que viesse trazer o Nadinho.
- HELOISA - Márcia, eu acho que você ganharia muito mais se não batesse papo nenhum com o Beto. E se um conselho meu pode servir para você, apg zar de você ser mais velha, não dê atenção ao que ele diz.

BETO - Eu não entendo porque a Heloisa, agora, deu para me perseguir. Antes ela era muito minha camarada. Chegou até a sair comigo umas duas ou três vezes. De repente, sem nenhuma razão justificada, deu pra falar mal de mim, pra me anarquizar... Sabe que eu às vezes chego a pensar que você tem é ciúme de mim?

HELOISA - Ora vá pro inferno. Ciúme! Era só o que me faltava, sentir ciúme de você. Em primeiro lugar eu nunca fui sua namorada. Nunca tive esse mau gosto, logo por que haveria de sentir ciúme?

BETO - Bom... a gente nunca sabe. Não foi minha namorada, talvez porque eu ^{nunca} ~~me~~ lhe desse confiança.

HELOISA - Vá embora, vá. Você parece que fez questão de vir aqui só para ~~me~~ estragar o dia da gente que prometia ser ^{Vão} ~~um~~ bom.

BETO - Vou embora por que? si eu tenho que falar com a sua irmã? Vá embora você que tá atrapalhando a gente.

HELOISA - Eu não vou. Se você tem que falar com ela vai falar na minha frente porque eu não vou sair daqui.

BETO - Márcia, eu acho melhor você convencer sua irmã de não ser tão cabeça dura que vai ser melhor para todos nós.

MÁRCIA - Heloisa, vá. (PAUSA) Por favor. (PAUSA) Vamos terminar logo com isto. (PAUSA) Vá, não tenha receio. Pode confiar em mim.

HELOISA - Está bem, Márcia. Eu vou... a seu pedido. Mas queira Deus que você não venha a se arrepender.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Este foi o décimo sexto capítulo da novela "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" escrita especialmente por Erico Cramer para a Rádio Gaucha. No capítulo de hoje tomaram parte os seguintes elementos: ELISABETH DORNELLES - ALVARO SANTOS - INADIR MIRAPALHETA - ESTER CASTRO - LUIZ SANDIM - deni gris - e ADROALDO GUERRA. (Seguem os nomes de Operador, Contra Regra, Direção, etc. etc) Ouçam amanhã, neste mesmo horário, mais um empolgante capítulo desta novela, presente da Rádio Gaucha aos seus ouvintes. Boa tarde.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO.

- NOVELA DE ÉRICO CRAMER -

17º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA - CAI PARA BG.

LOCUTOR - Ao final do décimo sexto capítulo desta novela deixamos Heloisa, Márcia e Beto na sala da casa do doutor Hermes, logo após a volta de Nadinho para casa. O rapaz queria que Heloisa se retirasse da sala para que ele pudesse falar livremente com Márcia, a quem ele vinha procurando sem que se soubesse o verdadeiro motivo. Heloisa, por conhecer a periculosidade de Beto insistia em não deixar a irmã sózinha com ele e o capítulo terminou quando o diálogo estava mais ou menos nesta altura...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL SOBRE, VAI CAINDO E SOME

BETO - Eu não entendo por que a Heloisa, agora, deu para me perseguir. Antes ela era muito minha camarada. Chegou até a sair comigo umas duas ou três vezes. De repente, sem nenhuma razão justificada, deu pra falar mal de mim, pra me enarquizar... Sabe que eu às vezes chego a pensar que você tem é ciúme de mim?

HELOISA - (PURIOSA) Óra vá pro inferno. Ciúme! Era só o que me faltava, sen tir ciúme de você. No primeiro lugar eu nunca fui sua namorada. Nunca tive êsse mau gosto, logo... por que haveria de sentir ciúme?

BETO - Bom... a gente nunca sabe... Não foi minha namorada, talvez porque eu nunca lhe desse confiança.

HELOISA - Vá embora, vá. Você parece que fez questão de vir aqui só para estragar o dia da gente que prometia ser tão bom.

BETO - Vou embora por que?, si eu tenho que falar com sua irmã? Vá embora você que tá atrapalhando a gente.

HELOISA - Eu não vou. Se você tem que falar com ela vai falar na minha frente porque eu não vou sair daqui.

BETO - Márcia, eu acho melhor você convencer sua irmã de não ser tão cabeça dura que vai ser melhor para todos nós.

MÁRCIA - Heloisa, vá. (PAUSA) Por favor. (PAUSA) Vamos terminar logo com isto. (PAUSA) Vá, não tenha receio. Pode confiar em mim.

HELOISA - Está bem, Márcia, eu vou... a seu pedido. Mas queira Deus que você não venha a se arrependar.

07.11.2011

CYRILIA - PASSOS DE HELOISA S/S APASTANDO.

BETO - (DEPOIS DE PAUSA, SORRINDO, CANALHA) Ela diz que não mas ela tá é com ciúme de você. Ela pensa que eu não manjo. Toda a vida ela gostou de mim.

MÁRCIA - O que é que o senhor quer de mim; pode me dizer?

BETO - Nós precisamos tê uma longa conversa, viu?

MÁRCIA - Comece, então. Eu estou pronta a ouvir.

BETO - É a respeito do seu irmão, sabe? Ele ficou amedrontado com o que lhe aconteceu no primeiro trabalho em que êle foi escalado e, pelo jeito, tá querendo dá pra trás. Isso é perigoso. Ele precisa tomá jeito, sinão pode acontecê um troço muito chato pra êle.

MÁRCIA - E o que é que o senhor acha que eu posso fazer?

BETO - Bom... qué dizê... êle precisa sabê que não tá disfarçando bem o seu arrependimento e que isso pode lhe custá muito caro. Eu não vou fazê nenhuma falseta pra êle, sou amigo dele podendo escondê eu escondo, mas o caso é que se outro chega a observá o que eu observei isso pode custá muito caro pra êle.

MÁRCIA - E então o senhor pretende que eu o aconselhe a proseguir nesse caminho errado em que êle se lançou?

BETO - Como caminho errado? Como é que você pode garanti que seja errado? Por acaso você examinou bem o outro caminho pra podê afirmá que êle é que é o certo?

MÁRCIA - Não seria necessário um exame muito longo para se chegar a essa conclusão. Bastaria examinar os métodos usados por vocês para atingir os fins visados. Sequestrando, roubando, ferindo e matando. Isto pode ser certo? Responda. Isto pode ser certo?

BETO - Pode, porque sequestramos, roubamos ferimos e matamos gente que nos deve. Apenas cobremos de quem nos deve. Só isso.

MÁRCIA - Quantos inocentes têm ~~já~~ sido sacrificados a cada encontro de vocês com os homens da lei, quantos! Já não me refiro aos que estavam nos seus postos, trabalhando, cumprindo com o seu dever e defendendo o seu pão de cada dia, mas aos incautos transeuntes que passavam por acaso no local da luta e caíam sem que chegassem a saber a razão de sua morte. Estará certo um procedimento

- desta natureza? Não acredito e ninguém de bom senso poderá acreditar. Portanto não perca o seu tempo com as suas justificativas porque elas nunca me convencerão.

BETO - Isso quer dizer que não dará um só passo para procurar salvar seu irmão?

MÁRCIA - Nesse sentido, não porque acho que a salvação dele será afastar-se de vocês definitivamente.

BETO - E você não compreende que depois que se vai até aonde ele foi, não se pode mais recuar?

MÁRCIA - Acho que sempre é tempo para se procurar corrigir uma coisa que se fez mal feita.

BETO - Mas isso pode custar-lhe a vida. Será que você não entende?

MÁRCIA - Entendo que é preferível morrer a viver-se na indignidade. Por isso não lhe direi uma só palavra em favor do grupo.

BETO - Escute, eu tenho que ir agora e não poderemos continuar o assunto. Não quer encontrar-se comigo logo à noite para conversarmos mais longamente e ver se chegemos a um denominador comum?

MÁRCIA - Não tenho o menor interesse neste sentido mesmo porque (CORTA) (T) Eu só me encontraria com o senhor, se obtivesse uma promessa sua.

BETO - Farei todas as promessas que desejar.

MÁRCIA - Quero uma só.

BETO - Pode dizer.

MÁRCIA - Irei encontrá-lo à noite, onde quiser, desde que me prometa devolver o retrato de minha irmã que está em seu poder.

BETO - Meu Deus, tão pouco. Prometido.

MÁRCIA - Onde e a que horas iremos nos encontrar?

BETO - Esteja hoje às nove horas da noite ali na esquina que eu passarei com a minha moto e iremos a um lugar muito bacana. É um lugar que eu tenho a certeza de que você ainda não conhece.

MÁRCIA - Está bem. Eu irei ao encontro, mas leve o retrato. E não pense que será fácil me ludibriar. Eu posso parecer ingênua mas não sou tanto quanto pareço.

BETO - Não pretendo enganá-la, Márcia. Gostei de você e tenho a esperança de fazer de você uma das nossas.

MÁRCIA - Perca essa esperança, meu caro. Eu nunca fui apologista da violência para resolver fôsse lá o que fôsse. Acho que a lógica e o bom senso foram as armas que Deus nos forneceu para resolver qualquer problema difícil, qualquer situação complicada de nossas vidas.

BETO - Nós vamos conversá depois sôbre isto.

MÁRCIA - Não, nós não temos mais nada a dizer sôbre êste assunto. Já disseñ mos tudo que pensavamos um ao outro. É inútil insistir.

BETO - Posso lhe fazer um pedido? Não diga a ninguém que vai sair comigo. ~~Eu~~ Iriam logo procurar ~~impedir~~ barrar o nosso encontro.

MÁRCIA - Não precisa ter receio. Tenho o maior interesse em recolher a fotografia de minha irmã, portanto não faltarei.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGENIA - Nunca mais torne a fazer isto, meu filho. Você nos preocupou muito com a sua ausência.

NADINHO - Eu não acredito que tu tenha te preocupado, mãe. Não acredito.

EUGÊNIA - E por que não? Você fala assim como se eu fôsse uma criatura insensível. Qual é a mãe que não vai se preocupar com a ausência de um filho, meu Deus? Ou você acha que eu sou uma mãe desnaturada?

NADINHO - Não, desnaturada seria exagero, mas despreocupada. Isso você é.

EUGÊNIA - Oh menino injusto. Pergunte à sua irmã o quanto eu estive aflita enquanto você esteve longe. E principalmente depois que ela me contou o verdadeiro motivo. Você merecia umas boas palmadas, isso é ~~que~~ que você merecia.

NADINHO - Que motivo, mãe? Eu tava viajando. Viajando com uns amigos.

EUGÊNIA - Mentira, mentiroso. Viajando nada. Pensa que eu não sei que você se meteu em complicações de política. Isso l-a é coisa para você, Nadinho? O que é que você entende desses assuntos, pelo amor de Deus?

NADINHO - Mãe, eu é que te pergunto: o que é que tu entende desses assuntos pra dá palpite?

EUGÊNIA - Entendo que você não tem o direito de preocupar a gente com assuntos que não são da sua alçada. Política é pra gente madura, não é para fedelhos como você.

NADINHO - A gente madura que tu que dizê são os velhos quadrados que não se afastam nem um centímetro dos moldes estabelecidos pelos caducos

de outros tempos? Não, mãe, se os jovens não tomam as rédeas e não tocam esse negócio pra frente, continua tudo no mesmo. Não se sai nunca do mesmo lugar. O que o Paiz precisa é justamente de gente nova, de sangue novo, de ideias novas. Precisamos avançar e não estacionar ou recuar. Na primeira oportunidade que eu tiver de falar com o pai eu vou...

EUGÊNIA - (CORTA) Ah espera. Deixe avisá-lo de uma coisa: seu Pai não está sabendo nada do que aconteceu com você. É o único aqui em casa que não sabe a verdade, portanto tenha muito cuidado quando falar com ele que é para não escorregar.

NADINHO - E por que papai não pode saber? Será crime, talvez, um jovem ter ideal? Eu acho uma bobagem esconderem isto de papai. Pois eu mesmo vou dizer-lhe assim que estivermos juntos.

EUGÊNIA - Não, meu filho, você não vai lhe dizer nada e sabe por que? Porque seu pai anda doente e o médico recomendou que ele evitasse toda e qualquer incomodação. E foi exatamente por isto que não lhe dissemos nada.

NADINHO - O que é que o médico acha que ele tem?

EUGÊNIA - Um problema de coronárias. Por isso está proibido de qualquer emoção mais violenta. E vai ser violentíssima a que ele vai sentir, o dia que descobrir onde você se meteu.

NADINHO - Óra, mãe, não amola. O pai tem que deixá de sê quadrado um dia. Será que ele vai querê que a juventude atual pense como pensavam o avô e o pai dele? É forte, né mãe? Hoje a mocidade tem pensamento próprio. Pra isso se fez a revolução de ideias.

EUGÊNIA - Meu filho, eu não tenho capacidade para discutir com você, mas procuro acompanhar o desenvolvimento de tudo e não apenas da moda, como vocês pensam. Acho que a revolução de ideias poderia estar certa, se não adotasse os métodos que adota. Que ela fôsse revolução de ideias, somente e, pelas ideias, procurasse vencer, convencendo. Mas assaltando, roubando, sequestrando e matando, não posso de jeito nenhum concordar. Não há ideal, por mais sagrado que seja que justifique o roubo e a morte. Pense bem no que estou lhe dizendo e chegará à conclusão de que estou certa e errado, está você.

NADINHO - Eu já pensei tanto, velha, que se continuá pensando vou acabá fundindo a cuca e então é melhor deixá o negócio como está.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - A senhora não devia ter deixado Márcia sózinha na sala com aquele tarado, dona Heloisa. Não devia. Principalmente porque si ela aceitou alguma proposta dele ela não vai nos dizer.

HELOISA - Mas que proposta você acha que ela poderia aceitar, Reginaldo?

REGINALDO - Sei lá. Ela é um capêta terrível, um homem capaz de qualquer negócio para satisfazer seus apetites. Pode muito bem inventar uma estória, onde envolva você ou o seu irmão e ela se deixar ~~ex~~ levar, na intenção de ajudá-los. Inda mais agora, que tem um outro companheiro deles que anda arrastando a aza por ela e ela se mostra bem entusiasmada por êle. Sabe lá o que os dois podem ter combinado para arrastar a coitada a ~~um~~ local êrmo onde ela fique a mercê desses bandidos.

HELOISA - Espere, Reginaldo, também você está raciocinando como se Márcia fôsse um hebesinho ou uma garota leviana, o que ela não é. Pelo contrário, Márcia é uma moça de vinte e tres anos que sabe muito bem o que quer e o que faz. Estou certa de que ela saberá defender-se muitíssimo bem, se for atacada.

REGINALDO - Pois eu tenho muito medo de que ela se deixe envolver por êsses tarados. Êles são formados em inventar estórias e criar situações falsas para impressionar e atrair os incautos. Ela tem muito boa fé e êsse é que é o meu medo maior. Ela está convencida, por exemplo, de que Fernando é uma jóia de rapaz e que...

HELOISA - (CORTA) Espere. Quem é êsse Fernando que eu não estou sabendo?

REGINALDO - Um dos componentes desse grupo de malucos que el, conheceu por acaso nem sei onde e que já esteve aí, ontem de noite, conversando com ela.

HELOISA - Ah, não sabia desse detalhe.

REGINALDO - Pois é, e embora eu tenha lhe chamado a atenção para o perigo que ela corre andando na companhia desse camarada, ela não acredita e só me diz que êle é diferente, que êle é um idealista de verdade, que êle precisa dela e que ela tem esperanças de arrastá-lo das garras dessa gente.

HELOISA - Triste ilusão. Se todos forem da força do Beto, ela vai ver que parada dura terá que enfrentar.

REGINALDO - Você está compreendendo, agora, porque estou tão preocupado?

HELOISA - Quando ele sair, ela, naturalmente, vai nos contar a conversa que tiveram e a gente vai procurar alertá-la.

REGINALDO - Talvez você, que é moça como ela, possa melhor conseguir isto do que eu. Uma pessoa mais velha, sabe como é, é sempre levada à conta de ranzinza, de casmurra e até de estrazada. Quando tiver oportunidade de estar com ela a sós, aproveite para falar no assunto... (CORTA. TOM)

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

REGINALDO - (MEIO TOM) ... aí vem ela. Eu vou sair para que seja agora essa oportunidade.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM - DE HOMEM.

MÁRCIA - Ele está aborrecido?

HELOISA - Não. Preocupado, apenas.

MÁRCIA - Mas não há razões para preocupação. Juro que não há.

HELOISA - Eu também acho, mas você sabe que Reginaldo se preocupa demais. Pensa que nós ainda somos criancinhas, como quando ele veio para cá. (TOM) Mas afinal o que é que ele queria com você? Pode-se saber?

MÁRCIA - Naturalmente. Por que haveria eu de fazer segredo? Ele não quer nada, entende? Vai com aquelas conversas tôlas de simpatizar muito comigo, convidar-me a passear de noite com ele... a

HELOISA - (SALTA) Você não caia na asneira de sair com esse sujeito. Ouça o que eu lhe digo: não caia na asneira de sair com ele nem de dia, quanto mais de noite. Esse sujeito é a própria indignidade, a própria infâmia em forma de homem. Tenha muito cuidado com ele, Márcia. Tenha o máximo cuidado com ele.

MÁRCIA - Não se preocupe, Heloisa, eu não vou sair com ele. Respondi-lhe evasivamente porque já senti que ele não é desses rapazes a quem se possa fazer frente, mas quando ele aparecer dou uma desculpa qualquer e não vou.

HELOISA - Se você for, esteja certa de que vai se arrepende e muito. Digo-lhe isto por experiência própria. Se você soubesse...

MARCIA - Fique tranquila, Hainiss. Você não vai ter que se preocupar por minha causa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Eu estava aflito para poder conversar com você sem testemunhas para poder dizer-lhe algumas coisas que há muito tempo vem me preocupando, meu filho. Nesses poucos dias em que você esteve ~~nessa~~ ausente, sabe quanto eu paguel de dívidas suas, ~~meu~~ Nadinho?

NADINHO - Posso mais ou menos te dizê, velho. Cento e setenta cruzeiros de oficinas. Concerto do carro. Oitenta e poucos que eu deixei pendu rado no bar. Minha conta de cigarros. É cento e vinte cruzeiros de um cadaver que me apareceu na hora de embarcá e eu dei um bilhete te te pedindo pra entregá o dinheiro, pra êle.

HERMES - Cento e vinte cruzeiros? ~~Não~~ Nada disto. Hum mil e duzentos cruzeiros, ou seja, em dinheiro antigo, um milhão e duzentos. Foi isso que você me pediu para pagar ao portador do bilhete.

NADINHO - Que milhão coisa nenhuma, velho. Tem nada de milhão. Olha bem o bilhete que tu vai vê: cento e vinte cruzeiros.

HERMES - É simples. Podemos verificar agora mesmo. Tenho o bilhete aqui na minha carteira. (PAUSA) Está aqui, ó. (LENDO) Papai, peço entregar ao portador mil e duzentos cruzeiros que é uma dívida que eu tenho com êle. Nadinho". (COM) Veja: mil e duzentos cruzeiros.

NADINHO - Mas não era, velho. Eu não escrevi mil e duzentos. Eu escrevi cen to e vinte. (PAUSA) Repara bem que este zero foi colocado depois. Êle tá menor que os outros e a tinta não é bem igual.

HERMES - (PAUSA) É, mas a culpa é toda sua, porque quando a gente escreve uma quantia em algarismos, logo a seguir, entre parênteses, decla ra a importância por extenso. Principalmente em recibos ou ordens de pagamento. Você botou só em algarismos o número cento e vinte, ao fim de uma linha e deixa espaço em branco, o que é que os seus amigos fizeram? Acrescentaram um zero, uma vírgula e mais dois ze ros. Agora é que, reparando bem no bilhete, eu percebi que só o número cento e vinte foi escrito por você. O resto a tinta é para cida, mas não é bem igual. Mas você tem como falar com êsse seu amigo, não tem?

NADINHO - Tenho.

HERMES - Então você vai relembrar dele a vigarice que fez em seu nome e obrigá-lo com a polícia. Você não pode deixar isto assim, meu filho. De jeito algum.

NADINHO - Deixa, velho, eu vou falá com ôle e apeito ~~na~~ negócio sem metê polícia ^{no meio}. Deixa a polícia pra lá.

HERMES - Bem, faça lá como você quizer, mas dê um jeito nesse assunto e o mais depressa possível.

NADINHO - Tá, velho, tá. Eu vò fazê. Já disse que vou e tá acabado. Tchau.

G/REGRA - PASSOS DE NADINHO QUE SE AFASTA.

HERMES - É essa a gente com quem meu filho se metos aproveitadores, vigaristas, exploradores, homens que estão mostrando o que são no seu aspecto e ôle não vò isto. Inda diz que são seus amigos. Amigos como êssas é muito melhor não tê-los.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - Onde é que anda a gente desta casa, Reginaldo? Pergunto pela Eugênia, não está; pergunto pela Meloisa, não está; pergunto pela Márcia, saiu... Hermes a estas horas está trabalhando, é lógico, Nadinho anda viajando...

REGINALDO- Não, não... Nadinho já voltou. Chegou hoje pela manhã.

LINDAURA - Ah chegou? Não sabia. Onde é que êla andou?

REGINALDO- Sabe-se lá. Rapaziada, quando se junta, nem é muito bom a gente querer saber por onde andou.

LINDAURA - Ah bom, isso é. São lugares tão excusos e tão tenebrosos que o melhor, mesmo, é ignorar.

REGINALDO- E nem eles vão dizer para a gente, vão mentir.

LINDAURA - Não, não... hoje dizem. Fazem questão de dizer. O mundo está de um jeito, Reginaldo, a rapaziada está de tal forma desbragada e sem respeito para com os mais velhos, que eles dizem até muito mais do que fazem ou pra se prostrar ou para nos escandalizar.

REGINALDO- É, isso é mesmo verdade; a senhora tem razão.

LINDAURA - Estou acostumada assim com os meus sobrinhos. Eles fazem assim. Às vezes me aparecem e começam a me contar coisas para provocar de mim explosões de censura. Sabe o que eu faço? Rio junto com eles, finjo que estou achando uma graça enorme das coisas que me contam e eles no fim se apianam.

REGINALDO - É a melhor maneira de proceder, sem dúvida.

LINDAURA - Claro. Eles querem é uma oportunidade de me chamar de velha quadrada, de atrozadona, de ignorante, de pessoa que estacionou no tempo e não acompanhou o ritmo da vida e uma porção de coisas mais que eles inventam. Então você acha que eu vou dar a eles essa oportunidade que eles querem? Não dou. Esse gostinho eles não têm comigo. E eles vão, vão, vão e de repente, sentindo a inutilidade dos seus esforços, apela e dizem um palavrão. Eu, na mesma hora, digo dois em troca. Eles acabam desistindo e vão embora, depois de ouvir todos os palavrões que eu sei. Aí eu vou lavar a boca.

REGINALDO - (DEPOIS DE RIR COM VONTADE) Essa de lavar a boca está muito boa! Só de senhora mesmo, dona Lindaura.

LINDAURA - Claro. Você acha que pode ser por menos? É porque você não sabe os palavrões que eu digo. E tem mais: sabe onde aprendi essas palavrões? No teatro moderno. No meu tempo, nem baixinho a gente ouvia certas coisas. Lá de vez em quando, aparecia um ham grande, escrito num muro com tinta ou com carvão. E a gente sabia que era feio, mas não sabia o que era. Hoje, com a escola do teatro moderno e de literatura moderna, a gente aprende todos eles e mais o sentido deles. Está faltando, apenas, o palavrão ir para as escolas. Só isto.

REGINALDO - Credo, dona Lindaura, nem preconize uma barbaridade dessas.

LINDAURA - E por que não? Vai chegar o tempo e do jeito que as coisas vão - que os professores vão entender que uma vez que os palavrões existem e fazem parte do nosso vocabulário, que as crianças precisam saber pronunciá-los corretamente e empregá-los no devido lugar.

REGINALDO - Não, não... isso não há de acontecer.

LINDAURA - Espero e peço a Deus que, pelo menos enquanto eu existir, não aconteça. (TOM) Bom, eu vou embora. Por favor diga à Eugênia que estive aqui com um cable deste tamanho pra contar pra ela, mas que depois eu volto.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL RUIDO DE BUA. MOTOCICLETA VEM CHEGANDO E PARA. DEPOIS DAS HABITUAIS DESCARGAS.

18º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA SOBRE E BAIXA

LOCUTOR - Ao findar o décimo sétimo capítulo desta novela, deixamos Heloisa e Reginaldo preocupados com a inesperada e misteriosa saída de Márcia na companhia de alguém que Heloisa não conseguira identificar. Rememoremos um pequeno trecho do final daquele capítulo:

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA EM FUNDO, VAI BAIXANDO E SOME.

REGINALDO - Será que essa menina saiu sem avisar a gente?

HELOISA - Eu acho que sim. Se não me engano, ela passou na garupa de um motociclista, há poucos momentos, ali na esquina. Eu vinha chegando e o que me chamou atenção foi justamente a semelhança com ela. Se eu estivesse no meu carro, teria ido atrás para verificar, mas vim com um colega e ele estava com pressa, não me foi possível fazer isto.

REGINALDO - Meu Deus do céu, o que é que essa menina foi fazer de motociclista?! (TON) Ah, já sei. Com certeza foi passear com o tal de Fernando e não quis que a gente soubesse.

G/REGRA - DUAS CHAMADAS DE TELEFONE, NA TERCEIRA LEVANTA FONE DO GANCHO.

HELOISA - Alô? Quem fala?

FERNANDO- (FILTRO) Quer me fazer o favor de chamar a Márcia?

HELOISA - Quem é que quer falar com ela?

FERNANDO- (FILTRO) É Fernando. Um amigo dela.

HELOISA - Fernando? Mas eu pensei que ela tivesse saído com você. Há poucos momentos eu a vi numa motocicleta com um rapaz...

FERNANDO- (FILTRO) Numa motocicleta?! Com um rapaz?! Meu Deus, eu preciso encontrá-la imediatamente!

G/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR DO OUTRO LADO DO FIO.

HELOISA - (AFOBADA) Alô, Fernando! Alô!... Desligou.

G/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE EM 1º PLANO.

HELOISA - Ele ficou tão afobado que me deixou seriamente preocupada. (PAUSA) Será que Márcia saiu com... (TON) Meu Deus, eu nem quero pensar.

REGINALDO - Só pode ter sido o safageste do Beto. Que artimanhas terá empregado aquele demônio para convencê-la?

07.11.
2011

REGINALDO- E agora? Não precisamos fazer alguma coisa por essa menina. Não podemos deixá-la assim ao sabor da própria sorte.

HELOISA - Que poderemos fazer, Reginaldo, se nem sabemos onde é que eles ficaram? Só podemos esperar que ela volte.

REGINALDO- Mas até lá, quanta coisa poderá acontecer? ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

HELOISA - Paciência. Você avisou que ela tivesse cuidado com ele, eu avisei, todo o mundo avisou. Ela foi teimosa não poderá se queixar sinão dela mesma.

REGINALDO- Eu não vou poder ficar aqui de braços cruzados, dona Heloisa; eu tenho que procurar fazer alguma coisa.

HELOISA - Mas o que é que você vai poder fazer, Reginaldo? Acorde. Vamos esperar um pouco. Fernando ficou muito aflito ao saber que ela tinha saído e disse, ao telefone, que precisava encontrá-la imediatamente. Acredito que tenha saído em seguida à sua procura.

REGINALDO- E o que poderá adiantar, si é do mesmo grupo do outro?

HELOISA - Mas não pode ser tão ruim como o outro.

REGINALDO- Você quer saber o que eu penso? Acho que os dois afinam pelo mesmo diapasão.

HELOISA - Não me parece, Reginaldo. Pela voz, pela maneira de falar, pela afobação em que ele ficou, acredito que tenha um sincero interesse por Márcia.

REGINALDO- Qual o que. Isso é uma cambada de desalmados. O prazer deles é destruir a paz e a inocência das pobres bocas que se deixam levar pelas suas cantadas. A vontade que tenho é de ir à polícia e pedir providências.

HELOISA - (CHOCUE) Não, Reginaldo, não. Você não pode fazer isto. Eles entregariam Nadinho e matariam papai de desgosto.

REGINALDO- E ficamos, então, de mãos atadas sem poder dar um passo em favor de Márcia.

HELOISA - Vamos aguardar um pouco. Fernando sentiu que eu também estava aflita. Pode ser que se lembre de nos avisar, se chegar a encontrá-la.

REGINALDO - Como a senhora se ilude facilmente com as criaturas! Que se importa ele que estejamos ou não aflitas?

- HELOISA - Eu talvez me iluda facilmente, mas você não acredita em ninguém, Reginaldo. Por que ha de ser assim tão pessimista?
- REGINALDO- Porque já conhaço de sobra essa gente e não alimento ilusões a respeito de nenhum deles.
- HELOISA - (ALVOROCADA) Reginaldo, tive uma ideia. Talvez Nadinho possa nos dizer onde poderemos encontrar o Beto.
- REGINALDO- Isso. Como é que não nos lembramos antes? Vá ~~mas~~ falar com seu irmão e pergunte. Será mais fácil êle dizer a você do que a mim.
- HELOISA - Vou agora mesmo.
- REGINALDO- E não demore, por favor. Temos que tomar providências imediatamente.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL FONDE COM MÚSICA MALUCA DE JUVENTUDE.
- NADINHO - Vá só que coisa Bárbara êsse disco que eu comprei hoje.
- OPERADOR - BAIXA BRUSCAMENES PARA FUNDO
- NADINHO - Ah, guria, não chateia. Deixa eu ouvir o disco como eu gosto. Pra que baixa?
- HELOISA - Porque eu preciso falar com você e se eu deixar como estava você não vai ouvir nem uma palavra que eu vou dizer.
- NADINHO - (CHATEADO) Que é que você quer?
- HELOISA - Eu quero que tu me digas onde é que eu posso encontrar o Beto, agora.
- NADINHO - Agora, agora?
- HELOISA - Agora, já. Tenho necessidade urgente de falá com êle.
- NADINHO - Que necessidade heita é essa de uma hora pra outra?
- HELOISA - Nadinho, é um assunto meu. Não te mete como tu também não me meto nos teus, tá? Onde é que eu posso encontrá o Beto? Vamos, diz.
- NADINHO - Sei eu lá... O Beto a esta hora deve andá fazendo os programas da la por aí.
- HELOISA - Pois sim, mas onde é que êle costuma fazer os programas? Você não sabe? Deve haver um lugar onde vocês já tenham estado juntos.
- NADINHO - Tem um bar aí, mas... não, não, a esta hora êle não deve estar lá. Pode se sabe onde?... Na huata "Tramóia" - É o único lugar que eu me lembro que êle possa tá.
- HELOISA - E onde é essa huata Tramóia?
- NADINHO - É longe pra xixá. Fica lá no Boco do Salso. Tú sabe onde é?
- HELOISA - Não sei, mas com certeza os chauffeurs de táxi devem saber.

NADINHO - Mas tu não pode ir lá sozinha. Fica muito chato.

HELOISA - Não vou sózinha. O Reginaldo vai comigo.

NADINHO - Mas o que é que há, guria, eu posso sabê?

HELOISA - Depois te digo. Agora eu não posso perdê tempo. Olha, se papai ou mãe perguntarem por mim, tu não sabe nada. Diz que eu fui ao cinema.

C/REGRA - PASSOS SE AFASTAM UM POUCO E PARAM AO CHAMIDO.

NADINHO - Escuta, Heloisa, se tu chegá a falá com êle diz que êle venha aqui amanhã que eu tenho um assunto pra acertá com êle.

C/REGRA - SEGUEM OS PASSOS DE ONDE HAVIAM PARADO E GOMEM.

NADINHO - Quero sabê do milhão e duzentos que êles afanaram do velho. Eles tão muito espertinhos demais.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM MOTOCICLETA EM MARCHA RÁPIDA BALÇA UM POUCO DURANTE A FALA PRÓXIMA

FERNANDO - Eu vou encontrar o Beto onde êle estiver. Êle que não pense que vai fazer com essa guria o que êle tem feito com outras.

OPERADOR - SOBE A MOTO POR UNS MOMENTOS E DEPOIS VAI PARANDO. PARA.

FERNANDO - (PROJETANDO) Silvino, o Beto tá aí?

VOZ - (DE 2º PLANO) Não senhor, não tá.

FERNANDO - Tchau.

OPERADOR - MOTO ARRANCA. ANDA UNS MOMENTOS E FUNDE COM CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Não é melhor irmos no seu carro, para não metermos chofeur no meio da estória?

HELOISA - A questão é que eu nem sei ir no Bacc do Salso.

REGINALDO - Eu também não sei, mas a gente pergunta. Sabe como é chofeur. Pode fazer um comentário para outro passageiro e acontecer...

C/RACIA - CHAMADA DE TELEFONE - PASSOS RÁPIDOS DE HELOISA - LEVANTAR FONE DO GANCHO.

HELOISA - Alô, quem fala?

FERNANDO - (FILTRO) Sou eu, Fernando, outra vez. Márcia já voltou?

HELOISA - Não, não voltou e nós vamos sair agora mesmo para procurá-la.

FERNANDO - (FILTRO) Não adianta. É melhor não saírem. Deixa que eu procuro e assim que encontrar aviso para aí.

HELOISA - Então faça este favor porque nós estamos muito aflitos.

FERNANDO - (FILTRO) Podem deixar que eu aviso e podem estar certas, também, que eu

vou encontrá-la. Acho que dentro de meia hora, uma hora, já vou poder telefonar para aí.

HELOISA - Nós vamos esperar, obrigada.

C/REGINA - SOLTAR FONE NO GANCHO.

HELOISA - Era Fernando.

REGINALDO - Eu percebi. Que foi que ele disse?

HELOISA - Queria saber se Márcia já tinha aparecido. Está a procura dela. Disse que é melhor nós ~~se~~ não sairmos porque não vamos encontrá-la. Ficou de nos telefonar para dar alguma notícia dentro de meia hora, talvez.

REGINALDO - Hum... você quer saber o que é que eu acho? Esse sujeito está nos despistando. Ele está cansado de saber onde ~~Márcia~~ Márcia se encontra. Está ~~fazendo~~ fazendo isto, com receio de que comuniquemos à polícia.

HELOISA - Não, Reginaldo, você é desconfiado demais. O coitado estava aflitíssimo. E garantiu que vai encontrar Márcia. Por que não havemos de acreditar nele?

REGINALDO - Porque não se pode acreditar nessa gente. Somente isso. Será que você não se capacita dessa verdade? Eu sou um homem vivão, já tive as ideias delas, quando jovem e sei porque as abandonei. E é por isto que sei, também, o que estou dizendo a você. A minha opinião é de que devemos ir procurar o tal bar Tramóia. Veja que até o nome do Bar está bom de acordo com o que eles fazem. Vamos lá, como quem não quer nada, sentamos numa mesa e observamos o ambiente. Se ela estiver lá, havemos de convencê-la a vir conosco.

HELOISA - Ele disse que nós não devíamos ir e que seria inútil a procura. E pense, ainda, uma coisa: ele vai telefonar nos dando notícias. Se nós não estivermos para atender o telefone, mãe ou pai podem, sem querer, tomar conhecimento do assunto. Pense bem.

REGINALDO - Bem... isso eu confesso que não havia me lembrado. E seu pai não pode saber do que está acontecendo. Ele morreria de desgosto.

HELOISA - Pois então? O recurso é mesmo esperar. Que horas são?

REGINALDO - Quasi onze da noite. Essa menina não está acostumada nem a ficar até a essa hora na rua. Já chego a ter as mãos frias, de nervoso que estou.

HELOISA - Acalme-se, por favor, Reginaldo. Eu preciso da sua ajuda, você não pode fraquejar. Vá fazer um cafésinho para nós dois e vamos esperar mais um pouco.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL. FUNDE COM MOTOCICLETA A TODO O VAPOR. ELA ANDA UNS MOMENTOS E DEPOIS CAI PARA BQ. PARA NÃO ABAFAR A FALA.

FERNANDO - Vamos ver aqui no beato "Redonda", ele às vezes costuma dar as caras por aqui.

OPERADOR - DIMINUI A MARCHA DA MOTO E PARA.

FERNANDO - (PROJETANDO) O Beato não tá aí, por acaso?

VOZ - Tive aí olhando, mas não ficou.

FERNANDO - (IDEM) Tava com uma garota morena?

VOZ - Tava.

FERNANDO - (IDEM) Pra onde foi, não sabe?

VOZ - Não vi.

OPERADOR - RECONSCA A MARCHA DA MOTO E SOME. FUNDE COM CORTINA MUSICAL.

HERMES - Não sei o que aconteceu com esta gente aqui de casa, hoje, que são apenas onze horas da noite e estão todos ~~adormecidos~~ dormindo.

EUGÊNIA - Dormindo?! Não é possível. Você tem que estar enganado.

HERMES - Bem, se não estão dormindo, pelo menos estão com as luzes apagadas. Madrinha, Heloisa e Márcia. Único quarto que eu vi luz pela frincha da porta foi o de Reginaldo. Deve estar lendo o jornal do dia, como é seu hábito.

EUGÊNIA - Você ainda se lembra que estamos convidados para um jantar amanhã?

HERMES - Que jantar?

EUGÊNIA - Meu Deus, Hermes, com que facilidade você esquece os seus compromissos sociais! Pois então não estamos convidados para um jantar, amanhã, em casa do doutor Clóvis?

HERMES - Ah, é verdade e ainda ontem ele falou nisto lá no Banco, mas as preocupações de serviço são de tal ordem, que absorvem a lembrança de quaisquer outros compromissos. Se você não falasse nisto, agora, eu não me lembraria, como não vou me lembrar também amanhã, se você não tornar e falar no assunto.

EUGÊNIA - Ah, Hermes, assim mesmo é demais; parece até pouco caso nos convidar que lhe fazem. Você deveria ter uma agendasinha para anotar todos eles. Imagine se acontece, um dia, eu esquecer um desses convidados?

HERMES - Essa preocupação eu não tenho. Você gosta demais dessa vida de sociedade para poder esquecer um convite que lhe façam.

EUGENIA - Não se baseia muito nisso, não, que eu posso gostar, mas também posso esquecer. Aliás já esqueci uma vez; você deve estar lembrado. Foi uma feijoada na casa da Lindaura. A sorte é que era uma pessoa da intimidade, telefonou reclamando a nossa demora, quinze minutos depois nós estávamos lá, almoçando pela segunda vez, visto que já tínhamos almoçado e não podíamos dizer a verdade a ela por que jamais seríamos perdoados.

HERMES - Bem, mas... vamos dizer a verdade: você esqueceu porque o convite era da Lindaura. Um convite de pessoa de mais destaque, eu duvido que você esquecesse.

EUGENIA - Não tem nada de mais destaque ou menos destaque. Esqueci porque da festa feijoada, seno a coisa mais cafona do mundo convidar-se alguém para comer feijão e se o convite tivesse vindo de outra pessoa que não fôsse ela, eu simplesmente diria a verdade. Ou ela desistia do convite ou trocava o prato.

HERMES - Coitada da Lindaura! Ela é tão nossa amiga e você não dissimula a má vontade que tem com ela. Eu às vezes fico até muito constrangido, diante das coisas que você diz para mim a coitada.

EUGENIA - Você só fala nas coisas que eu digo, mas esquece-se de observar as que ela me diz. Vivo me dando chamadinhas ou fazendo ironia pro meu lado. E tem umas franquezas que vou lhe dizer: arraza com a gente. No fundo, no fundo, você sabe o que é que ela tem? É inveja da minha posição.

HERMES - Órs, Eugênia, não diga isto. Lindaura é uma pessoa perfeitamente conformada com a sorte; não tem inveja de ninguém.

EUGENIA - Isto é o que você acha, mas eu que convivo muito mais com ela, estou cansada de perceber. E a prova está que quando a crônica destaca mais outra pessoa do que eu, ela corre apressada a comentar comigo o acontecido. A comentar, gozando intimamente o que ela considera uma derrota para mim. Você é homem, não sabe, mas nós mulheres, temos destas coisas, meu caro. E se não sabia disso, aprenda agora.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL, BUNDE COM MOTOCICLO EM MOVIMENTO, DIMINDI E PARA

FERNANDO - (PROJETANDO) Caraca, o Beto tá aí?

VOZ - (2º PLANO, PROJETANDO) Tá, não.

FERNANDO - (PROJETANDO) Si êle aparecê, sigura êle aqui que eu vou na Tramóia e volto. Diz que eu quero falá com êle.

VOZ - (PROJETANDO) Oquái.

OPERADOR - MOTO ARRANCANDO E SEMINDO. CORTINA MUSICAL.

C/REGRA - RELÓGIO BATENDO META NOITE

REGINALDO - Nadinho, eu vim falar com você, ^(CORRIGE) desculpe, com o senhor porque eu estou muito aflito.

NADINHO - Que negócio é que tá acontecendo aqui hoje que a Heloisa já veio me perguntá onde é que podia encontrá o Beto, agora vem você me dizê que tá aflito. Afinal o que é que houve?

REGINALDO - Sabe o que é que é, seu Nadinho, é que sua irmã saiu com o Beto, seu amigo, já é mais de meia noite e até agora não voltou.

NADINHO - Foi lá na Tramóia? Mas eu disse pra ela que não fôsse lá sózinha que era perigoso e ela me disse que ia com você.

REGINALDO - Não, não, isso foi a Heloisa. Eu estou me referindo à Márcia.

NADINHO - À Márcia?! A Márcia é que saiu com o Beto? (GOZANDO) Ah, essa não. Quando eu disse pra Heloisa que lá apresentá a Márcia pro Beto a Heloisa quase no mordeu e só faltou tirá dos cachorro pra botá no rapaiz. Tá vendo o que aconteceu? Eu não apresentei e não adiantou nada porque êles ficaram se conhecendo do mesmo jeito. (COMEÇA A RIR DEBOCHADO) Ah, mas que eu vou gozá a Heloisa, eu vou. Por isso que eja não me disse pra que precisava encontrá o Beto. (TORNA A RIR)

REGINALDO - Seu Nadinho, não ria de uma coisa séria, por favor. ~~KKKKKKK~~ O senhor sabe, melhor do que ninguém, que o seu amigo Beto é um perigo tremendo pra qualquer moça que se aproxima dele. Márcia é uma menina inexperiente. Saiu com êle logo depois das nove horas, já é mais de meia noite e até agora não voltou. Nós precisamos encontrá-la o mais depressa possível. Ela deve estar correndo um risco tremendo. Você... (CORRIGE) desculpe, o senhor...

NADINHO - Escuta, Reginaldo, eu só faço questão que você me trate de senhor, perto dos meus companheiros e de pessoas de fora. No mais pode chamar de você.

REGINALDO - Pois bem, você, Nadinho, deve saber onde poderemos encontrá-lo. Não quer ir comigo aos lugares que ele costuma frequentar?

NADINHO - Tô proibido de sair até sábado. Sábado nós temos reunião, aí eu começo.

REGINALDO - Mas trata-se de um caso excepcional, entenda.

NADINHO - Eu não vou me arriscar a ser denunciado por não obedecer ordens, por causa da Mercia, Reginaldo. Ela saiu com ele porque quis. Eu não acredito que ele arrancasse ela daqui a força.

REGINALDO - Maniao, pense bem que é horrível o que você está fazendo: em vez de defender sua irmã, está acobertando as patifarias dos seus companheiros. Isso chega a ser quasi uma infâmia.

NADINHO - Bom, Reginaldo, eu já disse que não vou e tá acabado. Já dei a dica pra Heloisa e ela já sabe onde é que pode encontrar o Beto. ~~Rixx~~ Fala com ela e vai lá.

REGINALDO - Está bem, Nadinho, Deus perdõe a você esse pecado que você está cometendo, contra a sua própria irmã.

NADINHO - Deus... Deus... Você ainda acredita nessas bobagem? Um homem velho, de barba branca, acredita nessa infantilidade.

REGINALDO - Caga, menino, justamente porque sou velho, de barba branca, é que tenho bastante experiência de vida e deixei de acreditar nos homens para voltar a acreditar em Deus. Os homens prometem e faltam quasi sempre, Deus, sem prometer, não falta, nunca, aos que n'Ele confiam.

NADINHO - Pois então pede pra ele lhe ajudá, agora, pra vê se ele lhe atende.

REGINALDO - Vou pedir. Vou pedir e tenho certeza de que ele vai me ajudar.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM MOTOR DE CARRO LIGANDO

HELOISA - Onde é que vamos primeiro? No tal bar onde você levou o bilhete de Nadinho ou na tal de Tramóia?

REGINALDO - Vamos na Tramóia, no Bêco do Salso. Se eles não estiverem lá, a gente tenta o tal barzinho. Pode ser que se tenha sorte, de encontrar alguém lá que nos dê uma pista do Beto.

OPERADOR - CARRO ARRANCA E SOMA. CORTINA MUSICAL. FUNDE COM AMBIENTE DE BOATE. MÚSICA, TOQUES, BARULHO CARACTERÍSTICO.

BETO - Você não vai bebê nada, mesmo? Nem um tiquinho?

MÁRCIA - Nada.

BETO - Não qué bebê, não qué dansá, não qué conversar... o que é que você quer? Vamos, diga.

MÁRCIA - Quero que você cumpra a promessa de me entregar o retrato da Heloisa e ^{de} me leve em seguida para casa. A condição era sair com você; não era? Eu sei. Cumpri com a minha palavra. É quasi uma hora da madrugada e eu estou com você desde as nove. Agora cumpra você a sua e vamos embora.

BETO - Tá bem, eu vou entregá o retrato a você e vou levá você embora, mas ainda vou exigi mais uma coisa.

MÁRCIA - Que é?

BETO - Que você passa no meu quarto porque eu deixei o retrato lá.

OPERADOR - ACORDE DE ENORME GUSTO.

MÁRCIA - Eu não vou passar em parte alguma e você vai me levar para casa imediatamente.

BETO - Ué, mas você não qué o retrato?

MÁRCIA - Não. Não quero mais. Só o que eu quero é me livrar da sua presença o mais depressa possível. Bem que me haviam dito como você era e eu achei que não devia ser tanto.

BETO - Quem lhe falou sobre mim? Heloisa? Heloisa é suspeita. Ela tem raiva de mim porque descobri as sujeiras dela e então...

MÁRCIA - (GOSTA, INDIGNADA) Não admito que fale dessa maneira de minha irmã.

BETO - Não admite por que? Acha que estou profanando o altar da santinha? Você não conhece bem aquela pirenha. Com a capa de santa e de menina de família, pinta e borda por aí como tantas outras.

MÁRCIA - (MAIS INDIGNADA) Já lhe disse que não admito que se refira à minha irmã nessa linguagem. Si ela é alguma coisa de tudo isso que você está dizendo, só pode dever a canalhas sem escrúpulos como você e muitos dos seus amigos.

BETO - Muitos? Por que muitos? Pode dizer todos. Somos todos canalhas e sem escrúpulos, sim. Inclusive o seu amiguinho Fernando, a quem você pretendeu deixar de fora, mas ele não fica, não. Fique sabendo, de uma vez por todas, que ele não é pior nem melhor do que nós.

MÁRCIA - Bem, eu vou embora sózinha, se não quer me levar.

BETO - Espere. Sente-se outra vez. Eu vou na gerência pagar a despeza e já venho buscá-la. Nem tente sair sózinha que vai ser muito pior para você.

~~OPERADOR~~

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM MOTOCICLETA EM MOVIMENTO. PARA.

FERNANDO - (PROJETANDO) Bolacha, o Beto tá aí?

VOZ - (DE 2º PLANO, PROJETANDO) Tá.

FERNANDO - (PROJETANDO) Eu vou entrá só um momento pra falá com êle. Posso deixá a moto aqui?

VOZ - (IDEM) Pode.

OPERADOR - APAGAR MOTOR DE MOTO? FUNDE CORTINA FUNDE C/MUSICA LOUCA E VOZES.

FERNANDO - Márcia!... O que é que você está fazendo aqui sózinha, cristura? E o Beto? Não foi com êle que você veio?

MÁRCIA - Foi. (NERVOSA) Êle prometeu entregar-me um retrato e agora quer levar-me não sei para onde. Salve-me, por favor, Fernando.

FERNANDO - Onde é que êle está?

MÁRCIA - Disse que ia na Gerência pagar a despeza e voltava em seguida.

FERNANDO - Eu sei o que êle foi fazer. Venha comigo, depressa. Vamos sair antes que êle volte. Venha atraz de mim e procure não passar por baixo das lâmpadas que no escuro será mais difícil êle ^{localizá-la} encontrá-la.

MÁRCIA - Ei estou estonteada. Não consigo ver nada na minha frente. Parece que tudo está rodando.

FERNANDO - Dê-me a sua mão. Não estamos muito longe da porta de saída.

BETO - (2º PLANO, ENERGICO) Espere, Fernando. Onde é que vai com a minha garota?

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO. FORTE E CAI PARA BG.

LOCUTOR - Este foi o décimo oitavo capítulo da novela de Árico Cramer, "Meu Pai, qual o caminho certo?". Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos... (RELAÇÃO) Ouça, amanhã, neste mesmo horário, a continuação desta empolgante novela que a Rádio Gaucha lhes oferece.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

- Novela de Érico Cramer -

19º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao término do décimo citavo capítulo desta novela, fomos encontrar Márcia e Fernando na boate Tramóia, onde o rapaz foi encontrar, finalmente Beto, depois de uma longa procura por um roteiro de vício já conhecido por ele. Avistou Márcia sózinha na mesa e dirigiu-se para ela.

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA E FUNDE COM MÚSICA LOUCA DE BOATE E RUIDO DE VOZES MUTTAS.

FERNANDO - MÁRCIA! O que é que você está fazendo aqui sózinha, criatura?!... E o Beto? Não foi com ele que você veio?

MÁRCIA - (NERVOSA) Foi. Ele prometeu entregar-me um retrato e agora quer levar-me não sei para onde. Salve-me, por favor, Fernando.

FERNANDO - Onde é que ele está?

MÁRCIA - Disse que ia na Gerência pagar a despesa e voltava em seguida.

FERNANDO - Eu sei o que ele foi fazer. Venha comigo, depressa. Vamos sair, antes que ele volte. Venha atrás de mim e procure não passar por baixo das lâmpadas que no escuro será mais difícil ele localizá-la.

MÁRCIA - Eu estou estonteada. Não consigo ver nada na minha frente. Parece que tudo está rodando.

FERNANDO - Dê-me a sua mão. Não estamos muito longe da porta de saída.

BETO - (2º PLANO. ENÉRGICO) Espere, Fernando. Onde é que vai com a minha garota?

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO TREMENDO.

FERNANDO - Ela quer ir para casa. Vou levá-la.

BETO - Não se atreva. A garota veio comigo, vai voltar comigo.

FERNANDO - Ela não quer voltar com você. Pediu-me que a levasse. É verdade, ou não, Márcia?

MÁRCIA - (NERVOSA) É verdade, sim... é verdade... eu pedi.

BETO - Pode tê perdido, mas ele não vai levá você.

MÁRCIA - (NERVOSA) Vai, sim, ele vai me levar.

BETO - Vai si eu deixá, mas a questão é que eu não vou deixá, entendeu?

07. 11.
20. 11.

- FERNANDO - Quem é que não vai deixar? Quer você queira, quer não, eu vou levar Márcia pra casa.
- BETO - E eu estou dizendo que não vai é porque não vai. Si você...
- C/REGRA - RUIDO DE SÔCO VIOLENTO
- MÁRCIA - DÁ UM GRITO AGUDO, HISTÉRICO
- C/REGRA - RUIDO DE LUTA VIOLENTE, CAIR DE COISAS, QUEBRAR DE VIDROS, GRITOS,
- FERNANDO - (FALANDO COMO QUEM ESTÁ AGARRANDO ALGUÉM COM FÔRÇA) Fuja Márcia. Espere lá fora. Evite a polícia...
- C/REGRA - SEGUE A LUTA POR MOMENTOSZ.
- OPERADOR - ENTRA COM CORTINA MUSICAL FORTE. FUNDE COM RUIDO DE RUA. SIRENE DE POLÍCIA AO LONGE, MAS SE APROXIMANDO MUITO LENTAMENTE.
- HELOISA - Veja Reginaldo! É Márcia.
- REGINALDO - É ela! Louvado seja Deus! É ela!... (GRITANDO) Márcia... Márcia! Venha aqui!... Márcia, somos nós, Márcia! (TOM) Meu Deus ela não atina. Deve gritar seu nome e não sabe de onde. (GRITA) Aqui, Márcia, aqui. No automóvel, do outro lado da rua! Venha. Depressa, Márcia, depressa!
- HELOISA - (GRITANDO) Márcia, aqui, Márcia. (TOM) Graças a Deus que nos viu. Venha, venha...
- C/REGRA - CORRER NA CALÇADA - PASSOS DE MULHER
- OPERADOR - APROXIMAÇÃO DE SIRENA DA POLÍCIA.
- HELOISA - Depressa, suba no carro, vamos fugir daqui.
- MÁRCIA - Não, não... por favor, não... Vamos esperar Fernando...
- REGINALDO - Não vamos esperar nada. Vamos sair antes que a polícia nos prendam também.
- HELOISA - Fernando dará jeito de fugir, não se preocupe.
- OPERADOR - RUIDO DE CARRO QUE ARRANCA E SOME. SIRENA DA POLÍCIA CHEGA E PARA. CORTINA MUSICAL.
- NADINHO - A coluna policial traz alguma notícia do que aconteceu lá na Tramóia?
- HELOISA - Traz. Eu estava justamente lendo.
- NADINHO - Que é que diz?
- HELOISA - (LENDO) Sururu na Tramóia. Na noite de ontem, por motivos de cinema, na hoste "A Tramóia", aconteceu violenta briga de corpo a cor-

po entre os jovens Alberto Smith Dam e Fernando Dorimar. A jovem, pivot da séria briga entre os dois amigos, desapareceu na confusão e os rapazes foram recolhidos à Delegacia de Polícia onde prestarão declarações. Depois de prestarem compromisso de ressarcir os prejuízos causados à boate, foram ambos postos em liberdade.

NADINHO - Como foi que aquela mosca morta atinou em fugir é que eu não entendo.

HELOISA - Fernando mandou que ela saísse e o esperasse na rua. Foi a sorte. Já pensou de ela fôsse parar com êles na polícia e saísse seu nome no jornal?

NADINHO - O velho ia ficar por conta do beleléo.

HELOISA - Tudo por causa da sujeira daquele noventa do Beto. O seu amigo do peito.

NADINHO - Beto não é meu amigo. Já pude verificá isso mais de uma vez. Ele é companheiro de grupo, só isso.

HELOISA - E se não é seu amigo, por que você não dá o fora nele?

NADINHO - Porque não é fácil. Ele tem mais tempo de serviço do que eu, é mais cotado, pode me prejudicá.

HELOISA - Eu já vi que nessa organização de vocês quanto mais ordinário é o sujeito, mais êle presta pra fazê parte dela. Dá um jeito no corpo, Nadinho e vê se cáí fora desse negócio.

NADINHO - Por óra não posso. Como aprendiz é muito difícil. Só depois que passá pra mentor, aí é que eu posso desguiar. D'a pro sujeito sumi sem êles ficarem sabendo pra onde. Mas mudando de assunto, por que a Márcia aceitou o convite do Beto; ela não disse?

HELOISA - Ora por que! Ele ameaçou de entregá você, ela ficou desesperada.

NADINHO - Me entregá?! Mas me entregá por que? A trôco de que?

HELOISA - Sabe-se lá que coisas êle terá dito a ela a seu respeito?

NADINHO - Palavra que eu não entendo essa pequena. Ela viu que ninguem aqui foi com a cara dela e vive fazendo coisa pra agradá a gente. Ela não precisa disto que besteira é essa?

HELOISA - Márcia é uma boa pequena, viu? É bem filha do nosso pái. Tem um coração grande como o dele. Nossos somos irmãos dela e isso chega. Ele não quê saber de mais nada.

NADINHO - Eu vou tê uma conversa com o Beto por causa disso. É mais uma sujeira que êle me faz. Eu posso não ligá pra garota, mas afinal ela é minha irmã, pomba! Ele tinha que respeitá.

HELOISA - Vai adiantá muito falar pra êle. Vai sê a mesma coisa que querer tirar leite dum tijolo. (TOM) Bem, eu vou andar que tenho aula daqui a pouco e não quero me atrazar.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - O que é que você tem, minha filha. Noto-a muito tristonha de dois dias para cá. Fizeram-lhe alguma coisa? Seja franca e diga para seu pai.

MÁRCIA - Não, papai, que ideia! Quem haveria de me fazer alguma coisa?

HERMES - Nadinho... Heloisa... Eu gênio, mesmo. São todos tão impulsivos, tão cheios de vontades. Você tem outra maneira de ser... talvez isso desagrade a êles.

MÁRCIA - Papai, eu não tenho nenhuma queixa de ninguem aqui em casa. De ninguem mesmo. Heloisa já posso quási dizer que é minha amiga... Nadinho tambem já se modificou na maneira de me tratar e dona Eu gênio... essa eu convivo tão pouco com ela que nem lhe daria tempo de me fazer qualquer coisa, mesmo que quizesse. Portanto, tire da sua cabeça qualquer desconfiança a êsse respeito, eu lhe peço.

HERMES - Mas você mudou, minha filha; você está tristonha. E ninguem muda sem uma razão qualquer.

MÁRCIA - Tenho pensado muito em vóvó. Talvez seja saudade dela que estou sentindo.

HERMES - No aniversário dela iremos os dois fazer-lhe uma visita; quer?

MÁRCIA - Naturalmente que gostarei de ir, mas não se preocupe por êsse motivo; a saudade assim como vem vai embora.

HERMES - Você tem algum programa estabelecido para esta noite?

MÁRCIA - Por que, papai?

HERMES - Porque se você não tivesse nada combinado com ninguem, eu a convidaria para irmos a uma sessão de cinema. Há tantos filmes bons em cartaz. Você escolheria um.

MÁRCIA - Papai, o senhor está preocupado por minha causa. Não se preocupe, isto passa. Não tenho nenhum programa para hoje mas não desejo sair

HERMES - Assistindo a um bom filme você se distrairia, minha filha.

MÁRCIA - Obrigada. Agradeço-lhe sinceramente a boa intenção, mas prefiro esperar em casa.

HERMES - Esperar? Esperar o que?

MÁRCIA - Bem... o que? Quer dizer... esperar que passe esta nostalgia que o senhor notou em mim, entende? Apenas isto.

HERMES - Márcia, responda sinceramente a uma coisa que seu pai vai lhe perguntar: você está aborrecida de morar aqui conosco? Desagrada-lhe alguma coisa aqui em casa? A maneira de Eugênia com você? O modo de viver de seus irmãos? Quem sabe você se sente muito sózinha?

MÁRCIA - Papai, pelo amor do Deus, tire essas ideias da cabeça. Eu estou muito bem aqui, a cada dia que passa melhor vou me entendendo com todos, mais vou me adaptando ao modo de vida da casa, mais vou apreciando a casa e a cidade. Não ha nenhum motivo que me faça estar triste sinão a saúde.

HERMES - Bem... para esta, infelizmente, o papai, de momento, não tem nenhum remédio, mas como eu já disse a você, no aniversário da Vóvó nós iremos lá. O papai terá que vir logo, mas você poderá ficar o tempo que quiser.

MÁRCIA - Ficarei o tempo que o senhor ficar, porque eu desejo que saiba que em lugar nenhum me sinto tão feliz como perto do senhor. Dizer que não me dou bem em clima quente e que a minha saúde se altera, foi simplesmente uma desculpa, papai, para poder vir para junto do senhor. E tão grande era êsse desejo que eu tinha consciência da luta que teria que travar com meus irmãos e minha madrasta, mas mesmo assim preferi enfrentá-la.

HERMES - E venceu; não foi minha querida?

MÁRCIA - Inda não, mas espero vencer totalmente muito em breve com a ajuda da minha fé que é o leme que Deus poz à nossa disposição para encontrarmos o caminho certo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Que é que está havendo aqui em casa, Reginaldo, que eu noto todos vocês muito preocupados? Aconteceu alguma coisa?

REGINALDO - Não, dona Eugênia, que eu saiba não aconteceu nada.

EUGÊNIA - Até Nadinho, que é um rapaz que não se detém muito tempo em coisa nenhuma e não liga muita importância para nada, me parece por vezes sombrio, por outras absorto... aéreo... inseguro nas respostas que dá pra gente. Você pode negar que não há nada mas eu sinto qual quer coisa no ar.

REGINALDO - É desconfiança sua, dona Eugênia. Posso lhe assegurar que dentro de casa, pelo menos, não há nada, ao menos que eu não saiba.

EUGÊNIA - Reginaldo eu sei que sou tida como uma mulher frívola, superficial, uma mulher que não se interessa muito pelas coisas que deveriam preocupá-la e eu aceito que me considerem assim, mas uma coisa não podem dizer de mim: que sou burra. Eu não sou burra, Reginaldo e a pessoa que não é burra vê as coisas, mesmo que não deseje vê-las. Estou vendo que o ambiente aqui em casa está pezadoíssimo e que todos mudaram. Ninguém mais ri... ninguém mais fala... todo o mundo se arrasta em silêncio pelos corredores e quando são obrigados a dialogar, fazem-no quâsi que em segredo. Por que tudo isto? Deve haver uma razão. Deve haver um motivo. E si você realmente não sabe Reginaldo, ordeno-lhe que procure saber e venha me contar. Eu não gosto deste ambiente em casa e desejo que êle volte ao que era.

REGINALDO - O ambiente aqui mudou desde a chegada de dona Márcia, a senhora deve se lembrar.

EUGÊNIA - Mas isso passou e já estava tudo voltando ao que era. Ela se acomodou razoavelmente com os irmãos e entre êles parecia não haver mais problemas. Apenas comigo é que as coisas continuaram mais ou menos como eram, mas comigo as causas são diferentes.

REGINALDO - A senhora é uma questão de ciúmes, eu entendo.

EUGÊNIA - Ciúmes?! Mas ciúmes de que, si é tão diferente o amor de esposa para o amor de filha?!

REGINALDO - Ciúmes pela sua filha e não pela senhora.

EUGÊNIA - Bem... eu não vou discutir êsses detalhes. Êles não têm maior importância. O que eu desejo, agora, é que você me descubra o que está acontecendo dentro desta casa e venha imediatamente me contar. Entendido?

REGINALDO - Sim senhora. Vou falar com êles, vou procurar ver se me contam

ou se consigo descobrir e depois virei dizer alguma coisa à senhora. Deseja mais alguma coisa?

EUGENIA - Não, pode ir.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Reginaldo me contou porque você foi se encontrar com Beto. Agradeço-lhe a intenção, mas preferia que você não tivesse ido, tal o susto que nos pregou.

MÁRCIA - Eu pensei que pudesse arrancar-lhe o retrato e foi isso que me animou a enfrentar aquele sujeito. Queria poder prestar-lhe um serviço, Heloisa e estava disposta até a deixar-me beijar por ele, desde que pudesse ~~arrancar o retrato~~ ^{conseguiu meu intento}.

HELOISA - Eu acho que nem mereço um sacrifício desses de você, Márcia.

MÁRCIA - Mesmo que você não o merecesse, eu tentaria da mesma forma pela tranquilidade de espírito do papai. Ele merece tudo de nós, Heloisa. É tão bom... Temos, só por isso, o dever de poupá-lo.

HELOISA - Bom demais e talvez por isso tenhamos chegado ao ponto que chegamos. Ele nunca teve coragem para nos contrariar e, em consequência, fizemos, sempre, tudo que quisemos. Não tínhamos idade para refletir no que convinha ou não e nos deixávamos ~~guiar pelo primeiro impulso~~ ^{guiar pelo primeiro impulso}. Por isso aconteceram coisas de que hoje nos arrependemos amargamente.

MÁRCIA - O grande mal da juventude moderna é exatamente este de julgar-se auto-suficiente e desprezar a experiência dos velhos. Quando se saem mal e correm a pedir-lhes auxílio, já os coitados quasi nada ou mesmo nada podem fazer por eles.

HELOISA - E desgraçadamente a gente só vem a reconhecer isto quando já não ha mais possibilidade de acerto. E o pior ainda não é isto. O pior é que um erro vai levando a gente para outro e no fim a gente se perde no meio deles e não sabe por onde sair. (PAUSA LONGA SUSPIRO FUNDO) Márcia, os homens são uns canalhas, creia.

OPERADOR = ACORDE DE SUSITO.

MÁRCIA - Heloisa! Por que fala desse modo?

HELOISA - Porque desejo alertá-la. Sou mais moça do que você mas não tenho

mais nada que aprender da vida. E devo, exclusivamente, tudo que aprendi a um homem, ou melhor a um canalha. Que fez êle da minha vida? Um amontoado de infâmias, de baixezas, de mentiras tôpicas, de perigos sem conta. Hoje vivo como se estivesse junto à cratera de um vulcão, esperando a toda a hora a erupção que fatalmente ha de vir. De nada adiantaram os êrros que foram cometidos para esconder outros êrros. Bem melhor teria sido encarar de frente a situação desde a primeira jogada.

MÁRCIA - Minha pobre irmã! Tão meça... tão bonita... e já completamente desencantada da vida. Foi pena que você tivesse exatamente encontrado um canalha no momento de encontrar ~~um~~ homem. É natural que, diante disto, julgue todos os outros ~~homens~~ por êle, mas creia que existem muitos homens bons, decentes e capazes de tratar as mulheres com respeito. Evite os maus e procure aproximar-se de um destes. Seja leal e franca com êle, conte-lhe tudo que acontece para você e verá como ainda poderá ter dias de sol na sua vida, Heloisa.

~~MÁRCIA~~ HELOISA - O sol que um dia pareceu brilhar para mim foi tão ~~breve nas tão~~ ~~forte~~ ~~que~~ ~~crestei~~ todas as esperanças da minha vida. Hoje não as tenho mais.

MÁRCIA - Você voltará a tê-la, tenho certeza e Deus há de me conceder a graça de poder ajudar você a reconstruir sua vida.

C/REGRA - CHAMADAS DE TELEFONE, DUAS OU TRES, SUSPENDER FONE DO GANCHO

HELOISA - Pronto, quem fala?

BETO - (FILTRO) Sou eu, meu amor, Beto.

HELOISA - Amor é o diabo que o carrega. O que é que você quer?

BETO - (FILTRO) Falar com a Márcia. Chame ela pra mim.

HELOISA - Não vou chamar porque ela não vai falar com você. (SEGREDO) É o Beto.

MÁRCIA - (MEIA VOZ) Deus me livre, eu não quero falar com êsse sujeito.

BETO - (FILTRO) Chame a Márcia pra mim, estou pedindo. Eu preciso falar com ela no interesse dela própria.

HELOISA - Eu sei. Eu já conheço todos os seus métodos. Márcia não vai falar com você porque eu não deixo, pronto.

- BETO - (FILTRO) Heloisa você vai acabá prejudicando a sua irmã. Eu acho melhor chamá ela.
- HELOISA - Já disse a você que não chamo. Está perdendo tempo.
- BETO - (FILTRO) Pois bem, então anote o que eu vou lhe dizê agora: eu vou me vingá de você, ouviu bem? Eu vou me vingá de você.
- HELOISA - Faça como quiser e vá pro diabo.
- C/REGRA - DESLIGA FONE COM FORÇA.
- MÁRCIA - Que horror, será que êsse homem vai continuar me perseguindo?
- HELOISA - Não se preocupe. Ele não vai arranjar nada porque eu não vou deixar.
- MÁRCIA - Quem eu queria que telefonasse, não telefonou até agora. Será que ficou ferido na briga? Será que foi preso?
- HELOISA - Não. Pela notícia do jornal se vê que nada disto aconteceu. Eles foram detidos e logo depois soltos. Em ferimentos a notícia nem falava. Um arranhão, uma mancha roxa num olho é coisa a que eles já estão acostumados e nem consideram ferimento.
- MÁRCIA - Ele é capaz de ficar com raiva de você e procurar vingar-se.
- HELOISA - Foi a ameaça que êle fez. Mas eu já estou tão cansada de tudo isto que já nem me importo mais com o que possa vir.
- OPERADOR - ORTINA MUSICAL
- LINDAURA - O Padre Augusto ficou satisfeito com você por ter vendido todos os bilhetes da tômbola?
- DINAH - Naturalmente que sim, mas eu não me enfeitei com penas de pavão. Eu disse a êle a verdade; que você havia passado quase que a totalidade dos meus bilhetes e que se não fôsse assim, eu teria sido obrigada, com certeza, a devolver pelo menos a metade.
- LINDAURA - E êle não confessou que já fez isso de esperteza porque sabia que eu lhe daria a mão?
- DINAH - Não, não falou. Disse, apenas, que Deus haveria de lhe agradecer, concedendo-lhe muitas graças.
- LINDAURA - Ele tem uma quesilha antiga comigo, desde que indicou o nome da dona Graciosa Medeiros para presidente da nossa congregação e eu fiz uma chapa de oposição com a dona Tereza Urtiga na frente e ganhamos. Desde então êle passou muito tempo sem se dirigir a mim.

- DINAH - E qual era o interesse dele em que dona Graciosa fôsse a presidente se a outra sempre foi uma criatura esforçadíssima?
- LINDAURA - Bem... sí é que a carreta ompaca. A dona Graciosa é um nome de mais destaque, está em melhor situação financeira e etc. e tal, mas nunca na vida dela que ia trabalhar a metade do que a dona Tereza trabalhou. E eu sabia disto. Sabia que a dona Graciosa era medalhão e que medalhão não nos adiantava nada. Foi por isso que me insurgi contra a sindicacão dele. Ele passou tempo enjoado comigo. Só depois que ele viu tudo que a dona Tereza fez que ele voltou/ mais ou menos às boas, mas nunca me pediu mais nada.
- DINAH - Coitado do Padre Augusto, é uma boa alma.
- LINDAURA - E eu estou dizendo que não seja? Por ser uma boa alma não deixa de cometer os seus pecadinhos, óra esta. Você, como é uma fanática, não admite que se diga isto de padre algum. Mas é uma bobagem sua. O Padre é um homem como outro qualquer, sujeito a acertar e errar como os outros homens.
- DINAH - Você é que é de uma irreverência total com as pessoas, Lindaaura. Você não perdoa nada em ninguém.
- LINDAURA - Ah, não! Essa não! Eu posso falar das pessoas - e falo mesmo - mas por falar, você não pode dizer que eu não perdoo. É uma coisa completamente diferente. Não só perdoo como até esqueço.
- DINAH - Eu disse que você não perdoa no sentido de não poupar as criaturas quando elas fazem qualquer coisa errada.
- LINDAURA - Ah, isso não poupo mesmo. Pode ser a minha melhor amiga porque eu baixo a lenha. E baixo pra valer.
- DINAH - Si baixa. Nem precisa dizer. Uma das suas vítimas é a Eugênia. Nem sei como ela não briga com você.
- LINDAURA - Porque sabe que eu sou sincera e quando ela precisa de alguém que lhe diga a verdade, sem bajulação, é a mim que ela procura. E eu lasco sem dó. Ah, lasco. Nunca ninguém me poupou quando eu fiz coisas mal feitas, por que, agora, eu hei de poupar os outros? Ah, não poupo. Firo a minha forra. Bem, já falei bastante e agora estou na hora de ouvir minha novela. Tchau pra ti, queridinha.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

- HERMES - Então era você que queria falar-me com tanta pressa e insistência? Em que posso servi-lo?
- BETO - Doutor Hermes, eu tô aqui... tô aqui pra dá uma de bandido, entende? qué dizê... A gente às vezes não qué fazê os trôço, mas é obrigado. A gente vai levando... vai levando... mas chega num ponto que o negócio não dá mais, manjou?
- HERMES - Não. Não manjai nada do que você pretendeu dizer. Absolutamente nada. Gostaria que você falasse mais claramente, rapaz.
- BETO - Bom... qué dizê... o negócio é pra valê mesmo. Não tem truque. Eu vou dando as boca e vou mostrando as prova. A gente vai, a gente mostra, a gente dá as dica, a pessoa não qué atendê, sabe como é... lá vem um dia que a gente enche as medida, ~~quando~~ fecha os olho, e vai em frente quando viu já deu a de bandido. Foi o que eu vim fazê aqui. Acho que agora o doutor já manjou total; não manjou?
- HERMES - Não rapaz, não manjei, não. Continuo sem entender patavina. Quer falar língua de gente, ou vai continuar nesse faz que vai mas não vai?
- BETO - Puxa, doutor que não é por falá mal, mas o senhor é durinho de côco, hein? Já dei todas as dica que tinha pra dá e o senhor não entendeu? Tô vendo que eu vô tê que falá, mesmo, 'é a linguagem corriqueira, sinão a vaca não vai pro brejo.
- HERMES - Exatamente. Fale a linguagem corriqueira se quer que eu possa entender. Que veio fazer aqui? Diga.
- BETO - Doutor, eu vim aqui pra lhe ^{fare} ~~de~~ uma denúncia. Entendeu agora?
- OPERADOR - ENTRA COM CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE E FAIXA.
- LOCUTOR - Este foi o décimo nono capítulo da novela "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que Erico Cramer escreveu especialmente para a Rádio Gaúcha. Em Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos... (RELACÃO) Cuya amanhã, neste mesmo horário, mais um capítulo desta empolgante novela que é um presente da Rádio Gaúcha aos seus ouvintes. Boa tarde.
- OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

20º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

07.11.
2011

LOCUTOR - Ao final do décimo nono capítulo desta novela, deixamos o doutor Hermes recebendo Beto no seu gabinete de trabalho. O rapaz tenta va dizer alguma coisa, mas o doutor Hermes não conseguia entender. E o diálogo foi interrompido mais ou menos neste ponto:

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SOME

HERMES - Eu gostaria que você falasse mais claramente, rapaz.

BETO - Bom... qué dizê... O negócio é pra valê mesmo, entende? Não tem truque. Eu vou dando as boca e vou mostrando as prova. A gente vai... a gente mostra... a gente dá as dica... a pessoa não qué atendê, sabe como é... Lá vem um dia que a gente enche as medida, fecha os olho, vai em frente e quando viu já deu a de bandido. Foi o que eu vim fazê aqui. Acho que agora o doutor já manjou total; não manjou?

HERMES - Não, rapaz, não manjei, não. Continuo sem entender patavina. Quer falar língua de gente, ou vai continuar nesse faz que vai mas não vai?

BETO - Puxa, doutor, que não é por falá mal, mas o senhor é durinho de côco, hein? Já dei todas as dica que tinha pra dá e o senhor não entendeu? Tô vendo que eu vou tê que falá, mesmo, é a linguágem corriqueira, sinão a vaca não vai pro brejo.

HERMES - Exatamente. Fale a linguágem corriqueira, se quer que eu possa entendê-lo. Que veio fazer aqui? Diga.

BETO - Doutor, eu vim aqui pra lhe fazê uma denúncia. Entendeu agora?

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO VIOLENTO.

HERMES - Uma denúncia? Que espécie de denúncia? A quem o senhor vem denunciar?

BETO - Sua filha Heloisa.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE SUSTO. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

- HERMES - Minha filha Heloisa? Mas que espécie de denúncia é que você vem me fazer? a respeito de minha filha? Vamos, diga.
- BETO - Bem, é que... sabe como é, não é? Tem muito cara, por aí, que sai com as garotas e depois dá o serviço, entende?
- HERMES - (FORTE, ZANGADO) Não. Não entendo? Vai recomeçar com os seus enigmas? Fale claro, por favor e seja rápido.
- BETO - É que um cara aí saiu com a Heloisa, entende? Eu avisei pro Nadinho que ele era careta às pampas. O Nadinho avisou pra ela. Ela não quis atendê a gente e agora o negócio tá naquela base.
- HERMES - (NERVOSO, EXALTADO) Que base, rapaz? Você está fazendo isso para me exasperar? Quem é esse rapaz e o que é que houve com ele e minha filha?
- BETO - O cara é da pesada, entende? Canchêro velho, safado. Sabe...
- HERMES - (QUASI VIOLENTO, FORTE) O que é que houve com esse rapaz e minha filha, vamos. Se você vem me fazer uma denúncia, precisa me dizer o que houve para que eu possa levar em conta essa denúncia. Fale, vamos. Olha que eu já estou querendo perder a paciência.
- BETO - Bom... o cara andou dando o serviço aí pra uns cara da turma e contou umas vantagem. Aí eu avisei a ela pra dá um basta no pilantre mas ela não deu. Continua indo lá no apartamento todas as semanas.
- OPERADOR - ACORDE DE SUETO VIOLENTO.
- HERMES - (ALTERADO) No apartamento? Você disse que minha filha continua indo ao apartamento desse rapaz todas as semanas? (GRITANDO) É mentira! Minha filha não feria isto, é mentira!... Você é um sujo, um difamador, um infâme. ~~MEU~~ Retire-se da minha frente, vamos.
- C/REGRA - TRAMBOLHÃO CONTRA MOVEL, ARRASTA CADEIRA
- HERMES - Eu não admito que você pense uma coisa dessas de minha filha. Não admito. Tudo quanto você disse aí é vilania, é sujeira, é calúnia tórpe.
- BETO - Bom... quê dizê... eu vim avisá. Que levá o troço pra esse lado, nada feito. Então... ela que se dane... o senhor que se dane... todo o mundo que se dane. Eu pra mim tanto faz. Não ganho nem perco.
- HERMES - Quem é o rapaz? Quero saber, diga. Quem é o rapaz?

BETO - Pergunte pra ela. Ela sabe melhor do que eu. E ainda tem mais uns cacho que eu posso contá.

HERMES - (VIOLENTO) Não quero saber. Vá embora da minha frente. Suma-se!

BETO - Tá bem. Não qué sabê, deixa assim como tá.

HERMES - (BERRANDO) Suma-se, já disse. Saia da minha frente, não ouviu? Saia da minha frente.

BETO - Tá bem, já vou saí. Não precisa gritá dêsse geito que eu não sou surdo.

C/REGRA - PASSOS VAGAROSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE AFASTADA.

BETO - (AFASTADO) Tira êsse negócio a limpo, direitinho, depois eu volto pra gente acertá as conta.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA AFASTADA.

HERMES - Sujeito sujo. Porco. Indecente. A partir da hoje não mais botarás o pé na minha casa. Hoje mesmo vou dar órdens terminantes neste sentido. Não entras mais lá, esfageste.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - Uai, xentes! Será que eu tô vendo assombração, ou é vancê memo que tá aí em carne e ôsso?

FERNANDO - Sou eu, sim e você faz um tal espalhafato que até parece que eu nunca dei as caras por aqui.

DOQUINHA - Bão, qué dizê... não é o caso de dá ou não dá as cara por aqui. É o caso de dá as cara numa hora tão matenal. É disso que eu tô indídirada, tá? Compreendeu agora, ou precisa jogá os dado otre vêis?

FERNANDO - Não, não precisa, mas se eu estou aqui agora é porque passei a noite aqui, simplesmente.

DOQUINHA - Uai, xente! Que inovação é essa agora? Vancê nunca drumiu aqui.

FERNANDO - Não quiz ir em casa com a testa assim machucada. Foi por isso.

DOQUINHA - Credo em cruzi! Agora é que eu tô arreparendo. Pulo geito vancê levô uma boa samassada de pau. Quági lhe amassaro a caixa do pensamento. Oia só. Que foi isso rapaiz? Parece intê que tá com du as guampa, uma de cada lado da testa.

FERNANDO - Foi uma briga aí numa boate.

DOQUINHA - Agaranta qué tu foi te metê a tomá a mulé de outro cara. Foi eu não foi?

- FERNANDO - Eu não fui tomar coisa nenhuma. Ela é que deixou o cara e veio pra meu lado.
- DOQUINHA - Eu sabia. Eu tinha certeza do negócio. Home é bicho memo tinioso, credo. Com tanta muié aí dando sopa e êle vai procura memo aquela que já tem dono que é pro dono fazê sururú. Óis, vancê qué um consêio bão memo que eu vô lhe dá? Num te mete com muié dos outro que é pra não dá gáio. Pega muié desponive. Tem de montão.
- FERNANDO - Mas eu não me meti com mulher de ninguém, Doquinha. O que eu te disse é verdade. Foi ela que se chateou do cara e veio me pedi pra levá ela em casa.
- DOQUINHA - E o cara era pessoa cunhicida de vancê, ou pessoa inguinorada?
- FERNANDO - Conhecida minha e tua. Era o Beto, o alemão.
- DOQUINHA - O Beto?! E vanceis brigaro inte o causo de chegá nas via do fato? Nossa! O Chefe num vai gostá de sabê disso, não. É capaiz de dá bode com vanceis os dois. Si alembra daquela briga que o Girafa teve com o Mão de viludo? Sabe que é que o chefe feiz? Mandou um pra linha de fogo de São Paulo e outro pra linha de fogo do Detrito Federá. Um não durou dois mês e fizero o serviço nele, lá. O outro parece que ficou por lá intê hoje. Nunca mais vortô e ninguém num fiquemo sabendo mais nada dele.
- FERNANDO - A esta hora êle já deve estar sabendo. Saiu tudo no jornal com os nomes da gente por extenso. local da briga e tudo.
- DOQUINHA - Então se perpare e inspire o bôde. Não dou treis dia e vanceis tão sendo cunfirido pra outro lugá qualquer. E queira Deus que num xege num lugá brabo por sí. O chefe num é mole, não. Óis, intê vô le dizê uma cousa cá entre nós dois, que ninguém nos ova: Tãpunta gente arripindido por aqui, tá? Num deixa o bando só com medo do chefe. Ela num ~~é~~ drôme em serviço, não. Ele é fogo.
- FERNANDO - É Doquinha, tú tens razão. Tem muita gente arrependida, mesmo. Mas se os arrependidos se juntassem, êles tinham maneira de se vorem livres do chefe. A questão é que cada um quer se firmar à custa dos outros e a desunião entre os elementos do grupo é cada vez maior. O dia que êles entenderem que a união realmente faz a força, aí êles terão meios de combater a tirania do Chefe.

- DOQUINHA - Eu num tenho medo dele, o sinhô sabe? Eu até já disse pre êle uma vez. Trabalho pre êle praquê ganho mais e sustento o nêgo. Doutro geito num dava. Mas sabe o que foi que êle arrespondeu pra mim? Que o dia que eu fazê uma farseta pre êle, que êle manda digolá o meu nêgo. Vancê acha que êle manda, nêmo?
- FERNANDO - Não sei, Doquinha, a gente nunca pode saber o que êles são capazes de fêr fazer. E depois êles levam uma grande vantágem sôbre a gente. Eles conhecem a gente e a gente não conhece êles. Sempre que se fala é atrás daquela tela, como se fôsse um confessional, não dá pra se ter nem uma ideia do tipo do homem.
- DOQUINHA - Disse que só depois que o cara tá bem sarado que aí êle fala co chefe de frente a frente.
- OPERADOR - RELÓGIO DE TORRE, BATENDO DEZ BADALADAS ESPACADAS, AFASTADO.
- DOQUINHA - Nossa! Deiz hora da minhã e eu em vez de barrê tô aqui de papulina com o sinhô. Deixa eu trabalhá que eu ainda tenho que descê e perpará a gororoba que eu num perparei.
- C/ REGRA - RASCAR DE VAZOURA DE PALHA EM SOALHO POR ALGUNS MOMENTOS.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL
- REGINALDO - Está triste, minha filha? Espere um pouco mais. Êle vai telefonar, você vai ver. Com toda a certeza não tem telefone em casa e ainda não pode sair.
- MÁRCIA - Êle não vai telefonar, Reginaldo. Meu coração me diz que êle não vai. Magocou-se comigo por ter saído com aquele sujeito. Mas eu queria tanto falar com êle uma vez ao menos para explicar a razão da minha atitude.
- REGINALDO - Você vai falar, vai explicar e êle vai compreender. Não se aflija.
- MÁRCIA - E tambem não é só por isso que eu estou triste, não, Reginaldo. Eu tenho outras razões.
- REGINALDO - Eu não vou lhe forçar a me contar coisa alguma, mas quero que fi que sabendo que pode contar comigo para o que der e vier. Si puder auxiliá-la, vou ficar muito feliz.
- MÁRCIA - Obrigada, Reginaldo, muito obrigada. Eu sei que posso contar com você.

- REGINALDO - Ah, pode. Seja lá o que for que você necessitar de mim, minha filha, eu estou pronto a fazer.
- MÁRCIA - Eu vou precisar de você e muito, Reginaldo. Você vai me ajudar a ~~reconstruir~~ reconstruir a vida de Heloisa. Não posso ver uma criatura assim tão jovem e completamente desencantada do mundo. Temos que cuidar do seu coraçõzinho doente, fazer com que ele saia e guiá-lo, depois, para um caminho de paz e de amor.
- REGINALDO - É uma tarefa demorada e difícil. Heloisa, desgraçadamente, veio conhecer o mundo através de canalhas. Eles mataram toda a sua fé e arrancaram suas esperanças pelas raízes. Esperar que brotem outras, é tarefa que demanda tempo, amor e paciência.
- MÁRCIA - Nós havemos de encontrar esses três requisitos necessários e, com eles, atingir o fim a que nos propomos. É possível que...
- G/REGRA - TELEFONE CHAMA DUAS VEZES. LEVANTAR FONE DO GANCHO.
- MÁRCIA - (ALVOROCADA) Pronto, quem fala?
- VOZ - (FILTRO) É da mercearia?
- MÁRCIA - Não senhor. É engano.
- G/REGRA - DEPOSITAR FONE NO GANCHO.
- MÁRCIA - Que pena!... Meu coração ficou batendo, batendo... Ponha a mão aqui.
- REGINALDO - (PAUSA) É... parece que vai saltar do peito. (TOM) Aquieta-te, coraçõzinho, aquieta-te. O velho Reginaldo te promete que hoje ou amanhã, no máximo, ele vai telefonar. (TRANSICÃO) Si bem que eu já lhe tenha dito que não estou de acôrdo com esse namorado. Essa gente toda é perigosa. Seria muito melhor deixá-los pra lá do que procurar maior aproximação com eles. Há tanto rapaz bom por aí, você vai logo me escolher um que não presta?
- MÁRCIA - Não diga isso, Reginaldo. Não fale assim que me entristece. Você um dia ainda vai se convencer de que esse rapaz é muito melhor do que você imagina.
- REGINALDO - Você quer dizer que eu ainda vou me convencer de que ele não é tão ruim quanto eu imagino; não é isso?
- MÁRCIA - E não é a mesma coisa?

REGINALDO - Não senhora. Veja bem que é completamente diferente. Entre ser "muito melhor" do que eu imagino e "não tão ruim" como eu imagino, vai uma grande diferença.

MÁRCIA - Está bem, Reginaldo. Então um dia você vai se convencer de que ele não é tão ruim como você imagina.

REGINALDO - Deus permita. E digo isto de coração limpo. Deus permita.

OPERADOR :- CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Você que fez tanto empenho de me levar ao jantar, depois que eu me apronto toda vem me dizer que não vai? Não entendo, juro.

HERMES - Mas você vai entender em seguida, quando eu lhe disser o motivo. Não vou porque tenho fogo dentro da minha cabeça e a sensação de que, a qualquer momento, vou explodir. E tudo isto por causa de uma denúncia que recebi esta tarde e que me deixou quasi louco, Eugênia, quasi louco.

EUGÊNIA - Denúncia?! Mas que denúncia? Fala logo. Desabafe.

HERMES - O Beto, aquele companheiro horreroso de nosso filho, que você tantas vezes defendeu quando eu lhe dizia que não o deixasse entrar na nossa casa, foi ao meu gabinete hoje à tarde, para fazer uma denúncia sobre nossa filha.

OPERADOR : ACORDE DE GRANDE SUSTO. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

EUGÊNIA - Sobre Heloísa?! Denúncia sobre Heloísa?!... Mas que espécie de denúncia? Até agora continuo sem entender coisa alguma.

HERMES - Disse que nossa filha se meteu com um sujeito e quem visita semanalmente no seu apartamento.

OPERADOR : REPETE O ACORDE ANTERIOR.

EUGÊNIA - Ora, Hermes! Então porque um sujeito chega no seu gabinete e lhe diz uma coisa dessas você logo acredita? Sua filha ficaria muito magoada, se soubesse. (PAUSA E TOM) Diga-me: ele, pelo menos, apresentou alguma prova da sua denúncia?

HERMES - Não... não... prova não...

EUGÊNIA - Pois então, homem de Deus?! Amanhã chega uma pessoa lá, fala mal de mim e você acredita sem investigar? Não pode.

HERMES - Bem, mas eu... eu não lhe dei tempo para apresentar nenhuma prova, entende? Eu fiquei indignado e imediatamente o expulsei de lá.

EUGÊNIA - Fez muito bem. Fez, precisamente, o que tinha que fazer. Precisa, agora é convencer-se de que isto não passa de uma calúnia e afastar essa lembrança da sua cabeça.

HERMES - Mas é se a dúvida permanecer no meu espírito?

EUGÊNIA - É simples. Você manda investigar, ou vai você mesmo fazer isto.

HERMES - Eu tinha pensado em chamar Heloísa aqui, diante de nós dois e interrogá-la.

EUGÊNIA - Não acho que você deva fazer isto. Poderá ferir, e muito, sua filha. Trate de varrer isso da sua cabeça e se a dúvida persistir, faça o que eu lhe disse. E agora vá vestir-se e vamos ao jantar. Você vai conversar com amigos, vai espairecer.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Que é que deseja?

DOQUINHA - Primeiro eu quero perguntar si é aqui que reside a uma moça por nome Márcia.

REGINALDO - (CORRIGINDO) Márcia. É aqui, sim. O que é que deseja com ela?

DOQUINHA - Eu trago um recado pro ela. Um recado que mandaro.

REGINALDO - Pode dar o recado que eu transmito.

DOQUINHA - Num posso dá, não. Ué! Engraçado. O recado é pro ela, praquê que eu vou dá pra você? Eu sei lá quem é você; que pito toca?

REGINALDO - Sou o mordomo da casa, entendeu? Pessoa de sua confiança de toda a família. Mordomo. Sabe o que é mordomo?

DOQUINHA - E eu preciso sabê? Si tu é mata isso, ou deixa de sê, num me interessa. Eu quero ó falá ca dona Márcia pra dá um recado pro ela que mandaro eu dá.

REGINALDO - E pode me dizer, ao menos, quem é que mandou esse recado?

DOQUINHA - (ZANCADA) Um home. Tá satisfeito?

REGINALDO - Não. Não estou. Um home não basta.

DOQUINHA - Precisa mais, é que tu qué dizê?

REGINALDO - Não. Preciso saber quem é esse home. Entendeu agora?

DOQUINHA - (MEIA VOZ) O home é intrigante que só éle. (ALTO) Tu é zarro, hein coisinha? Os deuso tem que sê contado pra ti com todos os promg nór. O que é que tu é de moça pra querê sabe tanto, em vez de chamá ela logo?

- REGINALDO - Eu já não dásse que sou mordomo da casa? Sendo mordomo da casa, por conseguinte sou mordomo dela também.
- DOQUINHA - Féra aí. Eu acho que agora é que eu tô comprendendo. Tu trabalha na casa, não é?
- REGINALDO - Claro que sim.
- DOQUINHA - Tu é empregado que nem eu. Então pra quê essa bobage de mordão? Diz logo que tu é empregado e deixa de frescura.
- REGINALDO - Escute, rapariga, eu estou começando a perder a minha paciência com você, sabe? Ou diz logo o nome de quem mandou o recado para a Márcia ou eu fecho agora mesmo a porta e deixo-a do lado de fora.
- DOQUINHA - Mas tu nem é louco de me fazê isso. Boto um buxinco aqui na frente desta porta que tu vai tê que mandá chamá a rédia patrúia pra me fazê eu calá a boca. Experimenta fazê que tu vai vê com quem é que tu tá lidando.
- REGINALDO - Vamos, menina, eu tenho mais que fazer. Diga quem mandou recados para dona Márcia e eu irei chamá-la.
- DOQUINHA - Foi o seu Fernando, pronto, tá aí. Tá satisfeito? E agora quem tá perdendo a paciência sou eu. Já nem quero mais falá com ela nem dá recado nenhum. Eu vou simhora e vou dizê pro seu Fernando que tu num quiz i chamá ela. Tchaus.
- REGINALDO - Espere. Eu vou chamar Márcia.
- DOQUINHA - Espero, nada. Agora quem num qué esperá sou eu. Si tu quizé dá o recado pra ela tu dá, si tu num quizé pra mim tanto faiz.
- REGINALDO - Mas que recado, menina, se você ainda não me disse so que veio?
- DOQUINHA - Diz pra ela que o seu Fernando não pode telefoná pra ela porque adonde que êle tá num tem telefônis. Que assim que êle pudé que êle vem aqui pra conversá com ela. (ROM) O seu Fernando tá caidinho, sabe barbicha? Mas isso tu num precisa dizê pra ela que êle num mandô dizê.
- REGINALDO - Escute aqui, menina, eu vou lhe fazer uma pergunta: que tal êsse rapaz? Êle se monos presta para alguma coisa?
- DOQUINHA - Óia, eu só vou te dizê uma coisa pra ti, barbicha. Num é todos que prestá, lá, não, mas êsse é dos bôo. Eu num me ingano cas

pessoa e quando eu digo que é bão é porque é bão mesmo. Tá que sabê outra coisa que eu vou te dizê? Si êle fôsse ca minha cara eu intê era capaz de trocá o meu nêgo por êle. O Arquimede num é bão anssim que nel êle, não. Tá bão, balbicha, gudibis pra ti. (AFASTANDO) Dá o recado, hein? Num vai te isquecê que dispois vai da bode comigo lá.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Como é, bicho? Tá melhor?

FERNANDO- Ué! Que é que você veio fazer aqui? Veio continuar a briga?

BETO - Que é isso, bicho? Não é isso, não. Pelo contrário, vim dizê pra você que tô chateado com tudo que aconteceu ontem.

FERNANDO- E acha que isto agora adianta? Melhor era que não tivesse feito nada do que fez ontem.

BETO - Você sabe como é... eu já tava meio alto. Naquela hora nem tava sabendo si era companheiro ou não era. Naquela hora eu brigava com qualquer um. O chefe mandou me chamá pra sabê o que tinha havido e eu disse pra êle que foi tudo por causa do fogo que nós tomamo. Êle mandou que eu viesse aqui pra não ficá nenhuma diferença. Êle não quê briga com companheiro.

FERNANDO - Eu sei. Já me contaram que êle até manda a gente embora.

BETO - Eu queria preveni você, bicho, pra você dizê a mesma coisa si êle mandá lhe chamá, manjou?

FERNANDO - Pode deixá. Si eu for chamado, vou dizer a mesma coisa que você disse. Você não falou na garota; falou?

BETO - Por alto. Não disse nome nem nada. Não tenho razão pra prejudicá a ^{pequena} ~~mulher~~. Ela não vai com a minha cara, mas por isso eu não deixo ~~de~~ ~~reconhecê~~ de reconhecê que ela é uma garota bacana, às pampa.

FERNANDO - Bem, Beto, eu prefiro que você tenha reconhecido que agiu mal a eu ter que brigar definitivamente com você.

BETO - E eu também tô contente da gente acertá os relógio porque, do contrário, a gente podia sê muito prejudicado. (PAUSA E TOM) Você pensa voltá a falá com a garota?

FERNANDO - Não sei. Não tenho nem ideia si ela vai querê falá comigo. Si ela topar uma conversinha, eu vou tentar explicar as coisas e desculpar

você pela atitude de desrespeito que tomou com ela.

- ~~BETO~~ - Era exatamente isto que eu ia pedir a você. Pode dizê pra ela que eu tô arrependido e que, na primeira oportunidade, vou dizê isso pessoalmente a ela, tá bicho?
- FERNANDO - Eu vou dizê isso pra ela, mas pra você muito particularmente, eu vou dizê outra coisa: eu não acredito no seu arrependimento e jogo a minha cabeça como na primeira oportunidade você volta a fazer o que fez.
- BETO - Bom, isso vai dependê da hora, não é bicho? Si eu tivê bom, eu sei que não faço, mas si eu tivê dopado, aí já tô por conta da erva e não respondo por mim.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL. FUNDE COM RUÍDOS DE RUA.
- HERMES - Pelas indicações que aquele sujeito me deu pelo telefone, o prédio é êste aqui. A entrada bem defronte a uma casa de toalhas. É este. Não há como confundir. (PAUSA) Deixe ver uma coisa: horário de entrada, dezesseis horas. Saída às dezoito, regularmente. Portanto, pelo meu relógio, está precisamente na hora da saída. Resta, agora, que ela tenha vindo. Meu coração de pai bem que preferia que tudo fôsse um rebate falso. (SUSTO) Meu Deus! Ela!...
- C/REGRA - PASSOS DE DIVERSAS PESSOAS NA CALÇADA. PASSOS DE MULHER EM 1ª PL.
- HERMES - Heloisa!
- HELOISA - (LEVE SUSTO, MAS DISFARÇANDO) Papai! Que está fazendo aqui?
- HERMES - Eu é que lhe pergunto, minha filha, que está fazendo aqui?
- OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO. SOBRE E BAIXA.
- LOCUTOR - Êste foi o vigésimo capítulo da novela de Érico Cramer, "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO" que a Rádio Gaúcha oferece aos seus ouvintes. No capítulo de hoje tomaram parte os seguintes elementos: (SEGUE-SE A RELAÇÃO DE TODOS OS QUE TOMARÃO PARTE NO CAPÍTULO) Ouça, amanhã, no mesmo horário mais um capítulo de "Meu Pai, qual o caminho certo?"
- OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO.

.....

21º CAPÍTULO.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao findar o vigésimo capítulo desta novela vimos o doutor Hermes, procurando averiguar a denúncia recebida contra sua filha Heloisa, à porta de um prédio de apartamentos numa das ruas centrais da cidade. Embora desejasse saber a verdade, tudo que seu coração queria era ter confirmação de que a denúncia era falsa. Vamos lembrar um pequeno trecho do capítulo passado.

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA E VAI BAIXANDO ATÉ SUMIR, PARA FUNDIR COM RUA MOVIMENTADA, AUTOMÓVEIS, PESSOAS, ETC. ETC.

HERMES - Pelas indicações que aquele sujeito me deu pelo telefone, o prédio é este aqui. A entrada bem defronte a uma casa de toalhas. É este. Não há como confundir. (PAUSA) Deixe ver uma coisa: horário de entrada dezesseis horas. Saída às dez e meia, regularmente. Portanto, pelo meu relógio, está precisamente na hora da saída. Resta, agora, que ela tenha vindo. Meu coração de pai bem que preferia que tudo fôsse um rebate falso. (SUSTO) Meu Deus! Ela!...

C/REGRA - PASSOS DE DIVERSAS PESSOAS NA CALÇADA. PASSOS DE MULHER EM 1ª PLANO.

HERMES - Heloisa!

HELOISA - (LEVE SUSTO, MAS DISFARCANDO) Papai! Que está fazendo aqui?!

HERMES - É que lhe pergunto: minha filha, que está fazendo aqui?

HELOISA - Bem, papai, eu... eu vim ao apartamento de uma colega, buscar uns pontos que havia emprestado a ela e que eu ia precisar deles para amanhã, entende?

HERMES - E essa sua colega estava no apartamento?

HELOISA - Estava. Mas eu não estou compreendendo porque tudo isto, papai. Há alguma coisa que o senhor esteja querendo esclarecer? Fale francamente. Eu lhe direi o que for.

HERMES - Minha filha, eu tenho muito medo de vir a magoá-la, entende? Mas eu preciso acalmar meu coração. Eu recebi uma denúncia contra você.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM BG.

07.11.
20M

HELOISA - Entendo, papai. Disseram-lhe, com certeza, que eu venho todas as semanas a um apartamento neste edifício e aqui fico das quatro às seis da tarde; não foi isto?

HERMES - ~~Exato~~. Foi realmente isso que disseram.

HELOISA - Pois bem, papai, é verdade.

OPERADOR - ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ ACORDE DE GRANDES SUSTO.

HELOISA - (DEPOIS DE PAUSA) Eu venho, realmente todas as semanas ao apartamento seiscentos e um, onde mora a colega de que lhe falei há pouco. Venha comigo. Vamos subir até lá e ela ~~xx~~ irá repetir para o senhor as mesmas coisas que eu acabei de lhe dizer. Estudamos juntas. Venha.

HERMES - Não, minha filha, não vou. Não vou e confesso a você que estou envergonhado por ter duvidado do seu comportamento.

HELOISA - Mas papai, eu gostaria que o senhor tivesse a certeza de que...

HERMES - (CORTANDO) Mas eu já tenho a certeza, minha filha, não preciso ouvir mais ninguém para acreditar. Só quero, agora, pegar aquele canalha e fazer...

HELOISA - (CORTANDO) Não, papai, deixe-o. Não faça nada, por favor. Beto é um rapaz muito perigoso. Procure esquecê-lo. Enfrentá-lo seria um grande risco para o senhor e especialmente para mim. Ele me odeia e fará tudo para me prejudicar.

HERMES - Mas ele odeia você por que, minha filha? Você fez alguma coisa a ele?

HELOISA - Fiz, papai. Fiz uma coisa que ele nunca me perdoou. Recusei suas propostas indecorosas.

HERMES - E você me pede, ainda, para não tomar nenhuma atitude contra um homem desses? Não é possível, minha filha. Ele precisa ser castigado.

HELOISA - O maior castigo ele já teve que foi a minha recusa. Deixe-o pra lá, papai, por favor. Quanto mais o senhor provocar a ira dele, tanto mais ele procurará se vingar em mim e no Nadinho porque sabe que é a melhor maneira de atingi-lo.

HERMES - É, você tem razão, minha filha. Custa muito a um pai ter que calar diante de um canalha de pior espécie, como é o caso desse rapaz,

mas a prudência será a melhor maneira de evitar que ele dirija um novo ataque a você ou ao seu irmão. E agora vamos para casa. Meu carro está logo ali.

HELOISA - Eu gostaria de ir na sua companhia, papai, mas nesse caso eu teria que deixar meu carro onde ele está.

HERMES - Está bem, minha filha, em casa voltaremos a estar juntos. Você me perdôa?

HELOISA - O que, papai?

HERMES - Ter desconfiado de você e ter vindo vigiá-la?

HELOISA - Não, papai, eu não perdoo; eu lhe agradeço. Agradeço a certeza que o senhor me deu hoje, de ter alguém que zele pela minha vida e pela minha felicidade. Hoje eu já posso ter a certeza de que não estou só.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Você estava dormindo e eu não quis interromper o seu descanso, mas estava aflito que você acordasse para lhe dar uma notícia que vai causar-lhe a maior alegria.

MÁRCIA - Já sei. Fernando telefonou.

REGINALDO - Não, ele não telefonou. Mandou uma preta aqui trazer-lhe um recado. Por sinal que uma preta bastante atrevida e saliente. Imagine que só me chamava de barbicha.

MÁRCIA - (RINDO) Mas o recado? O recado você ainda não me deu, Reginaldo.

REGINALDO - Que ainda não telefonou porque lá onde ele está não tem telefone, mas que logo logo virá fazer-lhe uma visita para conversar com você.

MÁRCIA - (FELIZ) Ah, Reginaldo, que bom! Eu tinha tanto medo que ele tivesse ficado aborrecido comigo...

REGINALDO - E eu dizia a você que ontem ou hoje ele daria as caras por aqui; não dizia? Não deu as caras, mas mandou.

MÁRCIA - Sabe de que estou rindo? De você usar gíria, você que diz sempre detestar gíria.

REGINALDO - Também... pudera! Você acha que convivendo com Madinho tantos anos alguém possa fugir ao contágio da gíria? Nem com todo o esforço que se faça.

MÁRCIA - Que boa notícia você me deu, Reginaldo

PAG. 11

REGINALDO - Eu sabia que era boa notícia e por isso mesmo estava aflito para dá-la.

MÁRCIA - Estou tão feliz!.. tão feliz!... como você nem imagina.

REGINALDO - Eu quizera que você tivesse um pouco mais de cautela, minha querida Márcia.

MÁRCIA - Por que? Você continua duvidando de Fernando? Acho que ele já deu provas de que me estima e é um sujeito decente; não deu?

REGINALDO - Bem... já não discuto mais isto, mas você compreende, Márcia, um rapaz com os compromissos que ele assumiu e diante das ideias que ele defende, que garantias pode oferecer à moça que se tornar sua esposa? Ela terá uma vida inteira de sobressaltos, incertezas e inquietações. Suas noites serão longas, de permanentes esperas, povoadas de sombras e de mistérios ~~xxxxxxxxxx~~ tenebrosos. Os dias não oferecerão panorama diverso. Serão longos, também, de inquietantes angústias, de ameaças constantes e cansativos cuidados. Valerá a pena uma vida assim? Pense bem para que não se venha a arrepender depois.

MÁRCIA - Reginaldo, a minha esperança é poder converter Fernando pelo amor. Fazer com que ele renuncie à sua ideologia antes do casamento, mas se nada disto acontecer, ainda assim eu estou disposta a unir-me a ele e correr ao seu lado todos os perigos que você acabou de citar.

REGINALDO - Então, minha filha, só nos resta pedir a Deus que você consiga dobrá-lo com o seu amor. Mas não será fácil, advirto-a. Esses homens, em geral, são uns obstinados.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Você parece abatido. Que aconteceu?

HERMES - Não pude resistir ao peso da incerteza que me envenenava a vida e fui procurar investigar a denúncia daquela canalha.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.

EUGÊNIA - (ASSUSTADA) Foi?!... Você não devia, Hermes... não devia...
(PAUSA E TOM) Em todo caso... já que fez esse imprudência... diga-me, ao menos, qual foi o resultado da sua investigação?

~~HERMES - Não pude resistir ao peso da incerteza que me envenenava a vida e fui procurar investigar a denúncia daquela canalha.~~

- HERMES - Foi tudo uma infâmia daquele sujeito esquentoso. Sinto-lhe um tal ódio que tenho ímpetos de esganá-lo. E o pior é que não posso fazer nada contra êle porque Heloisa não quer. Acha que êle é por demais perigoso e que é uma temeridade provocar a sua ira.
- EUGÊNIA - E ela está certa. Há uma espécie de gente que é melhor ser ignorada do que provocada.
- HERMES - Falou, inclusive, que a sua vingança pode até estender-se ao Nadinho.
- EUGÊNIA - (ANCIADA) Isso, isso. Era exatamente isso que eu estava me lembrando. Ele pode envolver nosso filho, arrastá-ço, compreende. E tudo por espírito de vingança.
- HERMES - E por falar em Nadinho, você observou como êle está mais quieto, agora? Quasi não sai de casa e a não ser os pedidos de dinheiro, que continuam a ser constantes, no mais está perfeitamente acomodado.
- EUGÊNIA - O dinheiro eu tenho a impressão de que são dívidas que êle fez e que está pagando. Repare bem que os seus pedidos, geralmente, são feitos sempre no dia seguinte ao da visita de um dos seus amigos.
- HERMES - Eu não tinha reparado, mas deve ser isto, então. Seu carro também não sei que fim levou. Não o vi mais andar nele.
- EUGÊNIA - Não duvide nada que já o tenha vendido e gasto o dinheiro com êsses "bandidos" amigos que só o que sabem fazer é explorá-lo.
- HERMES - Por isso que, de agora em diante, vou começar a apertar as despesas, sob a alegação de que os negócios não andam bem. E você vai me ajudar, Eugênia. Conto com você para concitá-los a gastar menos.
- EUGÊNIA - (DESAGRADADA, MAS CONTENTO-SE) Você está querendo dizer que eu também gaste menos? É isto? Como é que você quer que eu ande? Como se fôsse a esposa de um dos seus funcionários? Não acha que ficaria mal para você, que todo o mundo iria comentar a sua novidade? Se você prefere isso, não me custa fazer. Retiro-me da sociedade e fia.
- HERMES - Pelo amor de Deus, Eugênia, você interpretou mal o que eu lhe disse. Eu pedi que você me ajude a conter os gastos de seus filhos, apenas. Não falei nem pensei nos seus. Entendido, agora?

EUGÊNIA - Não, porque muita gente me acusa dos gastos que eu faço, eu sei. Sua amiga Lindaura é uma delas. (IMITANDO) Você gasta demais, devia poupar um pouco o pobre do seu marido." (TOM) Não entendem que eu faço isso por você e pela sua posição no mundo financeiro da cidade. Não entendem que se eu procedesse de outro modo o feio ficaria para você que passaria por um marido unhas de fome que não dá conforto à mulher.

HERMES - Bem, deixe isso pra lá. Não é isso que está em pauta, agora. Quero saber se posso contar com você para conter as despesas mensais dos nossos filhos; posso?

EUGÊNIA - Claro que pode. Tanto mais que eu tenho certeza absoluta de que o dinheiro que eles pedem a você e muitas vezes a mim, não é gasto por eles e sim pelos seus amigos exploradores.

HERMES - Muito bem. Então comece amanhã mesmo o seu trabalho de doutrinação junto a eles. Especialmente o Nadinho que é o pior.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Você agora virou ermitão, rapaz? Não sai mais de dentro deste quaxto? Que é que ha com você?

NADINHO - Tenho ordem de não sair à rua enquanto estiver manquejando; só isto. Que é que houve com você que eu ouvi uns negócios aí muito por alto?

HELOISA - O indecente do seu amigo Beto foi contar ao velho que eu me encontro semanalmente com um rapaz no apartamento dele.

NADINHO - E o velho?

HELOISA - Bom, tú sabes como é. O velho é quadrado total. Ficou apavorado. Foi lá me espiar e deu de cara comigo na saída.

NADINHO - Nessa altura ele quasi teve um filho, não?

HELOISA - Eu tive uma serenidade tão grande que ele acreditou piamente no que eu disse e nem quis subir ao apartamento da Isolde, que é no mesmo prédio e onde eu ia levá-lo, para desmentir o Beto.

NADINHO - Pois eu acho que tu fez mal.

HELOISA - Por que?

NADINHO - Porque devias tê aproveitado a ocasião pra convencê o velho que a vida de hoje já não é mais como a do tempo dele. Que hoje ninguém

mais leva em conta essas bobagem da moda casá sem conhecê a vida e que isso é que tá certo.

HELOISA - E você acha que o pai ia aceitar essa teorias? O pai foi educado noutros moldes, Nadinho, não te esquece.

NADINHO - Pois é, mas a vida mudou e si êle não qué aceitá a evolução a gen te tem que mostrá pra êle que êle tá errado.

HELOISA - A mãe, que não é tão quadrada, não aceitaria isto, você quer que o pai aceite? Não pode e nós temos que compreender. São duas épocas duas maneiras distintas de viver.

NADINHO - Uma certa e outra errada.

HELOISA - E cada um achando que o outro é que está errado. A gente tem que dá tempo ao tempo, Nadinho e êles precisam de tempo pra se acostumar com a nova vida que êles não nos ensinaram, mas que nós tomamos nas mãos e estamos vivendo. (TOM) Ah, e por falar em nova vida, a mãe falou com você, negócio das despesas?

NADINHO - (DESAGRADADO) Falou.

HELOISA - Pois é, o velho parece que tá atravessando uma época má e a mãe veio pedir a nossa colaboração.

NADINHO - Pra ela continuá gastando nos costureiro as fortuna que gasta.

HELOISA - Bom, acho que a mãe também vai diminuí os seus gastos.

NADINHO - Claro. Pois si ela sósinhe gasta mais que nós dois juntos... Ela é quem pode dá maior colaboração.

HELOISA - Pois é, mas nós também temos que dar um geito porque o velho marga, coitado.

NADINHO - Bom, você sabe quô não depende de mim. Vai dependê de me deixarem fazê economia. Mas si êles exigirem dinheiro, eu tenho que dá.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - É verdade o que me contaram a respeito do Hermes, Lindaura?

LINDAURA - O que foi que lhe contaram? Não sei do que se trata.

DINAH - A Leopoldina esteve me visitando e contou que tem uma filha que é colega da Heloisa na Faculdade a quem a Heloisa disse que estão em fase de economia porque o pai não anda muito bem de negócios.

LINDAURA - Não sei, não. Pra mim é novidade. Mas também do geito que aquela gente gasta, acho que qualquer um tem que ficar abalado ao fim de

um certo tempo. É a mãe de um lado e os filhos de outro. Não há fundilho que aguento.

DINAH - Coitado do doutor Hermes. É uma pessoa tão boa. Merecia melhor sorte, você não acha?

LINDAURA - Ah, merecia. Sem dúvida. Eu não vou dizer que a Eugênia seja uma má esposa. Não acho que seja. Mas aquela mania que ela tem de projeção social é que bota a mulher a perder. Faz horrores por causa daquelas besteiras. Você acredita que ela foi assistir a um desfile e gastou quasi sete milhões em tres vestidos?! Só pra que? Pelo gosto de botar os vestidos? Não. Pra ser citada na coluna social como uma das primeiras adquirentes. Sete milhões por três vestidos, Dinah. Tú achas que isto tem cabimento?

DINAH - É, de fato. Eu acho que mesmo que pudesse muito, não daria somas assim tão altas para andar bem vestida. Não ligo muito pra roupa.

LINDAURA - Não ligo muito? Não ligo nada. Anda ponça abaixo, ponta acima. Você é a pessoa mais mal vestida que eu conheço, queridinha.

DINAH - Ah, tambem não sou tanto assim. Você está exagerando.

LINDAURA - Exagerando? Pois olha, você lembra aquela manhã que você ia saindo do super-mercado e eu passava com a Isaura Borges? Nós falamos ligeiramente e eu nem lhe apresentei a ela; recorda-se? Pois quando nos separamos, sabe o que foi que ela me perguntou? "É a tua empregada?" Eu fiquei tão chateada que nem quiz dizer que eras minha amiga. Disse que era uma vizinha.

DINAH - Como é que eu estava para ela me confundir a uma empregada?

LINDAURA - Como tu andas sempre, queridinha. Ponta abaixo, ponta acima como eu já te disse. Afinal eu sei que tu não tens grandes possibilidades, como eu tambem não tenho, mas podias andar um pouquinho melhor, até por uma questão de capricho. Desculpa, mas tu sabes como é que eu sou. Eu não digo as coisas pelas costas. É na cara.

DINAH - Eu sei e por isso mesmo nem me aborreço contigo. Acho graça. Mas a questão é que se eu fôsse gastar dinheiro em roupas, não me sobriaria nada para as minhas caridades e entre uma e outra eu prefiro ficar com a que estou. Deixa que falem e que digam o que quizerem; eu nem estou ligando.

LINDAURA - Tú és daquela teoria: falem mal de mim, mas falem em mim?

DINAH - Não. Eu sou da teoria de não ligar que falem ou deixem de falar.

O Padre Augusto disse que isto em mim é superioridade.

LINDAURA - O Padre Augusto que me perdõe, mas eu, por mim, acho que é desleixo mesmo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

G/REGRA - TELEFONE CHAMA DUAS VEZES. RUÍDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO.

HERMES - Pronto. Hermes fala aqui. Quem é?

BETO - (FILTRO) É o Beto, doutor. Como é que vai passado, depois da revelação que eu lhe fiz?

HERMES - (SECO) O que é que você quer?

BETO - (FILTRO) Sabê se o senhor foi conferi a jogada e qual foi o resultado.

HERMES - Escute, eu estou ocupado aqui com um serviço muito importante do Banco que não posso interromper, entende?

(FILTRO)
BETO - Não, não doutor, mas o caso é que eu preciso sabê se o senhor confirmou a jogada porque o meu nome tá no treco, entende?... e eu não quero ficá por mentiroso.

HERMES - Eu não tive tempo de me afastar do Banco, ontem, durante todo o dia. A investigação vai ficar para a próxima semana.

(FILTRO)
BETO - Que é isso, doutor? Pra cima de mim? O senhor tava lá na esquina que eu vi e agora vem querê me enrolá?

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

HERMES - Eu já disse que não consegui me afastar do Banco. Tive muito trabalho. Você está jogando verdes para colher maduros.

(FILTRO)
BETO - Fuxe, doutor, o senhor é mesmo um cara de pau, hein? Um tremendo cara de pau. Pois aí eu também tava lá pra conferi a jogada do meu lado e o senhor vem me dizê que não foi? O senhor até falou com ela na porta do edifício. Ou vai querê me dizê que não falou?

HERMES - Escute, rapaz eu já lhe disse que estou fazendo um trabalho do Banco importantíssimo e que não disponho de tempo para estar conversando com quem quer que seja. Eu vou...

BETO - (FILTRO, CORTA) O senhor não vai desligá sem respondê, ainda a uma pergunta que eu quero lhe fazê. Por que motivo não subiu com ela pra vê direitinho o lugar onde ela vai?

HERMES - Porque acredito na minha filha, muito mais do que em você, pronto. E si era isto que queria ouvir, aí tá.

G/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE COM FORÇA.

HERMES - Sujeito ordinário. Sujeito noventa. Eu gostaria de poder agir com mais cautela, mas a minha indignação não deixa.

G/REGRA - RUIDO DE TELEFONE CHAMANDO VÁRIAS VEZES.

HERMES - (DEPOIS DA TERCEIRA CHAMADA) Vais cançar de chamar porque eu não vou te atender.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Eu esperava ansiosamente por este momento. Tinha como que uma necessidade de explicar-lhe as razões que me levaram a acompanhar aquele homem.

FERNANDO - Não precise explicar nada; eu estou sabendo de tudo, Márcia.

MÁRCIA - E eu tinha, também, uma aflição muito grande por você. Não sabia se havia sido ferido ou não, se tinha sido preso, se sofreria sanções por parte do grupo... Você nem sabe o que eu sofri nestes tres dias de espera.

FERNANDO - E eu sofri por estar longe e sem poder comunicar-me com você. Consegui mandar-lhe um recado pela doméstica que trabalha pra eles.

MÁRCIA - Você nem sabe a felicidade que me deu agora, neste momento.

FERNANDO - Por que?

MÁRCIA - Porque você disse: "a doméstica que trabalha para eles." Antes você dizia nós, o nosso grupo... Isso é muito significativo. Faça um exame de consciência e veja.

FERNANDO - Eu sei que estou me transformando. Eu sinto isto. Mas a quem cabe a culpa dessa transformação?

MÁRCIA - Você quer dizer que sou eu a culpada?

FERNANDO - Não. Você, propriamente, não. A culpa não será sua nem minha, a culpa é do amor. Por isso dizem que ele redime as culpas da humanidade. Será que eu também vou redimir as minhas culpas através do amor?

MÁRCIA - E por que não? Você, por acaso, não faz parte da humanidade?

FERNANDO - Mas eu não me considero culpado por ter abraçado o ideal de amor à humanidade.

- MÁRCIA - Não. Realmente por isso você não deve ser considerado culpado. Sabe qual é a sua culpa, ao meu ver?
- FERNANDO - Diga.
- MÁRCIA - É ter permanecido num agrupamento onde o ideal de cada um é o próprio interesse. É ter permanecido como membro de uma horda que tem como objetivo principal o saque, o roubo e a chantagem. Sendo você, como já demonstrou, um rapaz de tão nobres sentimentos, por que não se desliga definitivamente dessa bande de malfeitores?
- FERNANDO - Porque, como já lhe disse uma vez, alimentava a esperança de poder transformar todos eles e chamá-los para um trabalho diferente que visasse, apenas, o bem comum.
- MÁRCIA - Mas você já não sentiu que com essa gente isso não é possível? Por que insiste, arriscando sua própria vida?
- FERNANDO - Porque a minha vida correrá risco muito maior se eu me desligar abertamente. Entendeu agora?
- C/REGRA - DUAS OU TRES CHAMADAS DE TELEFONE EM TERCEIRO PLANO. PASSOS DE HOMEM DE 1º PARA 3º PLANO. RUIDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO, LONGE
- REGINALDO - (AFASTADO) Pronto. (PAUSA) Quem é que quer falar com ela? (PAUSA) Um momento.
- C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO VINDO DE 3º PLANO E CHEGANDO ATÉ 1º.
- REGINALDO - Márcia, é o Beto.
- OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO.
- REGINALDO - Quer falar com você.
- MÁRCIA - (AFLITA) Meu Deus, que faço?!
- FERNANDO - Deixe. Eu vou atender.
- OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO. SOBE E CAI PARA BG.
- LOCUTOR - Este foi o vigésimo primeiro capítulo da novela de Érico Gramer "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que teve a participação dos seguintes elementos: (RELAÇÃO) Ouça, amanhã, neste mesmo horário, mais um capítulo desta empolgante novela. Boa tarde.
- OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA ENCERRAMENTO.

- Novela de ÉRICO CRAMER -

22º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

07. 11.
20 11

LOCUTOR - Ao final do vigésimo primeiro capítulo desta novela encontramos Fernando e Márcia, pela primeira vez reunidos, depois dos desagradáveis acontecimentos da boate Tramóia que tão fundo marcaram o espírito da moça. Eles haviam passado três dias sem se poderem ver, mas estavam outra vez, finalmente juntos. E a conversa estava mais ou menos neste ponto:

OPERADOR - COBE A CARACTERÍSTICA E VAI BAIXANDO ATÉ DESAPARECER.

FERNANDO - Dizem que o amor redime as culpas da humanidade. Será que eu também vou redimir minhas culpas através do amor?

MÁRCIA - E por que não? Você, por acaso, não faz parte da humanidade?

FERNANDO - Mas eu não me considero culpado por ter abraçado o ideal de amor à humanidade.

MÁRCIA - Não. Realmente por isso você não deve ser considerado culpado. Sabe qual é a sua culpa ao meu ver?

FERNANDO - Diga.

MÁRCIA - Ter permanecido num agrupamento onde o ideal de cada um é o próprio interesse. É ter permanecido como membro de uma horda que tem como objetivo principal o saque, o roubo e a chantagem. Sendo você, como já demonstrou, um rapaz de tão nobres sentimentos, porque não se desliga, definitivamente, desse bando de malfetores?

FERNANDO - Porque, como já lhe disse uma vez, alimentava a esperança de poder transformar todos eles e chamá-los para um trabalho diferente que visasse, apenas, o bem comum.

MÁRCIA - Mas você já não sentia que com essa gente isso não é possível? Por que insiste, arriscando sua própria vida?

FERNANDO - Porque a minha vida correrá risco muito maior si eu me desligar abertamente. Entendeu, agora?

C/REGRA - DUAS OU TRÊS CHAMADAS DE TELEFONE EM 3º PLANO. PASSOS DE HOMEM DO 1º AO 3º PLANO. RUÍDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO. LONGE

REGINALDO - (ACASTADO) REGRESSO Pronto. (PAUSA) Quem é que quer falar com

ela? (PAUSA) Um momento.

C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO, VINDO DE 3º PLANO E CHEGANDO ATÉ AO 1º.

REGINALDO - Márcia, é o Beto.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

REGINALDO - Ele quer falar com você.

MÁRCIA - (AFLITA) Meu Deus, que faço?!...

FERNANDO - Deixe, eu vou atender.

MÁRCIA - Não, não, Fernando... eu acho... acho que você não deve ir.

FERNANDO - Por que?

MÁRCIA - Ele sabendo que você está aqui vai ficar profundamente despeitado e mais uma vez vai procurar prejudicá-lo.

FERNANDO - Nesse caso... você não pode mandar dizer que não está?

REGINALDO - Não adianta. Ele voltará quantas vezes foram precisas até conseguir o que deseja. Se me permitem uma sugestão...

MÁRCIA - Fale, Reginaldo, o que é que você acha que devemos fazer?

REGINALDO - Enfrentá-lo. Mostrar medo dele será infinitamente pior.

MÁRCIA - Você acha, então, que eu devo atendê-lo?

REGINALDO - É claro. Atenda-o com naturalidade, ouça o que ele quiser dizer e responder você sabe. Eu não preciso ensiná-la.

MÁRCIA - Está bem, eu vou. Fernando, fique ao meu lado para me dar força.

C/REGRA - PASSOS DE MÁRCIA INDÓ PARA O TELEFONE. O MICROFONE VAI COM ELA.
OS PASSOS DE FERNANDO ACOMPANHAM-NA.

FERNANDO - Vamos, então.

C/ REGRA - RUIDO DE PEGAR O FONE DA MESA. PAUSA.

MÁRCIA - (MEIO TRÊMULA, INSEGURA) Alô...

BETO - (FILTRO) É você, Márcia? Aqui é o Beto que está falando.

MÁRCIA - (SÉCA) Eu sei. O que é que você quer?

BETO (FILTRO) - Eu só queria lhe pedir desculpas pelo que fiz com você.

MÁRCIA - Desculpas não adiantam. Melhor seria que não tivesse feito.

BETO - (FILTRO) Eu sei, mas... eu tava um pouco alto, entende? E quando a gente tá assim a gente não é muito responsável pelo que faz.

MÁRCIA - Está bem. Era só isto que você queria?

BETO (FILTRO) - Não, não... eu... eu queria outra coisa, ainda.

MÁRCIA - Então diga logo, por favor, que eu tenho pressa.

BETO - (FILTRO) Eu queria tornar a me encontrar com você para desta vez, realmente, lhe entregá o retrato da sua irmã. Pode ser?

MÁRCIA - Beto, eu não posso mais acreditar em você e de jeito algum sairia para encontrar você fôsse onde fôsse.

BETO (FILTRO) - Pois bem, então escute bem o que eu vou lhe dizer: a sorte da sua irmã está nas suas mãos. Se você não quiser o retrato, eu vou engá êle no banco pra o seu pai. Agora você resolva.

MÁRCIA - Você não pode fazer isto, você não pode. É uma indignidade.

BETO (FILTRO) - Eu só vou fazer se você me obrigá.

MÁRCIA - Bem, eu não vou resolver nada de hoje pra amanhã, vou pensar.

BETO (FILTRO) - É como é que eu vou sabê o que você resolveu?

MÁRCIA - Tornando a telefonar pra cá.

BETO (FILTRO) - Quando? Amanhã?

MÁRCIA - Não, amanhã ainda não. Depois de amanhã à noite. Eu preciso de mais tempo. Não é fácil uma solução para o que você me propõe.

BETO (FILTRO) - Tá bem. Eu telefono pra você depois de amanhã, então. E vou espgrá ansioso.

C/REGRA - DESLIGAR TELEFONE.

MÁRCIA - Sujeito cretino!

FERNANDO - O que é que êle queria?

MÁRCIA - Voltar a se encontrar comigo para me entregar o retrato de Heloisa.

REGINALDO - Por favor, Márcia, não pense em voltar a encontrar-se com êsse sujeito. Você já viu bem do quanto êle é capaz.

MÁRCIA - Pois é, mas desgrçadamente eu penso que terei que correr outra vez o mesmo risco.

FERNANDO - Por que? Êle ameaçou você?

MÁRCIA - A mim, própriamente, não. Ameaçou de entregar o retrato a papai. E eu tenho que, de algum modo, evitar que isto aconteça.

FERNANDO - Márcia, eu conheço Beto. Êle vai tentar conseguir você a qualquer custo, portanto todo o cuidado que tiver com êle será pouco. Você não deve se expor. Você me permite falar com êle sôbre isto?

MÁRCIA - Você acha que poderia adiantar alguma coisa? Eu não acredito muito, não.

FERNANDO - Mas eu posso pelo menos tentar.

REGINALDO - Eu posso dirigir uma pergunta ao senhor?

FERNANDO - Claro que pode, óra esta.

REGINALDO - O senhor não teria meios de impedir essa chantagem lá por intermédio do seu chefe? Presumo que êle seja o chefe de ambos, não?

FERNANDO - De fato, mas o que acontece é que Beto é mais antigo do que eu e tem um posto superior ao meu na organização. Eu sou aspirante. Ele já é efetivo. Si eu dirigisse ao chefe qualquer censura a uma atitude dele - que não fôsse diretamente contra a organização - isso seria tomado em conta de insubordinação e deslealdade e o prejudicado seria eu. Além de sofrer censura diante de todos os companheiros, teria que humilhar-me e pedir-lhe desculpas.

REGINALDO - Então não sei o que se possa fazer, mas o que sei é que você não pode correr outra vez o mesmo risco que correu naquela noite. Da primeira vez você foi feliz, Deus olhou para você e mandou-nos em seu auxílio. De uma segunda vez não se sabe o que poderá ocorrer. Pense em qualquer solução, menos na de atender ao pedido dele.

FERNANDO - É, eu penso que o senhor está certo nas suas deduções. Nunca se pode prever o que Beto será capaz de fazer, principalmente se estiver sob a ação de excitantes. Mas nós ainda temos amanhã todo o dia para pensar numa solução e chegar ao denominador comum.

MÁRCIA - É, não vamos estragar a nossa noite com lembranças desagradáveis. Vamos tratar de aproveitá-la da melhor maneira que nos seja permitida e amanhã, à luz de um novo dia, cabeças mais descansadas e nervos menos tensos, estaremos em melhores condições de achar a solução desejada.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE BATENDO OITO HORAS.

REGINALDO - Ué! O que é que está para acontecer? Você de pé a esta hora e já arrumado para sair?

NADINHO - Temos reunião às oito e meia e não dá pra se chegá atrasado. O regulamento lá é rigoroso.

REGINALDO - São essas coisas que me deixam invocado, Nadinho. Você nunca foi capaz de levantar em tempo para fazer as coisas direitas

que deveria fazer, como ir ao Colégio, ir à Faculdade, ao seu Curso de Inglês... e todas as demais obrigações normais que lhe aparecessem como estudante universitário, no entanto para essas coisas erradas você não precisa nem que a gente o desperte e se submete às ordens mais absurdas com uma docilidade que me espanta. Como é que essa gente conseguiu isso de você? Diga.

NADINHO - Bom, aqui a gente não fazia as coisas e sabia que ficava tudo no mesmo. Não acontecia nada pra gente. Lá, uma ordem que deixe de ser cumprida dá um bode tremendo e a turma não é mole pra castigar, tá?

REGINALDO - O que equivale dizer que para as pessoas rebeldes, como você sempre foi em casa, o verdadeiro mesmo é o rigor. Eu sempre dizia isto à sua mãe, mas ela achava que rigor era método do passado e que a educação moderna era muito mais liberal e ao mesmo tempo mais eficiente. Aí está a prova de que a razão estava do meu lado. (TOM) Que é que você vai tomar? Cha, café, laranjada ou batida de frutas?

NADINHO - Não tenho vontade de tomar coisa alguma. Acho que vou preferir o cafésinho que servem pra gente lá, durante a reunião.

REGINALDO - Você acha que já podem destacá-lo para uma nova missão?

NADINHO - Não sei. O chefe parece que havia falado que só depois que tivesse deixado de manquejar.

REGINALDO - E você já deixou?

NADINHO - Quási, quási.

REGINALDO - Quer um conselho meu? Entre manquejando bastante para evitar que o destaquem para uma nova missão. Assim, pelo menos, a gente fica mais uns dias descansado, sabendo que você não está na linha de frente.

NADINHO - Isso é covardia eu não vou fazê.

REGINALDO - Covardia é valerem-se de meninos sem opinião própria que se deixam envolver e depois não podem recuar mais. Isso, sim. Isso a meu ver é covardia.

NADINHO - Deixa isso pra lá, Reginaldo. Tá não entende dessas coisa.

REGINALDO - Entendo, sim. Entendo perfeitamente. Sei muito bem o que estou

dizendo e sei, também, porque eles agem dessa forma.

NADINHO - Bem, Reginaldo, eu estou agora com o tempo necessário para apanhar um taxi e chegar lá. Não precisa dizer nada pra corôa que eu sei, mesmo porque quando ela se levantar eu já estarei de volta. Não acredito que a reunião vá além do meio dia. Tchau.

REGINALDO - Vai com Deus. Que êle te ilumine e te mostre o caminho certo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Bicho você vai pensar que eu tô lhe perseguindo por causa da gergete, mas eu tenho que lhe dá as dica do que tá acontecendo por aqui pra você depois não botá as culpa em cima de mim.

FERNANDO - O que é que há, rapaz? Fala logo e deixa de rodeio.

BETO - É que o chefe tava me falando que êsse trimestre não viu neças de atividade tua, bicho. Disse que tu não trouxe nem um cara da Faculdade pra assisti as doutrinação. Que tu tá plantado que nem planta poste, bicho.

FERNANDO - Êle pensa que é fácil consegui aliciá os cara pra vi arriscá o pelo aqui? Antes era. O Paiz tava numa anarquia total, era cara roubando e explorando a massa de tudo quanto era gelito, os caras sentiam revolta e resolviam guerrear, mas agora, com êsse govêrno limpo que está aí, trabalhando pra valer, cuidando dos desprotegidos, e punindo os exploradores, abrindo frentes de trabalho para os braços desocupados, cuidando do engrandecimento da e do progresso da Nação, é muito difícil conseguir que alguém se apresente a lutar contra êle.

BETO - Bicho, se o Chefe de ouvisse falá com êsse entusiasmo dos nossos inimigo, tu ia pegá a graduada pra o resto da tua vida, tá? Te espiana quando falá do Govêrno. A gente tem que dizê sempre que êle não presta, mesmo que seja bom. E depois tem uma coisa, bichos: êsse vá qá que preste, mas o que vai vi depois será que vai prestá também? Duvidodó! Por isso a gente tem que garanti, lá em cima, um chapa de gente.

FERNANDO - Não pensa que vai sê mole, não, porque com essa turma que tá aí não vai dá no couro. Se tu qué tê a prova, chega nas Faculdade e pergunta pro cara o que é que eles acham deste governo.

- BETO - Eu não tô pensando que vê sê mole, bicho. Eu tô pensando é que a gente tem que tocá o trabalho pra frente. Isso é o que eu tô pensando. Tí já imaginô as boca que vão aparecê pra gente quando tivê gente nossa lá em cima? Aí nós vamo saf do miserê e vamo se enchê da nota. O cara feiz cara feia pra gente tá fuzilado. Não tem curé-curá. Boas garota... carros bacana... bastante grana no bolso... Bicho, eu nem gosto de me lembrá. Tu não pensa nisso às vezes, não?
- FERNANDO - Não. Não penso. Digo-lhe mais: nunca pensei nessas coisas.
- BETO - Mas tem que pensá, bicho. Tem que pensá que é pra se entusiasma com o trabalho e mandá lenha pra frente.
- FERNANDO - (SIGNIFICATIVO) É... tem que se pensar muito mesmo. Cada vez tem que se pensar mais.
- BETO - Escuta, bicho, eu já te avisei que o chefe não tá contente contigo. Na outra reunião vê se traz ao menos uns dois cara ~~xxx~~ aí, que é pra limpá a tua barra que tá um bocado suja.
- FERNANDO - É, deve estar, sim. Eu tenho mesmo que dar um geito na vida e fazer alguma coisa. ~~XXXXXXXXXX~~
- BETO - Já já te disse o dia de outra reunião, não te disse?
- FERNANDO - Já tomei nota no meu caderno.
- BETO - Mas antes da reunião nós vamo tê aí uns dois ou três servicinho de preparação de um grande serviço que o chefe planejou.
- NADINHO - ~~XXXXX~~ (AFASTADO) Posso entrá?
- BETO - Pode.
- C/REGRA - PASSOS DE PESSOA MANGA. SE APROXIMANDO.
- BETO - Ué, rapaiz, tá ainda tá andando desse jeito? Disse que já tava bom.
- NADINHO - (CUMPRIMENTA FERNANDO) Ôi.
- FERNANDO - Ôi.
- NADINHO - É tô bom, mas ainda não posso andá com firmeza. Firmando o pé xix ainda dói. Houve a reunião?
- BETO - Cabou não faz muito. Tava à tua espera porque tem um servicinho pra ti fazê.

NADINHO - Eu tô dentro da hora que tu marcou; não tô?

BETO - Tá rapáiz, não tem problema. Voceis tem que té aqui é justo quando a reunião acaba, pra recebê as instruções do que ficou resolvido pela cúpola.

NADINHO - E qual é o servicinho que ficou pra mim?

BETO - Um serviço bacana à bessa. É fácil, fácil. Tú vai trabalhá praticamente em casa.

NADINHO - Como em casa? Não tô entendendo.

BETO - Depois a gente conversa. Deixa eu despachá o Fernando, aqui que já tá no fim a nossa conversa. (TOM) Bom, bicho, o negócio é aquele que eu já te disse, agora tu vai te virá pra vê como é que tu vai saí dessa. Entendido?

FERNANDO - Entendido. Tchau.

C/REGRA - PASSOS DE FERNANDO SE AFASTANDO. SOMEM.

NADINHO - Tchau.

BETO - Tchau. E agora vamo nós à nossa conversa.

OPERADOR : CORTINA MUSICAL

HERMES - Eu não sei o que está acontecendo em nossa casa de uns tempos a esta parte, Eugênia. Está todo o mundo mudado. Todo o mundo diferente. Eu já não encontro na fisionomia dos meus filhos aquela mesma alegria e despreocupação de outros tempos.

EUGÊNIA - É impressão sua, Hermes. Nem eles têm razões que possam justificar uma mudança assim tão radical como você diz.

HERMES - Com ou sem razão, a verdade maior é que eles estão diferentes. Até Nadinho, sempre tão avoado e ativo, não parece mais o mesmo rapaz de antes. Basta dizer que passa os dias inteiros no quarto e raramente sai. Ele que vivia da rua de manhã à noite. Heloisa está triste e é a única que eu conheço a razão.

EUGÊNIA - Pois eu estou em dizer a você que se Heloisa mudou não terá sido pelo desastrado episódio com você. Aquilo, no fundo, até fez bem a ela. Inde há dois dias, conversando com ela, eu ouvi isto: Mãe, foi tão bom! Como é bom a gente saber que há alguém que nos cuida e zela por nós!

- HERMES - Ela me disse também isto, na tarde em que o fato se deu.
- EUGÊNIA - Pois então? Si ela pensa assim você acha que poderá ficar triste com o que aconteceu? Não creio. Heloisa, se realmente anda tristonha, deve ser algum motivo de namorado.
- HERMES - Ela nunca foi muito inclinada a estas coisas. Pelo contrário, mostrava, até, uma certa prevenção pelo assunto.
- EUGÊNIA - Mas é mulher, como todas as outras, por conseguinte, dificilmente poderá escapar aos prazeres e torturas do amor. Mas não se preocupe por causa disto, querido, porque os males, como as alegrias do amor, são passageiros.
- HERMES - Márcia também. Parece-me grandemente preocupada. Dir-se-ia que as suas preocupações não são com ela própria, pois que, intimamente, parece contente consigo mesma, mas há qualquer coisa que ela sabe e que dirá respeito talvez com seus irmãos - não sei - que a preocupa enormemente. Chega a perder-se em divagações, às vezes, conversando comigo. E ela nunca foi assim.
- EUGÊNIA - Sobre Márcia muito pouco poderei dizer-lhe porque quasi não a conheço. Nossa convivência é tão breve - apenas o tempo que duram as refeições - e ademais eu devo confessar a você que nunca me detive a estudá-la.
- HERMES - E é por isso, exatamente, que ainda guarda prevenção com ela. O dia que se dispuser a estudá-la, vai conhecer melhor os seus magníficos sentimentos e vai aprender a estimá-la.
- EUGÊNIA - É. Meus filhos já gostam dela, pode ser que isto venha acontecer também a mim.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL
- HELOISA - (SECA, DESGRADADA) O que é que você faz aqui, rondando a nossa casa? Já não chega o mal que nos tem feito?
- BETO - Eu tô paquerando a Márcia.
- HELOISA - Tô paquerando a Márcia. Vê lá se uma garota como ela vai se sujeitar de dá confiança pra um tipo da sua láia.
- BETO - Pode xingar à vontade. Não interessa. Tô aqui pra me encontrar com a Márcia; tá bom?

- HELOISA - A Márcia não quer nada com você. Ela já conhece bem a espécie de lixo que você é.
- BETO - Eu, hein? E sabe que mais? Não chateia, viu? Você não vai me fazer isso embora porque eu não vou falar com a Márcia, tá?
- HELOISA - Quer ficar aí montando guarda pode ficar a vida inteira que a mim pouco se me dá, mas que ela não vem falar com você não vem porque eu não vou deixar.
- BETO - Heloisa, você ainda vai se arrependê amargamente de se metê na minha vida, tá?
- HELOISA - E você? Não se meteu na minha? Não foi até denunciar-me a meu pai? Nesse caso, meu filho, não pode reclamar. É olho por olho, dente por dente.
- BETO - Vai ser assim, pode ter certeza. Mas convém não se esquecer que Nadinho está nas minhas mãos. A hora que eu quiser, sabe o que pode acontecer; não sabe?
- HELOISA - Nadinho não tem nada a ver com as minhas coisas. Deixe de ser coqueiro e vingue-se em mim, não hehe.
- BETO - Ele é seu irmão, não é? Portanto o que acontecer pra ele não deixa de atingir você. (TOM) Fica boasinha, fica? Vai lá e diz pra Márcia vir até aqui que eu tô esperando ela pra conversar.
- HELOISA - Mas o que é que você tem pra conversar com a Márcia? Diga.
- BETO - Bem, o que eu tenho pra conversar com a Márcia é com ela, pomba! Ou você vai querer que eu lhe diga, antes, tudo que vou dizer pra ela? Censura prévia? É isso que você quer fazer?
- HELOISA - Não se faça de idiota. Você bem que me compreendeu. E sabe que mais? Pode fazer o que entender porque eu não vou deixar a Márcia vir aqui falar com você. Nem aqui e nem em parte alguma.
- BETO - Tá bem. Você há muito tempo que tá me fazendo guerra e me desafiando, não é? Pois agora eu vou aceitar o seu desafio e vou dar o troco pra você na mesma moeda. Pode escrever o que eu tô lhe dizendo neste momento: até o fim da semana que vem você já vai sentir o peso da minha vingança. E ela vai se pra valer. Você vai se arrependê amargamente de tê me desafiado.

HELOISA - Eça Faça o que quiser. Eu já me decidi a enfrentá-lo. Tchau.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM RUIDO DE BAR PEQUENO

NADINHO - Ôi.

FERNANDO - Ôi. Senta aí. (PROJETA) Mais um café.

C/REGRA - RUIDO DE CADEIRA, AARRASTANDO

FERNANDO - Eu calculei que você viesse aqui ao bar, por isso fiquei à sua espera.

NADINHO - Esta vida não vale um tubo, sabe Fernando?

FERNANDO - Ué, rapaz... a trôco de que isto agora? Você um rapaz novo, rico, com saúde e achando a vida ruim; por que?

NADINHO - O que é que adianta sê novo, sê rico e tê saúde, se sou obrigado a fazê o que eu não quero?

FERNANDO - Quem lhe obriga? A organização?

NADINHO - Você qué vê a tarefa que me deram agora? ~~Impe.~~ Olhe.

FERNANDO - Não, não... guarde êsse envelope, depressa. Se alguém lhe vê mostrando a sua tarefa a outro, mesmo que seja um companheiro, poderá denunciá-lo e ambos pagaremos caro. Diga o que foi, se quer, mas deixe o envelope no seu bolso.

NADINHO - Sabe a quem eu vou tê? que atacá, na minha próxima missão?
(PAUSA) Imagine.

FERNANDO - Como é que eu posso saber?

NADINHO - Ao meu próprio pai!...

OPERADOR - ACORDE TRÁGICO EMENDA COM CARACTERÍSTICA FORTE PARA ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Êste foi o vigésimo segundo capítulo da novela de ÉRICO CRAMER, "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que a Rádio Gaucha apresenta, diariamente, neste horário, de segunda e sexta-feira. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos: (SEGUE A LISTA DOS ARTISTAS ESCALADOS NO CAPÍTULO) Ouça, amanhã, neste mesmo horário mais um capítulo de "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?"

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO.

.....

= Novela de Érico Cramer -

2ºº CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - AO FINDAR O VIGÉSIMO SEGUNDO CAPÍTULO DESTA NOVELA, DEIXAMOS FERNANDO E NADINHO SENTADOS NA MESA DE UM BAR PRÓXIMO A UM DOS APARELHOS DA ORGANIZAÇÃO À QUAL OS DOIS PERTENCIAM E O DIÁLOGO ENTRE ELES FOI INTERROMPIDO MAIS OU MENOS NESTE PONTO:

OPERADOR - SOBE A MÚSICA INICIAL E INDE COM RUÍDOS DE BAR PEQUENO, COM POUCO MOVIMENTO.

NADINHO - Esta vida não vale um tubo, sabe Fernando?

FERNANDO - Ué, rapaz, a trôco de que isto agora? Você um rapaz novo, rico, com saúde e achando a vida ruim. por que?

NADINHO - E o que é que adiante sê novo, sê rico e tê saúde, se sou obrigado a fazê o que eu não quero?

FERNANDO - Quem lhe obriga? A organização?

NADINHO - Você qué vê a tarefa que me deram agora? Olhe.

FERNANDO - Não, não... guarde êsse envelope, depressa. Se alguém lhe vê mostrando a sua tarefa a outro, mesmo que seja um companheiro, poderá denunciá-lo e ambos pagaremos caro. Diga o que foi, se quer, mas deixe o envelope no seu bolso.

NADINHO - Sabe a quem eu vou tê que atacá, na minha próxima missão? (PAUSA) Imagine.

FERNANDO - Como é que eu posso saber?

NADINHO - Ao meu próprio pai!...

OPERADOR - ACORDE TRÁGICO, A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR

FERNANDO - O que foi que você disse?!... Mandaram que você atacasse seu próprio pai?!...

NADINHO - Isso mesmo que você ouviu.

FERNANDO - Mas não é possível, Nadinho! Com tanta gente estranha na organização, porque há de ser exatamente você o atacante de seu pai?

NADINHO - Eles alegam que eu tenho mais facilidade de acesso ao gabinete dele do que qualquer um estranho.

FERNANDO - Mas em resumo o que é que eles querem que você faça? Você já leu todo o plano?

NADINHO - Li. Eles querem que eu entre no gabinete do velho com um compa-
nheiro. O companheiro, pra não sê depois reconhecido pelo velho,
vai com o rosto todo enfaixado, fingindo que fez operação ha pou-
co tempo. Num certo momento da conversa mole que eu fico encar-
regado de fazê, eu me levanto e vou ao banheiro do velho. Aí o
companheiro puxa um revolver e faz o velho telefoná pra caixa,
pedindo duzentos milhões ^{dentro duma maleta} no gabinete. Aí faz o velho se levantá
e recebê a maleta na porta do gabinete, sem deixá o caixa entrá.
Depois que êle botá a mão na maleta, leva o velho pro banheiro, e
fecha êle lá dentro comigo e dá no pé.

FERNANDO - Então a sua presença é só pra facilitar a entrada do companhei-
ro no gabinete sem revista e sem a presença de um guarda costas
para o seu pai, como sempre acontece quando êle recebe um extra-
nho?

NADINHO - Exato. Mas tás a ver que o velho logo vai vê que o negócio foi
todo combinado comigo e vai morrê de paixão.

FERNANDO - É... vai sê duro pro velho, sim. Si eu pudesse dar algum jeito
nessê negócio...

NADINHO - Que jeito?

FERNANDO - Pois é... não sei... Mas eu tinha que dá um jeito de safá você
dessa entalada. (PAUSALONGA) Isso não tem que ser feito num dia
em que a caixa tenha a importância que eles querem?

NADINHO - Tem. E isso é outra coisa que eu tenho que fazê. Descobri êsse dia
e avisô.

FERNANDO - Bem, isso já nos dá uma trégoa. A caixa nunca vai ter essa impor-
tância, até que nós tenhamos encontrado uma solução pra safá dessa,
entende?

NADINHO - Puxa vida que esta no abatató, rapaiz. Se eu pudesse largava tô-
da essa droga e dava o fora daqui. Mas eles vão atrás da gente

e encontram a gente. Não adianta fugir.

FERNANDO - Espera, rapaz, não fics nervoso. Vamo estudá um geito de aco-
modá a situação, pra você não ficar mal com o seu velho.

NADINHO - Isso é chato, não é chato?

FERNANDO - Chatissimo. E agora eu vejo porque eles fazem a gente jurar que se desliga total da família. (PAUSA LONGA) É, mas não há de ser nada. Nós havemos de achar uma saída.

NADINHO - Eu não vejo saída nenhuma. Pelo contrário, acho que tô num beco sem saída mesmo, mas como eu tô de cabeça bem tonta pode sê que amanhã, depois de serená mais um pouco, eu encontre um furinho pra escapá. Agora vou sapanhá um táxi e vou embora pra casa.

FERNANDO - Falamos amanhã?

NADINHO - Podemos falá. Tu vai lá em casa?

FERNANDO - Não. Esse assunto é melhor nos conversarmos fora.

NADINHO - Aonde, então?

FERNANDO - Aparece às quatro lá na porta da Faculdade, equêi? De lá a gente toma rumo.

NADINHO - Oquêi.

C/REGRA - ARRASTAR DE CADEIRA.

FERNANDO - Não, não, que é isso? Não vai pagá o café nenhum. Quem convidou fui eu.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - Ué, Lindaure, que milagre é esse, você aqui em casa a esta hora?! Que aconteceu?

LINDAURA - Fofócas, minha filha, fofócas. Você sabe que eu adoro uma fofóquinha. Dou a vida.

DINAH - Eu sei que você dá. Puxa se sei. Mas que fofoca é que você traz, conte logo.

LINDAURA - Descobri que aquele negócio do Hermes estar mal de vida que é tudo grupo dele, ~~maxim~~ pra reduzir os gastos da família, imagina.

DINAH - Mas então devia ser uma loucura o que gastavam por lá.

LINDAURA - E você ainda tem dúvidas? A Eugênia, com a mania da coluna social, só comprava modelos e os costureiros, que são uns vivarachos que andam por aí, sabiam explorar bem o seu fraco. Resultado: milhões por mês em vestidos. A filha, por sua vez, a trocar de automóvel de dois em dois meses e a comprar tudo quanto era disco que aparecia na praça. O filho então nem se fala. Era alta fidelidade, era gravador, era toca disco, televisão japonesa pra o carro, rádio do último tipo, tudo quanto fôsse novidade nesse gênero que aparecesse, ôle comprava pra emprestar praos amigos e os amigos daram sumiço. Parece que a única equilibrada nos gastos - segundo eu sei - é a Márcia.

DINAH - Bem, mas essa foi educada pela avó, num sistema completamente diferente. E além disto, ela parece ser uma moça muito simples até na maneira de trajár.

LINDAURA - Pois é, mas podia ter chegado aqui e ter-se deixado arrastar no delírio da família. E isso, pelo menos até agora, parece que não aconteceu.

DINAH - Mas como foi que você descobriu o truque do doutor Hermes, Lindaura? Você é terrível.

LINDAURA - Ele mesmo que me disse. Não mandou ninguém dizer. Você sabe que nós somos muito amigos; não sabe?

DINAH - Claro que sei. Tão amigos que houve até quem puzesse um veneninho nessa amizade de vocês.

LINDAURA - Besteira porque nunca houve nada entre nós dois e até seria bom se tivesse havido. Se é isso que você quer saber fique sabendo. Não houve porque ôle não quiz, porque se ôle quizesse, tinha havido. Está contente agora?

DINAH - Credo, Lindaura, até parece que quem poz o veneno fui eu! Eu nunca disse nem pensei nada a êsse respeito, criatura! Estou dizendo agora porque se falou no assunto. E estou dizendo para você, porque para outra pessoa eu não iria dizer.

LINDAURA - Pois é, pois foi ôle mesmo que me disse que tinha usado êsse truque com a família para se defender.

DINAH - E pelo menos deu ponto? Você não sabe?

LINDAURA- Bem, não cheguei a êsse pormenor, mas acredito que tenha dado.
 • O sustinho de perder a mananã deve ter feito com que êles se moderassem. Mas tambem isso não vai durar muito tempo, não, você pode escrever o que eu digo.

DINAH - Ouvi dizer que o filho deles anda em muito más companhias; isso é verdade?

LINDAURA- Ah não sei. Eu nunca andei com êle, posso lá saber? Mas não é de duvidar porque o olhar dele parece assim meio glucinado. Bem, bem cristão acho que êle não é. E depois um rapaz que não se interessa por moças, por festas, por nada... só quer andar correndo de automóvel para baixo e para cima, com aquelas companhias horrorosas que êle tem. Aliás eu já disse ao Hermes que si êle não botar cõbre nas amizades do filho que êle ainda vai se arrepender.

DINAH - Mas segundo me disseram, êle não pode dizer nada para os filhos porque a mulher não deixa; é verdade? Diz que logo salta em defesa dêles e o marido baixa a cabeça.

LINDAURA- É verdade, sim. Eu já vi isto acontecer diversas vezes. Por si não que tive que me segurar para não dar o estrilo com ela. Afinal eu não tinha nada que ver com a coisa, mas não foi sôpa engulir em seco. (TON) Bem, mas agora que já te contei a fofoca, vou seguir adiante que inda quero passar na casa da Cordélia Ramos para saber se é verdade que a filha dela vai contratar casamento com o filho do Robêlio Vale.

DINAH - Não me diz!... Será que a Cordélia vai desencalher aquela lanchar?

LINDAURA- Pois parece que vai.

DINAH - E amenhã volta aqui para me dizer se é mesmo verdade.

LINDAURA - Ah volto. Pode deixar que eu volto mesmo. Tu sabes que eu adoro fofocas. Tchau, queridinha, Tchau.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Vou lhe fazer um chástinho, antes de você se deitar; quer?

MÁRCIA - Aceito, Reginaldo, mas antes gostaria de conversar um pouquinho.

nho com você. Você não achou o Fernando diferente hoje?

REGINALDO - Bem, eu... eu não posso lhe dizer nada com segurança. Fa-
lei tão ligeiramente com ele... "Boa noite - Boa noite. Co-
mo vai o senhor, bem obrigado" e foi só. Na saída quem o
levou até à porta foi você... O pouco que estivemos juntos
não deu para reparar.

MÁRCIA - Pois é, mas ele estava que era outra pessoa, hoje. Quieto,
calado, pensativo... Houve momentos em que ele nem ouvia o
que eu dizia. Por duas ou três vezes chegou a me pedir re-
petição do que eu falara. Eu nunca o vi assim. É a primeira
vez.

REGINALDO - Deve ser mais uma complicação que arranjaram pra ele na tal
de organização. Você não perguntou a ele se tinha alguma coi-
sa? Inclusive podia ser até um problema de saúde.

MÁRCIA - Eu perguntei si ele tinha alguma coisa, ele me disse que não,
eu não quis insistir.

REGINALDO - É, o outro também anda aí muito abichornado. Eu já falei com
ele, já insisti para que se abra comigo, mas desta vez ele se
fechou mesmo e eu fiquei sem saber o que está acontecendo.

MÁRCIA - Será que tem relação a tristeza do Nadinho com a preocupação
do Fernando?

REGINALDO - É bem capaz. Os dois estão metidos na mesma arapuca.

MÁRCIA - Si eles se abrissem com a gente e contassem os problemas que
vivem em silêncio, talvez a gente pudesse dar-lhes uma mãozinha,
mas cada qual se fecha mais do que o outro, como é que a gen-
te pode adivinhar o que está se passando?

REGINALDO - Esse moço Fernando não me parece tão fechado quanto o seu ir-
mão. Acho que amanhã, si ele continuar assim, você deve im-
pressá-lo contra a parede para que ele lhe diga o que está a
acontecendo. Quer uma ideia? Fale a ele na tristeza de Nadi-
nho e pode ser que ele diga alguma coisa que nos esclareça
pelo menos uma parte do ^{mistério.} ~~que está acontecendo~~. Diga-lhe que
não é mera curiosidade, que você precisa saber para ajudar.

MÁRCIA - Exato. Eu não quiz mostrar curiosidade quanto ao caso dele por que achei que ele podia interpretar mal, mas tratando-se do meu irmão, eu já me sinto muito mais à vontade para insistir em que ele me conte, si é que tem relação um fato com o outro.

REGINALDO - Com certeza tem. Não há dúvida que tem. E infelizmente eu presinto que deve ser uma coisa muito grave, a julgar pelo procedimento atual de seu irmão. Está outra pessoa. Completamente irrg. conhecível.

MÁRCIA - Meu Deus do Céu! quando será que vão terminar as complicações para esses dois?

REGINALDO - Para esses dois? Para todos nós, porque as complicações que atingem a eles, atingem a nós também. E agora vou fazer o seu chá-sinho e vou botar nele umas gotas de calmante que é para você dormir melhor.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Alô, mãe! Vai sair agora?

EUGÊNIA - Tenho uma reunião às deztoite horas na casa da Juliana. Despedida da Laurinha Camargo que embarca para a Europa terça feira. Você acha que estou bem, filhinha?

HELOISA - Está, mãe. Aliás a senhora está sempre bem e nem poderia ser por menos, gastando o que gasta nos costureiros elegantes da cidade.

EUGÊNIA - Que bom, minha filha, que você me achou bem. Eu fico faceira. Você é que podia se vestir um pouco melhor, queridinha. Sempre de saia e blusa e casacos esporte. Eu gostaria que você fôsse um pouquinho mais faceira e se arrumasse melhor.

HELOISA - Não dou para essas coisas, mãe. Acho tudo isto de um Vasio e de uma futilidade tremenda.

EUGÊNIA - Pois é, mas quando a mãe lhe apresenta a alguma amiga nova que ainda não conhece você, a primeira coisa que ela diz, com ar de espanto é o seguinte: (IMITANDO) "Esta é sua filha? Que diferente! Ninguém diria!..." Você nunca reparou isto?

HELOISA - Não, mãe, não me dei ao trabalho como também nunca reparei nas amigas que você me apresenta. Eu só gosto de gente do tipo espor

- tive, entende? Gente emperequetada só aturo você porque é minha mãe, não já tinha lhe dado o fora também.

EUGÊNIA - (EXAGERADA) Ah, minha filha que ingratição! A mamãe é quer tanto! É tão sua amiga e você dizer uma coisa dessas: que me atura porque sou sua mãe?! Francamente, filhinha!...

HELOISA - Mamãe, você não interpretou direito o que eu disse. O que eu quis dizer, pelo menos, é que essa coisa de andar toda emperequetada, eu só aturo em você porque é minha mãe e eu lhe quero bem.

EUGÊNIA - Ah, querida, ainda bem. Que susto você me deu! Que colar você acha que eu posso botar com este vestido? O de pérolas negras ou o de pérolas naturais?

HELOISA - Ah, mamãe, sei lá! A senhora entende muito mais disso do que eu. Eu nem uso colar. Tenho um de couro que a senhora mesma me deu e que eu de vez em quando boto só para lhe satisfazer, não nem botava. (TOM) Escute, mamãe, a que horas ~~xxxxxx~~^{você} vai sair?

EUGÊNIA - Um pouco antes das sete, por que?

HELOISA - Mas como?! A reunião não é às seis?

EUGÊNIA - É às seis, mas você acha que uma mulher elegante chega pontualmente nos lugares para onde é convidada?

HELOISA - Sei lá.

EUGÊNIA - Ah, não chega. Tem que entrar com quasi uma hora, ou mais de uma hora de atraso para ser notada. E é isso que eu faço. Depois que as salas estão bem cheias eu ~~xxxxx~~ faço a minha entrada triunfal.

HELOISA - Meu Deus, mamãe, quanta futilidade! Bem, eu vou deixar você se arrumar e vou dar o fora.

EUGÊNIA - Mas você entrou aqui para alguma coisa. O que é que você queria?

HELOISA - Ia lhe pedir uma carona que o meu carro pifou, mas se a senhora vai só às sete não me adianta.

EUGÊNIA - Mas você pode ir no meu carro, filhinha. O chofêr leva você ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ e volta. Diga a êle que eu mandei.

HELOISA - Tchau, obrigada. (SAINDO) Divirta-se e faça sucesso.

EUGÊNIA - (PROJETANDO) Obrigada, filhinha, muito obrigada. (TOM) Acho que vou fazer sucesso, mesmo. Este vestido está elegantissimo!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Você tá destacado pra dá cobertura num serviço aí que nós va-
mo fazê no Banco Industrial.

FERNANDO - Banco Industrial? Não é onde o Pai do Nadinho é Diretor Presi-
dente?

BETO - Exato. Você tem que sai com um carro grande logo atraz do car-
ro do companhero que leva o dinheiro e quando chegá na esquina
fingi que estragou, trancá a rua e descê pra olhá o motor. En-
tendêu bem o negócio?

FERNANDO - Entendi. Mas qual é o companheiro que vai entrá no Banco? É di-
fícil chegar no gabinete do corôa, hein? Outro dia eu entrei
lá com o Nadinho e vou te contar: tem formalidade que não acaba.
Eu só não fui revistado porque ia com o filho do homem, sinão
êles tinham me revistado.

BETO - E quem é que tu pensa que vai levá o cara até ao gabinete?

FERNANDO - Não vai me dizê que é o Nadinho, rapaz?!

BETO - Mas claro que é. Então tu pensa que a gente ia perdê essa bo-
ca? Ao menos pra isso êle vai prestá.

FERNANDO - Mas tchê, isso é uma barbaridade. Que roubem o velho, vê lá,
mas que lhe deem um desgôsto tão grande eu acho que é demais.

BETO - Que demais, nem demais. O garoto não presta mesmo, assim é bom
que êles já fiquem sabendo. Enchem a boca pra chamá a gente
de canalhas, de cafagestes e outras coisas mais, então nós vamo
mostrá pra êles que êles tambem têm em casa um canalha e um ca-
fageste.

FERNANDO - Mas isso é uma barbaridade, Beto. Nós não temos êsse direito.

BETO - Nós temos todos os direitos contra essa gente, pomba. Eles não
vivem à custa do suor dos infelizes?

FERNANDO - Não, Beto, que é isso? Vamo devagar. O corôa trabalha que não
é mole. Dá um duro danado, eu vi. Vai pro Banco às oito da ma-
nhã e volta pra casa às oito da noite.

BETO - Tá bem, mas o que é que êle ganha pra fazê isso? Uma fortuna.
Seis ou oito milhões, sei lá. Os serventes fazem o mesmo horá-
rio e vai vê quanto ganham? Salário mínimo, tá bom?

- FERNANDO - Bom, mas aí é diferente, Beto. Um estudou anos a fio. Queimou pestana em cima dos livros. Privou-se de festas, de cinema, de farrinhas e outras coisas mais, para se preparar a prestar exames. O outro não fez nada disso. O que plantou, colheu.
- BETO - Qual o que, vai atrás dessa estória. Um teve sorte e o outro não teve.
- FERNANDO - Então quer dizer que o valor e a capacidade da pessoa não contam?
- BETO - Sorte, velho. É uma questão puramente de sorte. Então tem que aparecer os cara como nós pra fazer os que tiveram sorte dividir com os que não tiveram pro mundo sê mais equilibrado.
- FERNANDO - Eu acho que não é simplesmente a sorte que decide. Acho que o trabalho que cada um realiza tem uma importância muito grande na vida que cada um leva.
- BETO - Bom, fica lá com a tua opinião que eu continuo com a minha. Tu já tá avisado do teu trabalho. No dia tu vai sê chamado pra receber todas as instruções.
- FERNANDO - E não sabe mais ou menos quando será êsse trabalho?
- BETO - Tá dependendo aí dum negócio de fazer depósito em caixa que o Beto mesmo vai avisar pra gente. Dia certo não tem, mas o serviço deve sê por toda a semana que vem.
- FERNANDO - O quê. Então vê se ao menos me dá o aviso de véspera por causa das minhas provas na Faculdade.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Você aqui outra vez?

DOQUINHA - Eu aqui outra vez, sim; que é que há? Já vi que tu num foi ca minha cara, num é barbicha? Mais óia não é pra me gambá mas eu tombem não fui munto ca tua, não. Tu é todo mitido a cebo. Parece que engoliu um cabo de bassôra. Tu num é nada. Tu é tanto como eu, pra que êsses orgúio bobo pro meu lado? Si eu barro tu barre, se eu lavo panela tu tombem lava, si eu esfrego chão tu tombem esfrega, só praquê tu tá mais bem vistido do que eu? Eu tô ansin praquê eu tava trabalhando e me mandaro

eu vim trazê um biêto aqui com toda a orgênça, num deu tempo de eu cambiá de roupa, mas fica tu sabendo que eu tenho intê vistido de gérso e cassaco de pêl pra passia nos dumingo, viu porcaria.

REGINALDO - Já terminou a sua ladainha?

DOQUINHA - Trimini, mas se quizé que eu continue, verbo num me farta. Xingação intão... óis, eu sei todos os nome feio que tu sabe e mais alguns pra te insiná, tá? Tu qué vê, exprementa.

REGINALDO - Eu quero é saber o que foi que você veio fazer aqui. Isso é que eu quero saber.

DOQUINHA - Eu já num disse que vim trazê um biêto orgente? Pois foi isso que eu vim fazê aqui, inguinorante ingomado.

REGINALDO - É pra quem é esse bilhete?

DOQUINHA - Tu num tem nada que sabê. Num é pra ti, é pro seu Nadinho.

REGINALDO - Mas o Nadinho não está. Quer deixar o bilhete ou quer esperar?

DOQUINHA - Insperá?! Insperá?! Tu pensa que eu num tenho mais que fazê? Óis, a roupá tá toda lá na tina pra trocê.

REGINALDO - Bem, então se quizer deixar o bilhete eu entrego, sinão terá que voltar depois.

DOQUINHA - Tá aqui. Entrega pra êle e dig que é orgente. Foi o que mandaro eu dizê. Tchau, coisinha.

C/REGRA - PASSOS DE CHINELO QUE SE AFASTAM EM CALÇADA. PORTA QUE FECHA.

REGINALDO - Deus que me perdõe. Eu nunca fiz isto em toda a minha longa vida de empregado, mas desta vez eu vou abrir êste envelope no befo da chaleira e vou ler o bilhete antes de entregar.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO. BAIXA.

LOCUTOR - Êste foi o 23º capítulo da novela de Érico Cramer "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que a Rádio Gaucha está apresentando aos seus ouvintes. Tomarem parte no capítulo de hoje os seguintes artistas (RELAÇÃO DOS ARTISTAS) Ouça, amanhã, neste mesmo horário mais um capítulo desta empolgante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

- Novela de Érico Cramer -

21º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o vigésimo terceiro capítulo desta novela, deixamos Doquinha e Reginaldo na porta da rua da casa do doutor Hermes, onde a pretinha havia ido levar um bilhete para Nadinho. O diálogo entre eles foi interrompido, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SOME

REGINALDO - Já terminou as suas ladainhas?

DOQUINHA - Trimelei, mas se quizer que eu cante, verbe num me farta. Xingação, intão... óia, eu sei todos os nome feio que tu sabe e mais alguns pro te insinã, tá? Tu qué vê, exprementa.

REGINALDO - Eu quero saber o que foi que você veio fazer aqui. Isso é que eu quero saber.

DOQUINHA - Eu já num disse que vim trazê um biête orgente? Pois foi isso que eu vim fazê aqui, inguinorante ingomado.

REGINALDO - E pra quem é esse bilhete?

DOQUINHA - Tu num tem nada que sabê. Num é pra ti, é pro seu Nadinho.

REGINALDO - Mas o Nadinho não está. Quer deixar o bilhete ou quer esperar?

DOQUINHA - Inesperá?! Inesperá?! Tu pense que eu num tenho mais que fazê? Óia, a roupa tá toda lá na tina pra trocê.

REGINALDO - Bem, então se quizer deixar o bilhete eu entrego, sinão terá que voltar depois.

DOQUINHA - Tá aqui. Entrega pra êle e diz que é orgente. Foi o que mandaro eu dizê. Tchau, coisinha.

C/REGRA - PASSOS DE CHINELOS QUE SE AFASTAM EM CALCADA. PORTA QUE FECHA.

REGINALDO - Deus me perdõe. Eu nunca fiz isto em toda a minha longa vida de empregado, mas desta vez eu vou abrir este envelope no bafo da chaleira e vou ler o bilhete antes de entregar.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

EUGÊNIA - (CHEGANDO) Meu carro já chegou, Reginaldo?

REGINALDO - Já, sim, senhora. Está na frente do portão do jardim à sua espera. Quer que ele venha até à porta da garagem, aqui dentro?

EUGÊNIA - Não é preciso. Eu vou até lá. Assim os vizinhos que estiverem pela frente poderão me ver. (TOM) Você não acha que eu estou elegante, Reginaldo?

REGINALDO - Elegantíssima, dona Eugênia. Mas o perfume que a senhora está, hoje, não é o que a senhora costuma usar.

EUGÊNIA - Não. Eu, geralmente, uso Magrife, mas hoje escolhi Flôr de Rô quêie. É mais agressivo e vai melhor com a minha toalête.

REGINALDO - Quer que a acompanhe até ao automóvel? Já está escuro e as suas joias podem despertar cobiça.

EUGÊNIA - Se você quiser, pode vir, mas eu não tenho medo. Que envelope é esse?

REGINALDO - Nada de importante. Um prospecto de propaganda de aparelhos domésticos.

EUGÊNIA - Que horas são?

REGINALDO - Passam alguns minutos das sete.

EUGÊNIA - É uma boa hora de chegar. Os salões já devem estar cheios. (TOM) Bem, então se você quer me levar até ao automóvel, podemos ir.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

REGINALDO - Pronto. O envelope já está descolado. Agora é preciso cuidado com o papel húmido que é muito mais fácil de rasgar. (PAUSA) Pronto. Este lado está. Vamos ao outro. (PAUSA) Está. Vejamos o que diz este bilhete.

C/REGRA - RUIDO DE DESDOBRAR PAPEL DE CARTA.

REGINALDO - (LENDO) Nadaího...

BETO - (COPO) ... êste bilhete leva um sabão do chefe pra você. Ele tá por conta. Dia que ha tres dias espera o aviso do enc,ixe e você não dá as cara. Dia que vai esperá só até o fim da semana e depois êle mesmo vai tomê as providências precisa e aí você vai caí no artigo. Vê se dá um geito no corpo, rapêiz. Você sabe que o chefe não é de brincadeira. Quando êle ameaça êle fáiz. E você sabe o que quê dizê "caí no artigo", não sabe? Então preserva o couro.

REGINALDO - (TERMINANDO A LEITURA) Assinado, Beto.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA SOTURNA QUE VAI NUM CRESCENDO E VOLTA E BG.

REGINALDO - Mãe Santíssima!... O Nadinho foi escalado para um outro trabalho. Que faço, Meu Deus?! Dar sumiço ao bilhete nada adianta. Pode até prejudicá-lo. Falar ao seu Fernando, talvez... Mas isso resolveria alguma coisa? Não acredito. Ele também tem que obedecer ordens. (PAUSA) É, o remédio é fechar o bilhete e entregá-lo.

C/REGRA - RUIDO DE DOBRAR PAPEL. BOTAR EM ENVELOPE E BATER COM A MÃO PARA PARA FECHÁ-LO.

REGINALDO - Acho que está. Ninguém vai perceber que foi aberto. Principalmente Nadinho que não presta muita atenção às coisas.

C/REGRA - PASSOS DE MÁRCIA QUE SE APROXIMA

MÁRCIA - Alguma novidade?

REGINALDO - Por que?

MÁRCIA - Você está de envelope na mão, pensei que tivesse recebido alguma carta da sua sobrinha de Minas.

REGINALDO - Não. Isto é um bilhete urgente para o Nadinho.

MÁRCIA - Eu logo pensei nele ou na Heloísa pela preocupação do seu semblante. Pode ser que não seja coisa de maior. Pode ser, até, o bilhete de uma garota.

REGINALDO - Mas não é.

MÁRCIA - Como é que você pode saber? Está aberto?

REGINALDO - Não, mas eu abri. ~~Existe~~ Calculei logo do que se tratava porque foi aquela negrinha saliente que trouxe. Aquela que esteve aí outro dia.

MÁRCIA - Eu sei. Você me falou.

REGINALDO - Não me julgue mal por ter feito o que fiz, Márcia, mas eu precisava saber do que se tratava. Nadinho é uma criança sem juízo e eu me preocupo muito com ele.

MÁRCIA - Eu sei, Reginaldo. Esteja descansado que eu não vou pensar mal de você. Sei o quanto você nos quer bem e isto basta para desculpar qualquer coisa que à primeira vista pudesse parecer

mal feita. De fato Nadinho é um menino que precisa muito ser controlado. Mas afinal, o que diz o bilhete? Posso saber?

REGINALDO - Seu irmão foi destacado para mais uma daquelas missões que eles inventam para roubar a tranquilidade de tantas cristuras. Além de roubar dinheiro e tudo mais que possa representar valor.

MÁRCIA - Que notícia você me dá, Reginaldo. Garanto que foi aquele porco que inventou esta estória para se vingar de mim. E se eu soubesse outra vez com ele, será que não conseguiria que ele tirasse Nadinho da jogada?

REGINALDO - Você estaria disposta a fazer isto, Márcia?

MÁRCIA - E por que não. Para salvar meu irmão eu tentarei qualquer jogada. Assim como fiz por Heloisa, farei por Nadinho.

REGINALDO - Mas eu acho tão perigoso pra você, minha filha... você é tão inexperiente... tem tão boa fé... pode-se deixar envolver.

MÁRCIA - Você se esqueça, Reginaldo que o meu batismo foi de fogo e eu posso lhe dizer que aprendi, numa só noite, uma lição que, normalmente talvez levasse dois ou três anos para aprender.

REGINALDO - Bem... se você se anima a tentar... se tem confiança em você mesma... mas de qualquer forma você precisa, primeiro, conversar com seu irmão e forçá-lo a contar a você o que está acontecendo, do contrário nós não teremos como justificar o conhecimento do assunto, entende?

MÁRCIA - Entendo. Você tem razão e eu procurarei falar com ele, antes de tomar qualquer iniciativa. Ele está em casa?

REGINALDO - Não. Estou à espera que chegue para entregar-lhe o bilhete.

MÁRCIA - Então mais tarde, antes dele deitar, eu chegarei ao seu quarto. Agora vou procurar Heloisa para conversar um pouco com ela. Ela está precisando muito de palavras boas e estimulantes.

REGINALDO - Ela também não está. Aliás não tem ninguém em casa.

MÁRCIA - Está bem. Então vamos esperar. Se vierem jantar em casa, não devem demorar muito.

REGINALDO - Se vierem jantar em casa, você disse bem. Esperamos que venham?

MÁRCIA - Precisamos que venham.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Como é negrinha? Entregou o bilhete?

DOQUINHA - Negrinha não que eu tenho nome, graças a Deus. Sô fia de mãe sortera e pai inguinorado, mas nome eu tenho. Fui batizada na pia da Igreja de Santa Luzia, ca permissão do seu Vigário e tãho intê os apontamento no papê pra isfregá no nariz de quem duvidá das minhas palávria. E não foi só na pia da Igreja que me batizaro. Fui batizada tombem no ispritismo e numa casa de Nação. Tenho três batismo em farta de um, tá?

BETO - Bom, isso não interessa. Eu quero sabê se tu entregô o bilhete que eu mandei.

DOQUINHA - Não ia entregá? Ia cumê êle por acauso?

BETO - (ZANGANDO) Vamo, Doquinha, responde direito o que eu tô perguntando. Pra quem tu entregou o Bilhete? Pro Nadinho mesmo?

DOQUINHA - Ele num tava. Entreguei praquêle urango-tango fardado que pen se que é mais que a gente só porque use queles botão dourado. Si quizé eu tombem boto botão dourado no meu sventá; e daí?

BETO - Dissesse que era urgente e que êle entregasse assim que o Nadinho chegasse?

DOQUINHA - Pera aí, deixa eu me alembra se eu disse... Ah, disse, sim. Disse duas vêiz, intê, que era urgente. Tô me alembando agora. Ele cumeçô a querê pará patrúia comigo, mas eu disse pra êle que xingava êle com todos os nome que eu sabia, êle se assustô-se e priguntou si eu quiria ~~esperá~~ insperá. Aí eu disse pra êle que a tina é que tava me insperando cheia de roupa pra lavá e entreguei o biete pra êle. Ele disse que ia entregá.

BETO - Eu tô extranhando é êle não tê aparecido aqui todo esbaforido, como é o seu costume.

DOQUINHA - Quem sabe si êle num foi jantá em casa; pode sê. Das vêiz rapêiz ansim fica trocando perna pula rua, come um sandiviche aqui,

um cachorro quente ali, um bolinho de bacalau acolás e quando chega na hora da janta como num tem vontade.

BETO - Bom, Doquinha eu vou saí. Si o Nadinho aparecê, tu diz pra êle que eu tô no bar ou então na Tramóia pra dá uma olhada nas pin-ta que aparecem por lá, oquêi?

DOQUINHA - Cumprindido. Pode sai descansado que a Doquinha aqui se agaran-te. Ela dá conta dos recado dereitinho. (SEGUE FALANDO A FALA SEGUINTE, SEM INTERROMPER)

C/REGRA - PASSOS DE BETO QUE SE AFASTAM E SOMEM.

DOQUINHA - Aleáls a minha finada mãe - que Deus tenha ela lá nas artura munto tempo sem mim - ela já dizia que eu era uma pessoa munto prestadera, que as pessoa nam bem chegava a pidi as cousa pra mim e eu já tava fazendo. Inté uma vez acunteceu um causo mun-to ingraçado que eu vô contá pro sinhô e o sinhô vai achá mun-ta graça, pro sinhô vô que negrinha insperta que eu ja era dêis de piquinitote ansim. O sinhô se alembra de um véio que vindia biête na insquina da Galeria Chave? Um que era cego dos óio? (PAUSA) Usé! O home nem tá aí e eu gastando a minha saliba inú-timente. Kugeito burro. Podia o menos avisá que ia saí.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Dá licença, Nadinho? Eu não atrapalho você?

NADINHO - O que é que você quer?

MÁRCIA - Queris conversar um pouquinho com você, si é que não vou incomo-dá-lo. Você me permite sentar?

NADINHO - Pode sentá. Você qué alguma coisa conigo?

MÁRCIA - Quero e não quero. Quer dizer... o que eu quero não é nada de maior importância. É uma opinião sua, apenas.

NADINHO - Sobre que?

MÁRCIA - Você sabe que eu estou namorando com Fernando; não sabe?

NADINHO - Sai. Agora o que eu não sei é se você sabe tudo a respeito dele.

MÁRCIA - Sei. Mas o importante é que eu gosto dele, acho que êle tambem gosta de mim e sendo assim não me parece tão difícil encontrar uma solução que possa satisfazer aos dois.

NADINHO - Eu não sei, não. Olha que êsse negócio que a gente se meteu não é mole. O sujeito não se governa mesmo. Tem que fazê só o que os caras querem.

MÁRCIA - Nadinho, você me desculpe. Eu não vou discutir ideologia com você, da mesma maneira que não discuto com Fernando, mas vou só lhe fazer uma pergunta: você acha que é melhor viver escravizado a um grupo do que respeitar e aceitar as leis de um gouverno da Nação, aceito por todos os demais brasileiros?

NADINHO - Viver escravizado, você disse?

MÁRCIA - É claro. Pois você não acabou de me dizer que o sujeito não se governa mesmo? O sujeito que não se governa é um autômato. Um fantoche. No fundo, bem no fundo, um escravo. E se vocês lutam, como vocês dizem, pela liberdade da Pátria, vocês não podiam escravizar ninguém ou então é aquela velha estória do "faz o que eu digo mas não faz o que eu faço."

NADINHO - Márcia eu não quero discuti êsse negócio com você, não.

MÁRCIA - Eu também já lhe disse que não quero discutir ideologia com você, mas que isso que eles fazem com vocês é um contrasenso, é. Eles lutam pela liberdade geral, acorrentando um grupo? Não diz coisa com coisa.

NADINHO - (IMPACIENTE) Márcia, eu já disse que não quero discuti êsse negócio com você porque você não pode entendê.

MÁRCIA - Não sou eu só que não posso entender. Acho que ninguém de bom senso poderá entender, Nadinho. Afinal, a gente não pode fazer aquilo que a gente condena. Você acha certo que...

NADINHO - (CORTA, ZANGADO) Márcia, eu já pedi pra você pará com êsse tréco e você continua. (GRITANDO EM ASCENSÃO) Eu não quero falá nesse assunto. Eu não quero falá nesse assunto. Eu não quero falá nesse assunto. Chegou ou eu ainda preciso gritá mais alto pra você entendê?

MÁRCIA - Não, Nadinho. Eu já entendi. Desculpe se o irritei ao ponto de você gritar assim. Não foi minha intenção. Eu pensei, apenas, em ajudá-lo; nada mais. †

NADINHO - Eu não preciso que ninguém me ajude. Sei resolvê meus problemas sózinho. Nunca pedi ajuda a ninguém, antes, quando era pirralho, não há de sã agora, depois de home que vou pedi.

MÁRCIA - Está bem, desculpe mais uma vez. Eu só quero que você fique bem certo de uma coisa: não pretendi intrromete-me nos seus assuntos, pretendi ajudá-lo porque me pareceu que você precisava de ajuda.

NADINHO - Enganou-se.

MÁRCIA - Melhor assim. Em todo o caso, se em qualquer tempo você vier a precisar de alguém que possa dar-lhe a mão num momento difícil, esteja certo de que sua irmã o fará sem medir sacrifícios.

NADINHO - Está bem, obrigado.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Ué, papai, pensei que o senhor estava na reunião com mamãe e o senhor ainda está aqui em casa, e com a roupa de trabalho?

HERMES - Estava muito cansado, mandei à Juliana um bouquet de rosas com o pedido de desculpas pela não comparência e pedi ao chofêr que fosse buscar sua mãe. Acho que daqui a pouco ela deve estar aí de volta.

HELOISA - Hoje o senhor vai ter que aguentar a descrição dos vestidos de todas as amigas da mãe e a comparação com o vestido dela.

HERMES - (SORRINDO) Com toda a certeza.

HELOISA - Nunca vi alguém gostar tanto de moda e preocupar-se tanto com ela como a mãe. Sabe que chega a ser ideia fixa? É o vestido que se usa, é o sapato que não se usa, é a cor que é mais moderna e a outra que não é tão moderna... por causa de tudo e a propósito de tudo a mãe traz a moda à baila. Ela foi sempre assim pai?

HERMES - Não. Quando a conheci ela andava sempre muito bem arrumada, naturalmente supponho que na moda - não sei - mas não tinha essa obsessão que tem hoje. Isto, a meu ver, começou desde que ela foi citada na coluna social de um dos nossos jornais. Ela ficou tão faceira e tão entusiasmada que recortou o pedaço do jornal e tinha na bolsa para mostrar a todas as pessoas que não tivessem lido.

HELOISA - Quando eu digo que esses crônicas sociais são perniciosas...

HERMES - Não, minha filha, não vejo porque classificar a crônica social com tanta severidade. Os cronistas não têm culpa de que certas pessoas se empolguem, como é o caso de sua mãe. Eu admito que se classifique como futilidade, mas achar que seja perniciosa, isso não.

HELOISA - Eu, como detesto a sociedade, não tolero a crônica.

HERMES - Mas a sociedade é necessária, minha filha. É a maneira das pessoas se congregarem, conviverem e se conhecerem melhor. Se não existisse a sociedade, nós viveríamos exclusivamente no âmbito da família e dos vizinhos acabariamos, fatalmente, enfiados ~~deixariamos~~ por não sair nunca do mesmo círculo.

HELOISA - É, pode ser, mas eu prefiro poucos amigos e bons a essas amizades superficiais que se faz em sociedade e que na frente são todas sorrisos e agradinhos e mal se dá as costas baixam a lenha de rijo na gente. Enfim... cada um é como é e não adianta querer ser diferente porque deixa de ser autêntico.

HERMES - Sua mãe está chegando. Eu ouvi o motor do carro no jardim.

HELOISA - Então pai eu vou sair depressa, antes que ela me pegue aqui e comece a me descrever todos os vestidos que estavam na reunião da dona Juliana. O senhor tem paciência, mas eu não tenho.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Que bom que você veio, Lindaura! Eu estava louca para comentar com alguém a festa de ontem, mas minha filha não tolera ouvir falar em modas e sociedade, de formas que eu estava sem ter a quem me dirigir.

LINDAURA - Como é que foi? Correu tudo bem?

EUGÊNIA - Magnificamente. Aliás a Juliana tem muita classe para receber. E sabe organizar uma recepção. Sabe como fazer as coisas. Convidou pouca gente, mas só gente de nata.

LINDAURA - E como é que ela estava vestida? Conte.

EUGÊNIA - De saia e blusa.

LINDAURA - (ESGANDALIZADA) Saia e blusa?!...

EUGÊNIA - Bom, mas não é saia e blusa comum que é o que você deve estar

pensando. Uma blusa de seda pura floreada e uma saia de velu do chiffon machucado, preta, bem comprida, com um cordão grosso na cintura com duas berlas. Chiquérrima.

LINDAURA - Que coisa mais exquêsita!

EUGÊNIA - (QUEIMADA) Como exquêsita, Lindaurs?! É a mode atual. ^(?) A saia tinha uma abertura do lado e mostrava a perna até quâsi a metade de coxa, de meia preta, e um pequeno broche com pércolas e brilhantes fazendo o fecho da liga. Franceza e mais não poder. Pôdre de chique.

LINDAURA - Inventam cada coisa que Deus me livre! É a homenageada, como estava?

EUGÊNIA - A Laurinha? Toda de branco. Parecia assim um cálice de cristal muito bonito com creme de chantif. Estava gostosa de se olhar, sabe como é?

LINDAURA - Eng^o Gostosa de se olhar. Você depois que começou a usar essas expressões dos cronistas está ficando meio chata de se aturar; sabe disso?

EUGÊNIA - Você é que está chata com a manie de achar ruim tudo que a gente diz. Eu uso os termos em voga, as expressões modernas e faço questão disto porque me prezo de ser uma mulher evoluida.

LINDAURA - Enquanto que eu sou uma atrezada, não é? Se é isto que você quer dizer pode dizer porque eu não me incomodo.

EUGÊNIA - Bem, mas afinal nós vamos conversar ou vamos discutir?

LINDAURA - Nem uma coisa nem outra. Nós vamos fazer uma coisa que eu gosto muito e você também. Vamos fazer fofoca.

EUGÊNIA - Fofoca?! Você disse que eu gosto de fazer fofoca?

LINDAURA - Óra, queridinha, quem é que não gosta? Escuta, me diz uma coisa: a Carmelita foi à reunião?

EUGÊNIA - Não vi a Carmelita. Acho que não foi.

LINDAURA - Então é verdade a noticia que corre.

EUGÊNIA - Que noticia?

LINDAURA - Que ela vai se divorciar do marido porque encontrou com ele na rua ao lado de uma piranha, imagina!

EUGÊNIA - É só por isso ela quer se divorciar?

LINDAURA - Só por isso? Mas então marido da gente é sociedade anônima pra qualquer vagabunda andar ao lado dele na rua? Acho que ela faz muito bem. Eu fazia pior.

EUGÊNIA - O que é que você fazia? Diga.

LINDAURA - Eu dava uma surra em cada um e continuava com o marido só por dêsaforo.

OPERADOR - ~~XXXXXXXXXXXX~~ CORTINA MUSICAL - FUNDE COM RUIDO DE BAR

FERNANDO - Continua tudo no mesmo?

NADINHO - Tudo no mesmo.

FERNANDO - Que dizê que o negócio não tem saída mesmo?

NADINHO - É, parece que não. Inda mais agora que o Chefe não que esperá mais tempo. Me deu três dia de prazo.

FERNANDO - Eu já sabia. Também fui escalado pra proteger a retirada do com panheiro. Fiz tudo pra ver se tirava você da jogada, mas não deu. O Beto é zarro, rapaz. Quando êle cisma com um troço, é aquilo e tá acabado. Eu sei porque êle me botou nessa jogada.

NADINHO - Por que?

FERNANDO - Com a esperança que eu seja descoberto e prêso. Af êle me tira do caminho. É só isso que êle quer.

NADINHO - E a mim eu também sei porque.

FERNANDO - Por que?

NADINHO - Pra se vingá da Heloisa. Mas eu acho que não vou dá êsse gosto pra êle, não, sabe?

FERNANDO - Por que?

NADINHO - Me atirá contra o velho eu não posso, Fernando. Por isso eu já resolvi o que vou fazê.

FERNANDO - O que é?

NADINHO - Eu vou me matá.

OPERADOR - MÚSICA COM EXPLOÇÃO MUSICAL. FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAM.

LOCUTOR - Este foi o vigésimo quarto capítulo da novela de Érico Cramer, "MEU PAIZ, QUAL O CAMINHO CERTO?" que a Rádio Gaucha apresenta de 2e. a 6a. feira, neste horário. Tomaram parte no capítulo de hoje.....(RELAÇÃO) Ouça amanhã, mais um capítulo desta empolgante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

- Novela de ERICO CRAMER -

25º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

07.11.
2011

LOCUTOR - Ao final do capítulo passado deixamos Nadinho e Fernando sentados à mesa de um bar, conversando sobre a missão que havia sido confiada ao primeiro e cuja aproximação tanto o desesperava. O diálogo de ambos foi interrompido mais ou menos nesta altura:

OPERADOR - CARACTERÍSTICA SOBRE, BAIXA E FUNDE COM RUÍDOS DE BAR.

FERNANDO - O Beto é zarro, rapaz. Quando ele cisma com um troço é aquilo e está acabado. Eu sei porque ele me botou nessa jogada.

NADINHO - Por que?

FERNANDO - Com a esperança que eu seja descoberto e preso. Aí ele me tira do caminho. É só isso que ele quer.

NADINHO - E a mim eu também sei porque.

FERNANDO - Por que?

NADINHO - Pra se vingá da Heloísa. Mas eu acho que não vou dá esse gosto pra ele, não, sabe?

FERNANDO - Por que?

NADINHO - Me atirá contra o valho eu não posso, Fernando. Por isso eu já resolvi o que vou fazê.

FERNANDO - O que é?

NADINHO - Eu vou me matá.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL - A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO

FERNANDO - Você está louco, Nadinho?!... Como é que você pode pensar numa coisa dessas, rapaz?

NADINHO - Si eu não me matá, eles me matam, então pelo menos eu não dou esse gosto a eles.

FERNANDO - Não dá esse gosto a eles mas dá um desgosto ainda maior à família. E o Beto, de qualquer forma, alcança o seu objetivo que é fazer sua gente sofrer. Você tem que tirar essa ideia da cabeça. Ela não resolve bolufas.

NADINHO - Então você acha que eu devo fazê o que êles querem? Devo atã cá o meu pai?

FERNANDO - Não, não acho, mas também não concordo em que você tome uma re solução desesperada que não vai trazer nenhum benefício a você nem à sua gente.

NADINHO - Pra minha gente pode não trazê, mas pra mim traz porque me ~~deixam~~ deixa livre de toda essa catrefada.

FERNANDO - Nadinho eu sou mais velho que você, já tenho um pouco mais de experiência da vida e posso lhe assegurar que nunca é bom pra cipitar as coisas. Às vezes, no último instante da hora extrema, tudo pode se modificar como que por um passe de mágica. Encha-se de coragem para lutar e vamos tocar pra frente. Eu estarei ao seu lado.

NADINHO - Nossa luta vai sê em vão, Fernando. Êles vão nos vencê.

FERNANDO - Mas morrer lutando é uma coisa; entregá-se sem qualquer reeção é outra. A primeira é uma morte gloriosa, a segunda uma morte inglória.

NADINHO - Tanto faz.

FERNANDO - Você está cansado, oprimido, é por isso. Mas atenda ao meu pa dido por favor, Nadinho. Não faça nenhuma loucura. Combinado?

NADINHO - Se não fizê hoje, amanhã ou depois vou sê obrigado a fazê... Ven a dê no mesmo.

FERNANDO - Não vai ser obrigado a fazer, não. (TOM) Escute uma coisa: você quer entregar essa questão para mim? Quer deixar que eu resolva o que se vai fazer?

NADINHO - Você inda tem esperança de que se encontre uma solução boa?

FERNANDO - Esperança, não. Tenho a certeza de que vai se encontrar. Dei xa essa questão contigo? (PAUSA) Responda, Nadinho, eu preciso que você me dê sua autorização para tomar as minhas providên cias. (PAUSA) Quer ou não quer que eu resolva o negócio pra vç cê? Diga com freqüenza.

NADINHO - (PAUSA) Tá bem. Fica o caso na sua mão.

FERNANDO - Mas tem uma coisa: você vai fazer direitinho tudo quanto eu dig ser; concorda?

NADINHO - Tá bem.

FERNANDO - E também não vai me perguntar mais nada a respeito do assunto.

NADINHO - Por que?

FERNANDO - Bom, é a condição que eu imponho.

NADINHO - Tá bem, se você que agarrá o abacaxi pra você pode agarrá.

FERNANDO - Mas aquele negócio que você disse aí, não se fala nem se pensa mais, ~~mas~~ E agora vamos buscar a Márcia e a Heloisa e vamos todos comer um gostoso salsichão aí numa churrascaria, ~~mas~~

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - O que é que você quer aqui, outra vez?

DOQUINHA - Bas noite, premeiro, que nós num drumiam junto e nem se falemo hoje. Bas noite ou saravá, se tú é irmão de terrero, o que eu duvido muito práquê eu já vi que tu é mitido a grande, e grande num vai em terrero. (TOM) Qué dizê, num vai... num vai na frente da gente, mas quando aperta o sapato e o santo de braço num dá mais vorta, aí eles corre pra lá, mas incandidinho que eles num pode se desmoralizê me, servi de chacota pra niq'guem. Branco rico tem muita vorta, vô te dizê. Tu sabe. Tu sabe bem, num percise eu te dizê.

REGINALDO - Escute aqui, rapariga, eu...

DOQUINHA - (CORTA, RÁPIDO) Rapariga é mulê de sordado e o meu nego num é sordado.

REGINALDO - E se fôsse, você acha que teria alguns coisa de mal?

DOQUINHA - São... tê num tinha. Eu intá que gosto de uma ferda que vô te dizê. O nego drumiu no ponto, pois óia, eu já tô com um sordado do lado, bem bela. E olando as otras nêga de riba.

REGINALDO - Mas então porque você falou daquela maneira que rapariga é mulher de soldado?

DOQUINHA - Práquê era um dito que a minha mã' falicida mãe - que Deus tenha ela muito tempo lá em riba sem eu - tinha e que eu gosto de ar-respondê pras pessoas. Só por isso. Achô ruim, quem sabe?

REGINALDO - Quer dizer... você falou por falar e eu já vi que você gosta muito disto, mas eu tenho ainda que atender a patrão e não

posso estar aqui a ouvir você falar como um papagaio para, no fim, não dizer nada que se aproveite. Quer dizer ao que veio?

DOQUINHA - Não dizê nada que se aproveite?! Mas o disafôro desse bode.

REGINALDO - Respeito, menina, respeito que eu sou mais velho que você.

DOQUINHA - Respeito, é? E tã num me chamô eu de rapariga? Quem cumeçô foi tu; num tem que te queixá.

REGINALDO - Quer dizer ao que veio? Se trouxe algum recado, trate logo de dá-lo que ôs meus afazeres estão parados.

DOQUINHA - Pois manda andá; eu que me importa. Vim trazê um recado, sim. Eu quiris falá com uma moça que mora aqui, pur nome... pur nome... pera sí que eu sei, deixa eu me alembrá...

REGINALDO - Heloiss?

DOQUINHA - Não. Não é êsse nome. É otro mais flotoante.

REGINALDO - Márcia.

DOQUINHA - Isso. Si tu sabia pruquê num disse logo? Pra cansá a minha bz leza? Tu é chato, hein cavanhaco!

REGINALDO - Como é que eu podia saber pra quem é que você trazia o recado? Pensei primeiro na Heloisa; não sendo ela só podia ser a outra. O que é que você quer com ela? Pode dar o recado.

DOQUINHA - Ah, não posso. Dá o recado num posso e nem dizê quem foi que mandô êle, pruquê o seu Beto disse pra mim que era pra não dizê. Pode censá de me pruguntá pruquê eu num digo.

REGINALDO - Está bem, já não é preciso que você diga quem mandou. Mas se não quer deixar o recado terá que voltar amanhã de manhã porque êles saíram todos com um amigo para comer salsichões e devan voltar sítas horas da noite.

DOQUINHA - Credo! Pra cumê sarchichão demora tanto? É gente nemo que gosta de fazê fricote. Bota um xarxicão na minha frente em duas bocada eu engulo êle. (TOM) Intão qué dizê que num tão?

REGINALDO - É. Não estão.

DOQUINHA - Saíro?

REGINALDO - Claro. Se não estão é porque saíram.

DOQUINHA - Fórum cumê xaxixão?

REGINALDO - (IMPACIENTE) Eu já não disse que foram?

DOQUINHA - É quando eles come xaxixão fica comendo intê de madrugada?

REGINALDO - (SECO) É.

DOQUINHA - Puxa vida que sempre que eu venho aqui, num encontro as pessoa pra falá, tu já viu? É gente ruêra, credo! E enquanto êles pag seia, lá fora, tu mangolão, aqui drento trabalhando pra êles, num é? Tu já pensô nesse assunti, cavanha?

REGINALDO - Já. Cada um nasceu com a sua missão e não adianta meia dúzia de vagabundos quererem reformar o mundo, para viverem à graça de, sem trabalhar. Eles falam mal dos que têm dinheiro, mas se esquecem que ~~esses~~ ^{esses} ou os pais, ou os avós trabalharam pra ter e a maior parte ~~deles~~ continua trabalhando pra conservar o patrimônio recebido. Em troca, o que é que esses reformadores fazem? Assaltam, roubam, matam para terem dinheiro e poderem gozar as mesma regalias.

DOQUINHA - Ih, cavanha, tu te apiana e num fala munto arto que si êles te ouve tu falá desse jeito êles te bota no artigo.

REGINALDO - E você pensa que eu tenho medo? Não tenho medo, não. Por mim, eu pouco me importo com o que êles possam me fazer e não vou deixar de dizer o que sinto. Olha, menina, eu já fui moço e já tive dessas ideias na minha cabeça, mas depois que amadureci e observei os homens, as suas ideologias e a contradição das suas atitudes, larguei tudo de mão e fui trabalhar. E nunca fiz coisa mais acertada na minha vida. (TOM) Mas é bobagem eu estar aqui falando essas coisas pra você porque você nem pode compreender.

DOQUINHA - (OFENDIDA) Num posso comprendê praquê? Tá ache que eu sô bugra, é? Pois ôia bode ingomado, pra ti vê que eu num sô ansim tão inguorante como tu pensa eu vô te dizê que acho que tudo isso que tu disse aí é que tá certo, viu?

REGINALDO - Desculpa, então, o que eu disse. Vejo, agora, que você é muito mais inteligente do que eu imaginava.

DOQUINHA - (FACEIRA) Ah, tambem ansim é bobage. São modéstias da sua palte.

- REGINALDO - São verdades e as verdades devem ser ditas. Quer entrar para descer um pouco e tomar um café?
- DOQUINHA - Fica pra outro dia. Eu tenho que voltar que o seu Beto ficou lá esperando eu da reposta, sabe?
- REGINALDO - Diga para ele que não tinha ninguém em casa.
- DOQUINHA - Ele vai ficar safado da vida. Ele queria convidar a dona Márcia pra sair com ele. Mandou dizer que tem um retrato pra entregar pra ela.
- REGINALDO - Esse retrato nem está interessando a mais ninguém aqui em casa, portanto não vai servir de motivo a um encontro entre eles.
- DOQUINHA - Dou essa reposta pra ele?
- REGINALDO - Não, não. Diga que não tinha ninguém em casa, apenas.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM RUIDOS DE NOITE NUM JARDIM.
- FERNANDO - Gostou do passeio?
- MÁRCIA - Nem sei como agradecer a você a noite maravilhosa que nos proporcionou. Se ela foi boa para mim, foi melhor, ainda, para Heloisa e em Nadinho que andavam muito tristonhos e preocupados e hoje, por instantes, pareceram esquecer suas tristezas.
- FERNANDO - Aliás minha intenção foi precisamente essa, do contrário nós teríamos ido jantar sózinhos e não policiados como fomos.
- MÁRCIA - Você é uma criatura maravilhosa, Fernando. A cada dia que passa e a cada novo gesto de você, mais o admiro. E cada vez compreendo menos que você... (TRANSIÇÃO) Bem, vamos deixar esse assunto de parte. Eu já tinha jurado a mim mesma não tocar mais nesse assunto pra você.
- FERNANDO - Por que? Pensa que me aborrece ou me contraria? Nada disso. Pode falar e dizer tudo que quiser. Eu lhe autorizo a isto. E quanto a você dizer que sou maravilhoso, eu peço licença para contestar, dizendo que maravilhoso é você que, com a sua doçura e a sua meiguice, apontou um novo caminho para a minha vida. Não sei se me permitirão trilhá-lo, mas a verdade é que eu já o vislumbrei.

- MÁRCIA - Por que não vai poder trilhá-lo? Deus é maior e mais poderoso que os homens e é a Ele que eu venho me dirigindo todas as noites, pedindo que você e Nadinho possam livrar-se dos garçons que os aprisionam. E Ele vai me atender, tenho certeza.
- FERNANDO - Você nem sabe como é bom a gente poder ouvir falar a voz da esperança.
- MÁRCIA - A voz da fé, porque é a fé que nos faz manter viva a esperança. Eu tenho muita fé em Deus, Fernando. Você não crê n'Ele?
- FERNANDO - Estou começando a crer, depois que conheci você.
- MÁRCIA - Você nunca amou, antes, Fernando? Diga com sinceridade,
- FERNANDO - Amei, sim. Amei e fui traído. Em consequência da traição veio a revolta e eu comecei a me vingar da falsidade de uma fazenda falsidade às outras. E por esse caminho eu trilhei longo tempo. De repente, a luz. Não posso explicar bem o que aconteceu. Só sei que tudo foi diferente desde o primeiro olhar e o primeiro sorriso. E veio, então, o arrependimento de todas as coisas mal feitas que havia feito antes; mas estavam feitas e não havia mais remédio. Agora, a claridade que se abriu no meu caminho parece que já me permite ver mais longe e eu começo a ter esperança de poder salvar-me.
- MÁRCIA - Você já está salvo, Fernando. Desde o momento em que a pessoa passa a reconhecer e admitir seu erro que ela entra no caminho da salvação.
- FERNANDO - Estou agora empenhado, de corpo e alma, em salvar Nadinho. O coitado está completamente perdido e desorientado. E o pior de tudo é que está bastante medroso do que lhe possa acontecer. Eu gostaria de pedir a você que me ajudasse a salvá-lo e...
- MÁRCIA - (CORTA) Mas eu não tenho outro empenho que não seja este. Só que Nadinho não deixa a gente se aproximar muito dele. Fecha-se num mutismo total e repela qualquer espécie de ajuda que a gente ofereça para ele. Ontem mesmo ele ainda fez isto comigo.
- FERNANDO - Pode ser que hoje ele já não proceda da mesma forma com você. Se tiver oportunidade, tente para ver.

- MÁRCIA - Agora êle já deve ter se deitado, mas amanhã eu tentarei no-
vamente.
- FERNANDO - Bem, querida, a noite está linda, a sua companhia maravilho-
sa, mas eu devo me levantar bem cedo amanhã para um encontro
com o Beto, antes de ir para a Faculdade. (AMOROSO) Boa noi-
te.
- MÁRCIA - (AMOROSA) Boa noite. (PAUSA LONGA, SUSPIRO DOS DOIS)
- FERNANDO - Perdôe-me. Eu... eu talvez não devesse, mas... não resisti
ao ímpeto de beijá-la.
- MÁRCIA - Não tenho porque perdôá-lo porque... porque eu também tive a
minha parcela de culpa. Quando um não quer...
- FERNANDO - ... dois não beijam. (RIEM)
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL
- BETO - O negócio tem que sê amanhã ou depois. O Chefe não qué esperá
mais. Disse que êsse negócio já tá muito demorado e que êle
precisa desse dinheiro pra comprá um armamento na fronteira.
- NADINHO - Mas a questão é que si êle esperá mais uns dois ou tres dia,
êle pode pegê um encaixe grosso que a Companhia Vale do Rio
Doce vai fazê. Fazê dois dias antes pra pegá a metade, eu
acho que não compensa.
- BETO - E você garante que daqui a três dia êle pode pegê o dôbro?
- NADINHO - Mais que o dobro, até. Eu onte ainda fui lá e fiquei conversan-
do um tempão com um dos tesourero e êle me disse que nas três
feira é que é dia de contá dinheiro grosso por causa dos depô-
sito da Vale do Rio Doce.
- BETO - Bom, então vamo fazê o seguinte: o trabalho fica marcado pra
terça feira que vem. Daqui a três dia, portanto. Na segunda
feira, de noite, nós nos reunimo pra traçé direitinho o pla-
no e cada um ficá sabendo o que tem que fazê. Certo?
- NADINHO - Por mim tá. Agora, tem uma condição que eu vou botá: ninguem
vai atirá no velho, tá?
- BETO - Desde que êle não se meta e reagi eu já disse pra você que nín-
guem atira nele. Se reagi, o negócio já fica por conta dele.

- NADINHO - O velho não vai reagir que ele não é de briga. Isso eu sei.
- BETO - Pois então você não precisa ficar com medo, que não vai acontecer nada pra ele. (TON) Onde é que vocês foram ontem?
- NADINHO - Numa churrascaria. Depois ficamos lá ouvindo música, voltamos quase à uma hora da manhã.
- BETO - (CUIDADOSO, QUERENDO COLHER) Quem é que foi?
- NADINHO - Eu, a Heloisa e a Márcia.
- BETO - Só?
- NADINHO - (MEDROSO) Só. Que dizê... depois lá foram chegando outras pessoas.
- BETO - (QUEIXA) Quem?
- NADINHO - Colegas da Heloisa... amigos da gente... Ficaram ali um pouco com a gente mas depois foram embora.
- BETO - Eu sabia que vocês tinham saído. Mandeí lá um recado e não tinha ninguém em casa. Bem, então agora eu vou conversar com o chefe e vou dizê pra ele que o serviço ficou pra terça-feira que é dia de encaixe gordo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

- HELOISA - Você está pretendendo encontrar-se com Beto outra vez, Márcia?
- MÁRCIA - Eu preciso me encontrar com ele, Heloisa. Eu preciso.
- HELOISA - Mas precisa por que? Eu não entendo. Depois do que já lhe aconteceu com ele? Era pra você nem pensar mais em avistar esse cara.
- MÁRCIA - Heloisa, eu não queria afligir você, mas para que você também não fique fazendo mau juízo de mim, vou ser obrigada a dizer-lhe a verdade: eu preciso falar com Beto para ver se consigo salvar Nadinho.
- HELOISA - Como salvar Nadinho? Eu não estou entendendo bem onde você quer chegar. Salvar Nadinho de que?
- MÁRCIA - Ele foi destacado para outra missão, Heloisa.
- OPERADOR - EXPLOSÃO MUSICAL. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM BG.
- HELOISA - Meu Deus!...
- MÁRCIA - Ouvi dizer que mais perigosa do que a primeira, onde ele foi ferido.
- HELOISA - E o que é que você pretende fazer?

MÁRCIA - Falar com Beto e prometer-lhe o que ele quizer desde que consiga substituir Nadinho por outro companheiro qualquer.

HELOISA - Prometer-lhe o que quizer? Você está louca? Que você procure salvá-lo eu compreendo porque também faria isto se pudesse, mas não a preço tão alto. Isto não se admite. Afinal Nadinho já deixou de ser criança e se meteu nessas coisas porque quiz. Necessidade ele não tinha nenhuma.

MÁRCIA - São os arroubos da mocidade que a gente deve procurar compreender, Heloisa. Eles acham bonito terem os pais numa situação boa e serem contra ela. E os espertos estão aí mesmo para aproveitarem-se das crianças inexperientes.

HELOISA - Você já pensou onde é que vai avistar-se com ele? Seria conveniente que não fôsse muito longe de casa. Talvez no jardim, numa hora em que papai já estivesse acomodado. Aí, pelo menos, eu e Reginaldo estaríamos alertas para prestar-lhe socorro em caso de necessidade.

MÁRCIA - Vamos ver. Si ele concordar, marcarei aqui mesmo no jardim, mas si ele não aceitar o local, estou disposta a correr qualquer risco para ajudar Nadinho.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL = FUNDE COM RUIDOS DE JARDIM, PASSAROS ETC.

BETO - Você pode avaliar das minhas boas intenções pelo local que marquei para o nosso encontro. Um jardim onde há pássaros e crianças. Dá claro, a sua cheia, sem você correr nenhum risco. E mais: veja que tã de beca nova, colarinho e gravata em homenagem a você.

MÁRCIA - Obrigada. Eu preferia que entrássemos logo no assunto para evitar delongas. Que condições você impõe para tirar Nadinho do próximo trabalho que o grupo vai executar?

BETO - (DESAGRADADO) Como é que você sabe desse trabalho? Ele falou alguma coisa em casa?

MÁRCIA - Não. Ele não falou. Pelo contrário. Eu tentei falar e ele correu comigo do quarto.

BETO - Mas como é que você soube?

- MÁRCIA - Não soube. Calculei. Estou tendo a confirmação agora, por você. Nadinho estava triste e abichornado, como ficou da outra vez; não era difícil deduzir que o motivo deveria ser o mesmo. E a violência com que me repeliu, lá do seu quarto, deu-me ainda uma certeza maior. Foi por isso que me dispuz a falar com você porque sabia que você seria a única pessoa capaz de poder ~~fazer~~ fazer alguma coisa em seu favor, dentro da organização.
- BETO - Não sei, não... eu... eu bem que gostaria de podê fazê alguma coisa por você, mas... o chefe é duro como o diabo. Depois que êle envereda pra um lado não há quem faça êle mudê pra outro.
- MÁRCIA - Você pode. Eu sei que você pode. E só por isso é que vim falar ~~com~~ com você, do contrário jamais falaria depois do que sucedeu entre nós.
- BETO - Não fale nisso por favor, Márcia. Eu sinto vergonha. Eu tô arrependido, pode acreditá e se pudesse passá uma esponja e apagá tudo aquilo eu apagava.
- MÁRCIA - Está nas suas mãos apagar. ~~Rã~~ Tire Nadinho desse trabalho e eu considerarei tudo apagado.
- BETO - Você me pede uma coisa muito difícil, mas eu vou procurá fazê.
- OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE. CAI PARA BG.
- LOCUTOR - Este foi o vigésimo quinto capítulo da novela de Érico Cramer, "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO" que a Rádio Gaúcha apresenta, para vocês, diariamente neste horário. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos do cast radio teatral da Gaúcha: (RELAÇÃO DOS ARTISTAS) Ouça, amanhã, neste mesma hora a sequência desta emocionante novela.
- OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

.....

- Novela de Érico Cramer -

26º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao término do vigésimo quinto capítulo da novela "Meu Pai, qual o caminho certo?" deixamos Beto e Márcia num jardim, à luz de ~~tarde~~ tarde, num encontro forçado pelo rapaz mas desejado pela moça que esperava poder salvar seu irmão do precipício que advinha à sua frente. E o diálogo entre eles foi interrompido mais ou menos a esta altura:

07.11.
20.11

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA - FUNDE COM JARDIM, CRIANÇAS, PÁSSAROS, REALEJO, ETC.

MÁRCIA - Eu me dispuz a falar com você, porque sabia que você seria a única pessoa capaz de poder fazer alguma coisa em favor de meu irmão, dentro da organização.

BETO - Não sei, não... eu... eu bem que gostaria de podê fazê algu ma coisa por você, mas... o chefe é duro como o diabo. Depois que êle envereda pra um lado, não há quem faça êle mudá pra outro.

MÁRCIA - Você pode. Eu sei que você pode. E é só por isso que vim falá com você, do contrário jamais falaria, depois do que succ deu entre nós.

BETO - Não fale nisso por favor, Márcia. Eu sinto vergonha. Eu tô arrependido, pode acreditá e se pudesse passá uma esponja e apagá tudo aquilo, eu apagava.

MÁRCIA - Está nas suas mãos apagar. Tire Nadinho desse trabalho e eu considerarei tudo apagado.

BETO - Você me pede uma coisa muito difícil, mas eu vou procurá fa zê.

MÁRCIA - Bem, então você vai me dar licença, mas eu preciso voltar pa ra casa.

BETO - Espere um pouquinho. Eu tenho uma coisa pra lhe dá.

~~MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?~~
~~MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?~~
~~MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?~~

MÁRCIA - Que é?

BETO - Isto. Você tinha me pedido; lembra-se?

MÁRCIA - Ah, sim. O retrato de Heloisa. Não creio que ela agora faça muita questão dele, em todo o caso eu vou levar. Obrigada.

BETO - Espere mais um pouco. Eu gosto de você, sabe? Por isso que lhe dei o retrato. E não dava nem pra minha mãe si ela pedisse.

MÁRCIA - Eu lhe agradeço. E procure fazer o que lhe pedi que ficarei mais grata ainda.

BETO - E se eu não consegui? Pode acontecer. Eu já lhe disse que o chefe não é mole.

MÁRCIA - Se não conseguir, não fale mais comigo.

BETO - Ah, não, mas assim também não vale. Eu vô fazê força, mas não sô eu que mando.

MÁRCIA - Eu já disse: se não conseguir, não fale mais comigo.

BETO - E se eu consegui? Você casa comigo?

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL

MÁRCIA - O que?!... Você... você falou em casar?

BETO - Falei. Perguntei si eu consegui safá o Nadinho se você casa comigo.

MÁRCIA - Não posso lhe responder nada, por enquanto.

~~MÁRCIA - Não posso lhe responder nada, por enquanto.~~

BETO - Você gosta do Fernando; não é?

MÁRCIA - Gosto.

BETO - Ele também tá destacado pro serviço.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL

MÁRCIA - Ele... ele também? Não me disse nada. Absolutamente nada.

BETO - Não pode dizê. Nem eu posso dizê. Tô dizendo pra você.

MÁRCIA - Beto, e se eu lhe pedisse pra...

BETO - (CORTE) Não, para aí. Você não vai me pedi pra tirá o Fernando também do brinquedo; não é? Um já vai sê difícil você já tá querendo dois? E depois êsse cara eu não tenho interesse nenhum de safá ele. Lá aí, êsse cara nem que você me pedisse eu não safava. Não gosto dele.

MÁRCIA - Está bem. Eu vou agora. Está começando a escurecer e eu não quero que a minha gente fique aflita.

BETO - Eles sabem que você veio se encontrá comigo?

MÁRCIA - Sabem. Não queriam que eu viesse. Custou-me convencê-los.

BETO - Agora você já acredita um pouco mais em mim; não acredita?

MÁRCIA - Vou começar a acreditar mesmo de verdade, no momento em que vou vê salvar Nadinho. Até logo e obrigada.

BETO - Não posso ir com você até lá?

MÁRCIA - É melhor não. Deixe-me ir sósinha. Quando é que posso ter a sua resposta a respeito de meu irmão?

BETO - Só no dia do serviço, mas ainda não tá marcado. Eu mando lhe avisá; tá bom?

MÁRCIA - Está. Vou esperar. Adeus.

BETO - Adeus, não. Até breve. Eu quero voltá a me encontrá com você.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL - FUNDE COM RUIDOS DE BAR

FERNANDO - Eu estava aflito que você chegasse pra lhe contar as novidades.

NADINHO - Eu demorei um pouco mais porque o Beto me prendeu pra perguntá uns negócio lá que, pra falá bem a verdade, eu não cheguei ~~nem~~ a entendê.

FERNANDO - Pois as novidades que eu tenho para você, são justamente sobre o Beto.

NADINHO - É mesmo? Que é que há?

FERNANDO - Ele se encontrou com a Márcia; você sabia, não?

NADINHO - Quando? Aquela vez?

FERNANDO - Não, rapaz. Ontem, de tarde.

NADINHO - Ah, não sabia. Isso pra mim é novidade total. Mas se encontraram pra que?

FERNANDO - Márcia foi falá com êle pra safá você.

NADINHO - Guria chata. Em tudo tem que se metê. Como é que ela sabia?

FERNANDO - Saber ela não sabia, como continua não sabendo. Mas mulher você sabe como é, tem uma intuição danada de certas coisas. Viu você triste, preocupado, calculou logo. Decidiu aceitar o encontro que êle vinha propondo a ela há muito tempo, para pedir

por você. E o melhor é que ele prometeu pra ela que ia conversar com o chefe pra ver se conseguia botar outro no seu lugar.

NADINHO - O chefe não vai deixá.

FERNANDO - Eu também acho que não, mas mesmo que deixe, você agora deve fazer questão de tomar parte no trabalho.

NADINHO - Ué, rapaz, você enlouqueceu de repente? Pois não era isso que nos queria?

FERNANDO - Vai por mim, rapaz. Eu já tô com o negócio todo aqui dentro, arquitetado. Faz tudo como eles te mandarem e deixa o resto por minha conta.

NADINHO - Mas não era mais fácil se ele conseguisse me safá?

FERNANDO - Nadinho, você conhece o Beto como eu conheço. Você sabe que o Beto não prega prego sem estoupa. Você acha que ele iria safar você pela sua linda cara? Ele vai pedir horrores pra Márcia. E ela, pra salvar você, é capaz de fazer o que ele exigir. Você não tem o direito de sujeitar sua irmã a um vexame qualquer.

NADINHO - Pra que essa gurria foi se metê? Agora é capaz de complicá tudo mais ainda.

FERNANDO - Nadinho, não seja ingrato. Pense que foi só por querer bem a você que ela se sujeitou a enfrentar um sujeito pelo qual ela sente asco. Foi pela bondade infinita do seu coração que ela fez isto. Viu você triste, preocupado, quiz correr logo em seu auxílio. Por que você acha que as coisas podem se complicar mais?

NADINHO - Si eles me tiram agora do negócio eu vou tê que brigá pra fazê. E si eles não deixam eu fazê?

FERNANDO - O Chefe não vai concordar, Nadinho, porque eles precisam de você para poderem chegar até ao gabinete de seu pai. Pelo menos pra isto eles precisam. Se depois liberarem você, melhor. Mas isto você precisa fazer porque sua irmã tem que ter a certeza de que você não foi liberado, entende? De que Beto não conseguiu tirar você da jogada. Seu pai tem que lhe ver para poder dizer que você esteve no gabinete, impedindo, assim, que

Beto possa fazer chantagem com ela, mantendo-lhe que conseguiu tirá-lo da jogada.

NADINHO - E você acha que o velho vai me perdoar de servi de passaporte pra cara que vai assaltarê-lo?

FERNANDO - Nadinho, você foi ludibriado por ele. É a coisa mais fácil de acontecer. Qualquer dúvida estou eu aqui para confirmar. E depois, se você puder ficar no gabinete, ainda será muito melhor. Será uma garantia para o seu velho. Qualquer coisa, você está ali para defendê-lo.

NADINHO - Eles me garantiram que não vão fazer nada no velho. Só se o velho reagir.

FERNANDO - Está vendo? Já deixaram a porta aberta. "Só se o velho reagir" Si eles quiserem matar o velho, vão dizer que ele reagiu. E você não estando presente vai poder desmenti-los? Não vai.

NADINHO - É, Fernando, você tem razão. Eu não tinha pensado nesse disso.

FERNANDO - A gente não pensa, mas eles pensam tudo. Pensam e fazem tudo. Até mesmo as coisas mais incríveis. Nadinho, chegou a hora de nós começarmos a lutar contra eles, antes que eles nos sufocem.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Desde ontem à noite que eu chuleava um momento de poder estar só com você para lhe fazer um presente.

HELOISA - Que é isto?

MÁRCIA - Veja.

C/REGRA - DESMEMBRAR UM PORTAL COM PAPEL COMDM.

HELOISA - (ALEGRE E SURPREZA) Meu retrato?!...

OPERADOR - ACORDE DE ALÉRIA.

HELOISA - Meu Deus, como foi que você conseguiu arrancar isto da mão da quele bandido?!...

MÁRCIA - Sem nenhum esforço. Vou lhe dizer que nem houve mérito da minha parte, porque depois que conversamos sobre Nadinho e eu me levantei para sair, ele me entregou espontaneamente o seu retrato. Eu até fiquei sem saber o que dizer.

- HELOISA - Sabe que eu não estou entendendo o jogo dele? Palavra que não estou.
- MÁRCIA - Estava todo arrumado... de gravata... Disse que se arrependeu de fazer aquela papelão comigo e só desejava apagar a lembrança ruim que eu devia ter guardado dele.
- HELOISA - Credo, Márcia, você não vai me dizer que aquela peste está gostando de você?
- MÁRCIA - Ele disse que está, mas eu de coração prefiro que não esteja. Sabe que me propoz casar com ele?
- OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.
- HELOISA - Está louco! Está bêbado! Não se enxerga aquele porco. Você não deve deixar ele tocar nem na barra do seu vestido.
- MÁRCIA - Mas não me tocou. Nem ele era louco.
- HELOISA - Você que não sabe. Aquilo é capaz de tudo. De tudo mesmo. É capaz, inclusive, de fingir gostar de alguém para conseguir os seus intentos.
- MÁRCIA - Bem, seja como fôr, a entrevista serviu para alguma coisa. Trouxe o seu retrato de volta e a promessa de que ele vai fazer empenho de tirar Nadinho do próximo serviço de tal de organização.
- HELOISA - Seria bom a gente saber para avisar os que eles estão querendo levar, mas parece que eles só dizem o local na hora do assalto.
- MÁRCIA - Eles sabem se defender, mas mesmo que nós viessemos a descobrir onde seria o negócio, não poderíamos avisar porque estaríamos pondo em perigo as vidas de Nadinho e de Fernando. Temos que ficar bem quietinhas.
- HELOISA - Em todo o caso, a título de curiosidade, você podia insistir com Fernando para saber onde é.
- MÁRCIA - Nem é preciso; si ele soubesse já me teria dito. Ele que não disse é porque não sabe.
- HELOISA - Márcia você desculpe a minha curiosidade, mas o que foi que Beito exigiu de você para livrar Nadinho?
- MÁRCIA - Queria que eu me casasse com ele, mas eu não me comprometi. Disse-lhe que não podia dizer nada por enquanto. Seria uma questão para resolver depois.

HELOISA - Mas êle vai cobrar isto de você, pode ficar certa.

MÁRCIA - Pode cobrar. Eu não tenho dívida, não me acho no dever de pagar. (TOM) Olhe, parece que o automovel de papai está chegando. Vamos ao seu encontro?

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Chefe, há um assunto muito importante que me tráiz aqui, fora de hora e fora do ponto de reunião. Vai me desculpá, né?

VOZ ✓ - (GROSSA) Fala.

BETO - Eu tive pensando nesse garoto, o Sagüi e cheguei à conclusão que êle é capaz de enterrá a gente. O garoto é novo, filhinho de papai, nunca dá as cordenada certa, é capaz de botá os outros companhero a perdê. Por isso que eu vim falá com o senhor pra gente dá um geito e botá outro no lugar dele.

VOZ ✓ - Não.

BETO - Mas chefe, nós não vamo botá um grupo de gente boa nas mão dos tira, só por causa dum. Parece bestera, né? Então é muito mais negócio deixá o cara de lado e arrumá o golpe de outro geito. Eu sei que levando o garoto, a gente tinha a facilidade de entrá no gabinete do velho sem sê revistado, mas eu me lembrei do garoto escrevê um cartão apresentando o companhero. Acho que nêsse caso o cara não vai sê revistado.

VOZ ✓ - E se for?

BETO - Bem aê, só o que pode acontecê é tirarem a arma dele enquanto êle estivé lá dentro. Ele leva um plá já preparado pra êsse caso e na saída pega a arma de volta.

VOZ ✓ - E o assalto?

BETO - Fica pra outro dia. Afinal eu acho que é melhor demorá mais e levá o negócio na certa, do que fazê as coisa mais depressa e se se estrepá numa volta. Que é o que vai acontecê se o garoto entrá na jogada. Ele é nervoso, êle não tem calma, não tem prática, não tem nada. Só tem vontade, mas não é o que chega. Preciá de muitas outras coisa. Assim a gente deixava êle de parte agora, trenava êle mais um pouco, botava êle noutros servicinho

- pra agarrá mais prática e quando largasse êle já largava firme.
O chefe não acha que eu tô com a razão?

VOZ ✓ - Não.

BETO - Que dizê que o Chefe insiste que o plano continue como foi traçado a primeira vez? Mesmo que o negócio seja mal sucedido?

VOZ ✓ - Insisto.

BETO - Tá bem, o que eu tinha que dizê já disse, agora não tenho mais responsabilid,de no negócio. Mas se sai m, l nós vamos perdê aí uns três ou quatro companhero bom e depois não bote a culpa em cima de mim. Eu avisei.

VOZ ✓ - Tá bem. Vai embora.

BETO - ~~NIXI~~ Oquêi.

C/REGRA - PASSOS QUE VÃO SEMPRE NA MESMA ALTURA. PORTA QUE ABRE E FECHA EM PRIMEIRO PLANO.

BETO - (MEIO TOM) Esse cara é duro que é de amargé, mas eu não vou deság ti que eu não quero perdê aquela guria de geito nenhum e êsse vai sê o único geito de me limpá com ela.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

EUGÊNIA - Oh, ~~afixia~~ Dinah, era você? Desculpe a demora. O Reginaldo me disse que tinha uma senhora me procurando, eu pensei que fôsse alguém de cerimônia e fui fazer toalete.

DINAH - Não tem importância. Como vai você? Vê-se que étimamente, pelo seu aspecto.

EUGÊNIA - É, felizmente vou muito bem, graças a Deus. A que devo o prazer dessa visita, você quem ha tanto tempo não aparecia na minha casa?

DINAH - Bem, é o seguinte: o padre Augusto está realizando um trabalho muito bonito na nossa escola paroquial. Arranjando padrinhos para os alunos mais pobres, sabe? ~~Os~~ Os padrinhos assinam um termo de responsabilidade junto à escola e ficam custeando os estudos do afilhado. A escola, por sua vez, encarrega-se de fiscalizar o procedimento do aluno e obrigá-lo a levar a sério os seus estudos. Então o Padre Augusto pediu a cada uma de

nós, paroquianos para arranjar tres casais que se comprometam sem a proteger tres dos alunos da escola. Eu me lembrei de você, Eugênia e de seu marido que são criaturas tão boas e que sempre nos ajudam quando temos as nossas rifas ou qualquer outro movimento filantrópico.

EUGÊNIA - E quanto é que vai sair isso em termos de dinheiro?

DINAH - Eu trago aqui um prospecto com todos os esclarecimentos necessários e os preços dos diversos cursos que o aluno poderá fazer. Naturalmente que eu não vou exigir que você me dê uma resposta agora. Sei que você terá que consultar seu marido e resolver com ele, posteriormente, qual dos cursos vocês estarão dispostos a custear. Ai nós vamos procurar o aluno cujo desejo coincida com o curso escolhido por vocês. Ele virá, aqui acompanhado do Padre Augusto para conhecer os padrinhos que na ocasião já assinam o termo de responsabilidade trazido pelo padre.

EUGÊNIA - Está bem, eu fico com o prospecto e logo mais já mostro ao Hermes. Amanhã ele estuda direitinho o assunto e acho que depois de amanhã já poderei mandar uma resposta a você.

DINAH - Não há maior pressa. Se você quiser, eu posso voltar aqui na semana que vem. Ou então, quando a Lindaura aparecer, você pode me mandar a resposta por ela. Ela vai lá em casa quasi que todos os dias. Ontem ainda esteve lá.

EUGÊNIA - É aqui ela tambem vem muito seguido para saber as novidades da sociedade. Basta haver uma festa e já no dia seguinte ela está aqui para saber como foi.

DINAH - A Lindaura é uma ótima criatura. Um pouco irreverente, às vezes, mas no fundo uma excelente amiga.

EUGÊNIA - Você disse "um pouco" irreverente? Muito irreverente. E agressiva tambem. Mas é como você diz. No fundo, uma excelente amiga.

DINAH - Diz as coisas da gente na cara da gente, mas é incapaz de falar pelas costas. Eu acho isto extraordinário. Pelo menos a gente sabe com quem está lidando.

EUGÊNIA - É claro. Eu às vezes me choco com ela, mas depois considero que é melhor assim.

DINAH - Sem dúvida. Muito melhor. Bem, mas você tem sempre tantos afazeres que eu não tenho o direito de lhe roubar mais tempo. Obrigada pela gentileza da sua acolhida e transmita um abraço ao seu marido.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL - FUNDE COM RUÍDO DE PRAÇA - PÁSSAROS ETC.

MÁRCIA - Você já está aqui há muito tempo?

BETO - Uns quinze minutos, pelo menos.

MÁRCIA - Desculpe, eu me atrasei um pouco. Qual é a notícia que tem pra mim? Boa ou má?

BETO - Bem... não é tão boa quanto eu desejaria que fosse mas também ninguém pode dizê que seja má. Melhorou a coisa.

MÁRCIA - Como, melhorou? Não entendi bem o que você quis dizer.

BETO - É o seguinte: não consegui tirá o Nadinho completamente da jogada porque o chefe empacou que não teve jeito, mas troquei o lugar dele, que era um lugar de muita responsabilidade e de muito perigo, por um lugar canja, canja. Ele vai só cobrir a retirada dum outro cara, atrevessando o carro dele na boca da rua, fingindo que o carro estragou. Não corre risco nenhum, ninguém pode acusá êle de coisa nenhuma e êle vem dali tranqüilito pra casa sem precisá olhá pra traz. (PAUSA) Tá satisfeita?

MÁRCIA - Bem, vamos ver. Se tudo for assim, realmente...

BETO - Tudo vai sê assim, igual como eu disse. Você vai vê.

MÁRCIA - Deus permita. Bem, por ora eu agradeço o seu interesse. Depois de tudo passado, espero poder vir aqui fazer-lhe um agradecimento mais concreto.

BETO - Vai podê. Você vai vê como vai podê. Mas já se levantou por que? Já vai embora?

MÁRCIA - Já. Estou com hora marcada no dentista e tenho quinze minutos pra chegar até lá. Depois de tudo passado, talvez possamos conversar com mais vagar.

BETO - Espero que sim. Eu boto uma encadernação toda nova pra encontrá com você, você conversa dois minutos e já qué dá o fora?

MÁRCIA - Já disse a você o motivo. Outro dia conversaremos mais tempo.

BETO - Tá prometendo, hein? Quero vê se depois vai esquecer.

MÁRCIA - Eu não costumo esquecer o que prometo. Esteja descansado. Adeus.

BETO - Até o próximo encontro.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER EM LAGE. SE AFASTANDO.

BETO - (ENTREDENTES) Eu sei qual é o dentista que ela tem. Fernando deve tá por aí, em qualquer esquina, à espera dela. Mas éle que vá se despedindo porque terça feira vai sê o dia dele. Quando éle dé a marcha ré pra entupi a boca da rua, vai o carro, vai éle, vai tudo pro bejeléo. E aí fica tudo por conta dos tira.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - O que é que você tem Reginaldo? Parece tão nervoso, tão inquieto... Esfregando as mãos como se estivesse sentindo frio...

REGINALDO - E estou com frio mesmo. Tenho a impressão de que peguei uma boa gripe. Sabe como é... noites mal passadas... as preocupações não deixam a gente dormir como precisaria... e então o cansaço vai se acumulando... a gente vai se desgastando fisicamente... o organismo vai enfraquecendo e a doença encontra campo fértil.

HELOISA - Por que você não tira umas férias e não vai para fora descansar de verdade?

REGINALDO - Agora? Justamente agora que as coisas não estão nada boas por aqui? Não, Heloisa, eu não teria coragem de abandonar vocês agora. Eu... eu... (ESTÁ TONTO E FALA COM DIFICULDADE) eu...

HELOISA - (NERVOSA E AFLITA) Reginaldo... o que é que você está sentindo? (GRITANDO) Reginaldo... Reginaldo...

C/REGRA - TRAMBULHÃO. CAI CADEIRA E CORPO DE HOMEM NO CHÃO.

HELOISA - (DÁ UM GRITO AGUDO DE PAVOR)

OPERADOR - ENTRA EM CIMA DO GRITO COM EXPLOSÃO MUSICAL E FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO. CAI PARA BG.

LOCUTOR - Este foi o vigésimo sexto capítulo da novela de Érico Cramer, "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO" que teve hoje o seguinte desempenho... (RELAÇÃO DOS ARTISTAS ESCALADOS) Ouça amanhã, neste mesmo horário mais um capítulo desta emocionante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

- NOVELA DE ERICO CRAMER -27º CAPÍTULOOPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

07.11.
2011

LOCUTOR - Ao final do vigésimo sexto capítulo desta novela, deixamos Heloisa e o velho Reginaldo, conversando na sala de jantar da casa do doutor Hermes. O velho mordomo parecia inquieto e nervoso, chamando a atenção da moça que o observou...

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SOME

HELOISA - O que é que você tem, Reginaldo? Parece tão nervoso... tão inquieto... Esfregando as mãos como se estivesse sentindo frio.

REGINALDO - E estou com frio, mesmo. Tenho a impressão de que peguei uma boa gripe. Sabe como é... noites mal passadas... as preocupações não deixam a gente dormir como precisaria... e então o cansaço vai se acumulando... a gente vai se desgastando fisicamente... o organismo vai enfraquecendo e a doença encontra campo fértil.

HELOISA - Por que você não tira umas férias e não vai para fora descansar de verdade?

REGINALDO - Agora? Justamente agora, que as coisas não estão nada boas por aqui? Não, Heloisa, eu não teria coragem de abandonar vocês agora. Eu... eu... (LONTO E COM DIFICULDADE) eu... eu...

HELOISA - (NERVOSA E AFLITA) Reginaldo... que é que você está sentindo?
(GRITANDO) Reginaldo... Reginaldo...

C/REGRA - TRAMBOLHÃO. CAÍM CADEIRA E CORPO DE HOMEM NO CHÃO.HELOISA - (DÁ UM GRITO AGUDO DE PAVOR)OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL, A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM CORRENDO. PASSOS DE HOMEM.HERMES - Que foi, minha filha?! Que aconteceu?!...HELOISA - Reginaldo, papai, veja. Ele está desfalecido.HERMES - Depressa, chame o pronto socorro pelo telefone e em seguida venha me ajudar a levá-lo para a cama.C/REGRA - PASSOS DE HELOISA QUE SE AFASTAM CORRENDO.

HERMES - Reginaldo... que aconteceu, meu velho? Vamos... Resja, Reginaldo. Você é forte... sempre foi... Nós precisamos de você, não se esqueça... (CHAMANDO) Reginaldo, meu velho... faça força, vamos... não se entregue...

EUGÊNIA - Que aconteceu que a Heloisa está chamando o pronto socorro no telefone... (CORTA) Meu Deus, Reginaldo, que foi? Ele está morto? Ele está morto, Hermes?!...

HERMES - Não, Eugênia, eu tenho a impressão de que foi apenas um desmaio, mas de qualquer forma será bom que venha o pronto socorro para examiná-lo como deve ser. Acalme-se você e procure ajudar-me. Ampare aqui a cabeça dele enquanto eu vou buscar um travesseiro no quarto mais próximo.

EUGÊNIA - Eu acho que não posso fazer nada... estou muito nervosa...

C/REGRA - PASSOS DE HELOISA QUE VOLTA CORRENDO.

HELOISA - O pronto socorro diz que vem em seguida mas que não se mexa com ele. Que deixe no chão como está e não se levante a cabeça.

HERMES - Está vendo? E eu já ia buscar um travesseiro pensando em dar-lhe mais comodidade.

HELOISA - Não, não. Eles disseram que principalmente não se levante a cabeça que é para o sangue circular melhor.

EUGÊNIA - Minha filha... eu... eu estou me sentindo mal...

HELOISA - Óra, mãe, exatamente agora? Não, não, desista. Sente-se aqui e fique quieta. Se não pode ajudar, pelo menos não atrapalhe.

OPERADOR - SIRENE DE PRONTO SOCORRO, AO LONGE MAS AUDÍVEL

HERMES - Olhe, já aí vem o pronto socorro. Eu vou ao portão recebê-los.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - O que é que o médico acha, papai? É grave?

HERMES - Não, minha filha, ele não acha que seja um caso grave. Classificou o desmaio como um distúrbio cardíaco, talvez em consequência de cansaço ou até mesmo pelo próprio resfriado que ele foi acometido e que não cuidou devidamente, mas como já é uma pessoa de uma certa idade, deve ter cuidado e principalmente fazer uns dias de absoluto repouso. Eu até estava pensando se não seria melhor mandá-lo para uma clínica, onde ele seria mais bem cui-

dado e onde não abusaria, porque aqui ele vai querer se levantar logo e não vai fazer o repouso que precisa.

MÁRCIA - Papai, eu vou pedir ao senhor que não fale em clínica ao Reginaldo. Ele pode não entender a sua intenção e magoar-se. Sabe como é, as pessoas mais velhas tornam-se desconfiadas e por uma palavrinha que se diga podem criar um romance. O senhor deixe que eu cuide dela. Vai ser até uma finalidade e uma distração.

HERMES - Acontece que com você ele vai abusar, vai fazer coisas que não deve e pode, inclusive, ter uma recaída. Você sabe que uma recaída de gripe, na idade dele é uma coisa que inspira cuidado.

MÁRCIA - Ele não vai abusar comigo, não; pode estar certo. Eu sou muito calma, muito acomodada, mas em se tratando de doença sou bastante severa. Afianço-lhe que ele vai fazer direitinho o que eu quiser e não vai me dar trabalho. Ele está dormindo?

HERMES - Está. O médico deu-lhe duas injeções e acho que uma delas é calmante. Acredito que vá dormir muitas horas.

MÁRCIA - É melhor. Ele tinha me dito que estava dormindo muito pouco ultimamente e assim, pelo menos, ele recupera o sono estrazado. O senhor pode sair tranquilo, se tem alguma coisa a fazer, porque eu vou ficar por aqui de alcateia. Até já peguei um livro para ler, porque assim o tempo passa mais depressa.

HERMES - Coitado do Reginaldo! Ele andou aí recebendo carta de um sobrinho... sabe lá se não se aborreceu com as notícias. Eles só incomodam o pobre do tio. Em De vez em quando, lá vai uma remessa de dinheiro. Em vez de ajudarem ao pobre do velho ainda tiram dele.

MÁRCIA - Os moços de hoje não pensam muito no que fazem; não é papai? Parece que querem viver a hora presente e não pensar no amanhã.

HERMES - No amanhã? Não pensam nem no logo mais. Aqui por casa também é mais ou menos assim. Contra a minha vontade, mas Eugênia sempre achou que não se devia torcer a personalidade das crianças... e elas, com isto, foram fazendo, sempre, o que quiseram.

MÁRCIA - É a chamada educação moderna. Agora é assim.

HERMES - Educação moderna, nada, minha filha. Isso tudo é produto do comodismo da turma. Não querem ter trabalho - porque educar dá trabalho - e então, para não confessar que deixam tudo ao Deus não dar, desculpam-se com o modernismo. (TOM) Bem, minha filha, eu vou para o quarto ler um pouco, mais tarde volto por aqui.

MÁRCIA - Não precisa voltar. Pode deitar-se descaçado que eu vou ficar por aqui. Quando tiver sono cochilo ali naquela cadeira, bem defronte à porta que aí eu posso controlar todos os movimentos de Reginaldo.

HERMES - Boa noite então, minha filha. (BEIJO)

MÁRCIA - Boa noite, papai. Descanse bem.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

C/REGRA - TORNEIRA COM ÁGUA CORRENDO E ROUPA ENSABOADA NUMA TÁBUA.

DOQUINHA - (CANTANDO) De dia me lava a roupa, de noite me beija a boca e assim nós vamos vivendo de amor. Se ~~acauso~~ você chegasse no meu chatô e encontrasse aquela mulé que você gostô...

BETO - (~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ (DE LONGE CHAMANDO) Doquinha!... Oh Doquinha!... Onde é que você se meteu, negrinha danada?

DOQUINHA - (GRITANDO PARA LONGE) Tô aqui no fundo do quintá lavando a roupa e é bão que você saiba que eu sô neguinha mas não sou do seu fugão, tá uvindo? (RESMUNGANDO) Mania de chamá a gente de nega, já se viu? Por acaso eu num tenho nome? Precisa me chamá desse jeito?

C/REGRA - PASSOS DE BETO EM CÉU BATIDO, SE APROXIMANDO.

BETO - Fuma vida! Tu precisa tá escondê aqui pra lavá a roupa? Não pô dia lavá lá mais perto da casa?

DOQUINHA - E eu terei culpa, por acaso, que o tanque xege aqui no fundo do quintá? Se num tá satisfeito, manda mudá ele mais lá pra perto que eu num me incomodo, intê vou gostá.

BETO - Escuta, eu preciso que tu me dê um recado pro Fernando e outro pro Saguí, hoje ainda, sem falta.

DOQUINHA - Eu ainda vou tê, que i na casa desses dois miseráve?

- BETO - Não. Os dois vão aparecer aqui; ficou combinado. Eles vão te procurar pra saber alguma coisa e tu vais dizer a ambos que devem estar aqui às oito horas da noite. Entendeste bem.
- DOQUINHA - Intindi, que eu num sô burra, gracias a Deus. É pra dizê pra ~~dizê~~ eles que os dois tem que tá no ambos às oito hora da noite.
- BETO - Que tá no ambos, Doquinha; quem foi que te disse isto?
- DOQUINHA - Ué, o sinhô memo que acabô de dizê, arriessa. Diz as coisa e depois agarante que num diz?
- BETO - Doquinha, presta atenção: ambos qué dizê os dois. Que os dois têm que tá aqui hoje às oito horas da noite. Aqui, não é no ~~âmbos~~ ambos. Entendeste agora?
- DOQUINHA - Agora intindi. Num intindi a primeira veiz praquê o sinhô enrole tudo.
- BETO - Repete. Eu quero ter certeza de que tu antendeste porque isto é muito importante.
- DOQUINHA - Que é pro se Fernando e o seu Nadinho tá aqui, no ambos, às oito hora da noite hoje.
- BETO - Deixa o ambos, Doquinha. O ambos não entra.
- DOQUINHA - Mas o sinhô disse.
- ~~BETO~~ DOQUINHA - Pois é, eu disse, mas já retirei. Praos dois estarem aqui, hoje, às oito hora da noite.
- DOQUINHA - Tá bem. Com o ambos fica mais bunitô, mas sem o ambos fica mais fárci de dizê. Que pra elas os dois tá aqui hoje sem falta às oito hora da noite.
- BETO - Isto. Agora foi bem como manda o figurino. Tu vai fazê almoço, hoje?
- DOQUINHA - De certo que vou. Entonce vou deixá o passuá sem gororoba? Num dá. Tem três pra cumê hoje ai.
- BETO - Tinha tres. Agora tem quatro porque eu tambem vou filá o teu pirão hoje. Não vou tê tempo de i em casa almoçá e tá de volta às duas hora.
- DOQUINHA - Mas óia, já vô dizê uma coisa que o almoço num vai sê cedo que eu tenho toda essa roupa pra lavá primero.

BETO - Então bota fogo na cangica que ao meio dia e pouco eu tô aí pra prová o pirão, tchau.

C/REGRA - PASSOS EM TERRA BATIDA, VÃO SE AFASTANDO. VOLTA A ROUPA A SER BATIDA NA CÁBOA.

DOQUINHA - (CANTANDO) De que vale o céu azul e o sol sempre a' briá, si vancê num vem e eu estou a le esperá. Só tenho vancê no meu pensamento ...

OPERADOR - VAI COBRINDO A CANTORIA DELA COM A CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Eu estava desejando que você aparecesse aqui para levar uma resposta à sua amiga Dinah. Ela esteve aqui falando comigo sobre uns cursos que o Padre Augusto vai fazer e trouxe um prospecto para nós escolhermos o curso que estaríamos dispostos a custear para um dos alunos pobres da paróquia.

LINDAURA - A Dinah sempre pedindo, mas coitada, ela não sabe dizer não e o padre Augusto se aproveita disto.

EUGÊNIA - O Hermes já marcou, no prospecto, dois cursos. Todos dois de contabilistas. Um éle ~~marcará~~ vai custear por conta própria, e o outro por conta do Banco.

LINDAURA - Ih, ela vai ficar radiante! Ontem ela me perguntou se você não me havia falado a respeito, mas eu não tinha estado aqui. Hoje eu não pretendia passar lá, mas agora vou. Escuta, Eugênia, a copeira me abriu a porta e disse que o Reginaldo está doente? Que é que éle tem?

EUGÊNIA - Lindaure de Deus, você nem queira saber o susto que êsse homem me deu! Eu venho chegando da rua e quando entro na copa está éle estendido no chão, branco como cera de vela, sem um pingo de sangue no rosto, os olhos fechados, a boca entreaberta... a impressão que me deu foi a de que estava morto. Quasi tive uma coisa. Tremia tanto... tanto... que nem podia manter-me nas pernas. Heloiss me sentou numa cadeira, trouxe um pouco d'agua para eu tomar e ainda teve que me esfregar alcool nos pulsos porque sinão o pronto socorro ia ter que atender a dois em vez de um. Que susto, criatura! Nem te conto.

LINDAURA - Mas afinal o que foi que ele teve? Uma síncope?

EUGENIA - Não sei. Os médicos falaram aí num distúrbio cardíaco, mas bem o que foi eles não disseram.

LINDAURA - Ah eles não dizem. Eu não conheço ninguém que enrole mais a gente do que os médicos. Eles não são capazes de dizer: é isto. Eles ficam dando voltas, dando voltas, sugerindo possibilidades de ser isto ou aquilo, pedem uma infinidade de exames de laboratório, no fim o cliente fica bem sem saber o que teve e eles também sem ter certeza do que foi. Coisas triste, Deus me perdõe. Eu, graças a Deus até hoje, nunca andei na mão de médico. Fui sempre muito forte e gosei de boa saúde, mas se um dia precisar e ele cair na asneira de começar a me cosinhar no bafe, vai ter. Vai ter porque eu não sou de meias medidas, já vou bôtar meus manguitos de fora e a coisa vai acabar fatalmente em briga.

EUGENIA - Esperamos que você não precise de médico para que isso não aconteça. Pois olhe, nós aqui não temos nenhuma razão de queixa do nosso. Pelo contrário. Eu lamento que ele agora esteja viajando e não tivéssemos podido chamá-lo pra Reginaldo. Ele é formidável. A gente ainda não terminou de dizer tudo que sente e ele já está de diagnóstico feito. E não erra. Pelo menos até hoje, comosco nunca errou.

LINDAURA - É, mas são muito raros os que fazem assim. Eu sempre tenho um pé atrás para os médicos.

EUGENIA - Para os médicos? Você tem o pé atrás para todo o mundo, Lindaura, desculpe que lhe diga. Você nunca acredita totalmente nas criaturas. Para você, e mais perfeita tem sempre um senão.

LINDAURA - Sabe o que acontece? Eu sou franca. Digo o que sinto. Não sou mascarada, dessas que pela frente chamam a gente de amoreco, de queridinha, de riquinha, de engraçadinha e tudo mais que acaba eminha e pelas costas estão chamando de chata, de aborrecida, de antipática, de enjoada, isto quando não dizem coisas piadas. E é por isso que você diz que eu tenho o pé atrás para todo o mundo. Tenho, não nego, mas eu sou como sou e não faço questão de parecer diferente.

- FERNANDO - Como está êle, depois daquela hora que eu telefonei?
- MÁRCIA - Melhorou, felizmente. Consegui fazer com que tomasse uma xícara de caldo porque não havia meio de querer tomar nada.
- FERNANDO - Mas a gripe, quando é muito forte, deixa a pessoa inapetente.
- MÁRCIA - O que é que você fez toda a tarde? Estudou?
- FERNANDO - Exato. Depois fui à Igreja do Bomfim rezar para Santa Catarina, atendendo ao seu pedido.
- MÁRCIA - Santa Catarina é que nos protege contra os nossos inimigos.
- FERNANDO - Você me disse. E eu vou precisar muito dela amanhã.
- MÁRCIA - (SUSTINHO) amanhã? Já? (PAUSA) É certo?
- FERNANDO - Penso que sim. Recebemos ordem de estar no ponto hoje às oito horas. Eu e Nadinho.
- MÁRCIA - Beto prometeu trocar o trabalho de Nadinho para um menos arriscado. O seu qual é? Você sabe?
- FERNANDO - Não tenho a menor ideia. Nenhum de nós tem, até à hora de entrar no serviço. Antes, naturalmente, ficamos sabendo que a tantas horas devemos estar aqui ou ali. Depois, no próprio local, é que recebemos as instruções finais. Eles são precavidos. E você? Não está cansada de ter passado a noite toda em claro?
- MÁRCIA - Não. E por mais estranho que pareça, não senti sono. Aproveitei para pensar, rezar, pedir a proteção de Deus, para todos nós, mas especialmente para vocês e todos os demais rapazes que, levados pelo seu ideal, foram envolvidos pelo submundo do crime. Pedi muito, muito ao Pai que lhes mostrasse o caminho certo e não permitisse que êles se afogassem no mar da revolta e da descrença.
- FERNANDO - E Deus não poderá deixar de atender a um anjo como você, querida.
- MÁRCIA - Querida! Você me chamou de querida! Nunca imaginei que fôsse tão bom ser chamada assim por alguém a quem a gente queira.
- FERNANDO - Querida, sim. Muito querida! Ah, Márcia, se não fôsse você o que seria de mim, hoje? Não sei se teria tido força bastante para reconhecer os meus erros e voltar sobre os próprios passos. Se chegar a vencer totalmente esta luta, hei de abençoá-la pelo resto dos meus dias.

MÁRCIA - Você vai vencer, sim, meu amor. Deus vai guiar os seus passos e em breve você estará trilhando o caminho da vitória.

FERNANDO - Espero que sim. Tenho quási que a certeza que sim. (PAUSA E TOM) Eu gostaria de dar uma palavrinha ao Reginaldo, antes de ir embora, mas ele dorme tão profundamente que não acredito que se acorde antes d'eu sair.

MÁRCIA - Eu direi a êle que você esteve aqui fazendo-lhe uma visitinha e desejando-lhe pronto restabelecimento.

FERNANDO - Faça-me êste favor. E amanhã, se houver chance eu virei aqui antes de realizar-se a grande façanha. E se tudo correr bem... depois dela também virei.

MÁRCIA - Eu estarei aqui de rosário na mão, rezando por vocês.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

G/ REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE CHAMA TRES OU QUATRO VEZES. LEVANTAR FO - NE DO GANCHO.

HELOISA - Pronto. Quem fala?

✓ NADINHO - (FILTRO) Sou eu Heloisa, o Nadinho.

HELOISA - Que é que há?

NADINHO - É pra avisá vocês que eu não vou dormir em casa esta noite. Vou ficar por aqui.

HELOISA - Onde você vai ficar, Nadinho?

NADINHO - Por aqui. Com Fernando, Beto e a turma toda.

HELOISA - Já sei. Você quer falar com a mãe ou com a Márcia eu vou chamar.

NADINHO - Não, não. A mãe, você sabe, começa a perguntar coisas e daqui não se pode; entende?

HELOISA - Claro que entendo. Você vai dar notícias amanhã?

NADINHO - Acredito que possa. Tudo vai depender das instruções que receber.

HELOISA - Sei. Espero que você possa voltar logo que se despache do seu trabalho que é pra gente não ficar aqui sem saber nada.

NADINHO - Eu também espero. Como é que está o Reginaldo agora? Melhorou?

HELOISA - A Márcia acha que sim. Disse que êle está um pouco mais animado, agora. Vocês já tiveram a reunião?

NADINHO - Até agora, não. Parece que o Chefe está ocupado, sei lá.

HELOISA - Marcaram oito horas, você saiu sem jantar, são onze da noite e nada.

NADINHO - Cavacos do ofício. Dá um beijo pra mãe e um abraço pra toda a turma.

HELOISA - Nadinho, você guardou a santinha que a Márcia lhe deu?

NADINHO - Tá comigo.

HELOISA - Peça pra ela que proteja você. Nós aqui vamos ficar todos pagando por você e por Fernando. Tchau. Um beijo.

~~G/REGRA~~ DESLIGA TELEFONE. PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMA.

EUGÊNIA - Quem era, a esta hora da noite, minha filha?

HELOISA - O Nadinho, mãe. Pra avisar que não vem dormir em casa.

EUGÊNIA - Que estará para acontecer, meu Deus?! Ele nunca fez isto. Cançou de dormir na rua e não avisar nada...

HELOISA - Ele teve necessidade. PRECISAVA OUVIR A VOZ DE ALGUÉM DE CASA.

EUGÊNIA - Ué! A trôco de que?

HELOISA - (IMPACIENTE) A trôco de nada, mãe. Há dias que a gente tem dessas coisas, como há dias que a gente sente vontade de comer determinadas coisas, de ir a certos lugares... mistérios da natureza humana.

EUGÊNIA - E já que ele se deu ao trabalho de avisar que não vinha dormir em casa, disse, ao menos, onde é que ia ficar?

HELOISA - Na casa do Fernando, aquele amigo dele que anda cortejando a Márcia. Eles parece que arrenjaram um serviço pra fazer, sei lá.

EUGÊNIA - Está bem. Eu vou dar uma olhadinha no Reginaldo e depois vou me deitar. Estou muito cansada hoje. Boa noite minha filha.

HELOISA - Boa noite, mãe, durma bem.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FEMDR COM RELOGIO DE TORRE BATENDO DIAS HORAS.

BETO - Duas hora da manhã! O Chefe judiou da gente hoje. Vamos conversá.

FERNANDO - Você não acha melhor a gente dormir e deixar a conversa para amanhã de manhã?

BETO - Nada disso. Vamos combiná tudo agora. Amanhã a gente faz uma reunião recapitulação na hora de sei. A Doquinho, tá aí pra fazê um café pra gente?

